

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SABADO, 21 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 703 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE LOTARIA
NO
CAMPIÃO
A CASA DA RUA DO ADEJO
QUE TEM SEMPRE A AMPARA DE SANTA CASA

RODÉSIA: República em 11 de Novembro

SALISBURY, 21 — (R.) — O primeiro-ministro Ian Smith indicou hoje claramente que a Rodésia proclamará a República em 11 de Novembro deste ano, quarto aniversário da independência.

Falando numa conferência de Imprensa depois de uma vitória estrondosa no referendo constitucional, Smith, quando lhe perguntaram quando daria o próximo passo, proclamando a República, disse: «Ainda não decidimos». Porém,

quando lhe perguntaram se a data podia ser o dia 11 de Novembro, respondeu: «É difícil ver algum inconveniente nessa data».

Enquanto Smith falava, estavam a chegar os resultados das zonas rurais que votaram no referendo, mas

nessa altura há muito que a vitória era certa.

As primeiras horas de hoje Smith já tinha 73 por cento de «sim» para as propostas de uma nova Constituição separatista e 81,6 por cento de votos a favor da República. É provável que os resultados de 10 eleitorados, que ainda não chegaram, aumentem esta margem.

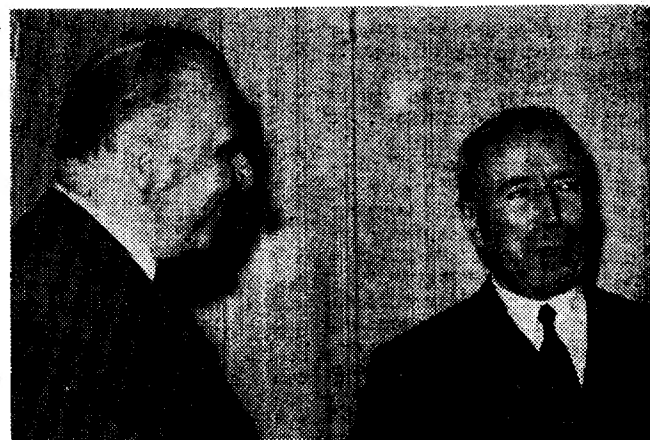
Smith declarou na conferência de Imprensa que não via hipótese de renovar as discussões com a Grã-Bretanha antes da nova constituição da Rodésia entrar em vigor. Por outro lado o ministro britânico encarregado dos assuntos da Rodésia disse que se aquele país votasse «sim» no referendo nunca mais dialogaria com Ian Smith.

A reacção do mundo exterior ao novo acto de desafio

de Ian Smith foi rápida. Porém, a maioria dos rodésianos brancos parece não se importar com isso.

Já preparados para os rigores das sanções, eles parecem despreocupados pelas perspectivas de uma quarentena a impor à Rodésia que os países afro-asiáticos estão a fazer pressão para que seja adoptada no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O Conselho reunir-se-á na segunda-feira em

(Continua na 14.ª pag.)



Pompidou e Antoine Pinay: uma união em causa. Pinay, ex-membro do M. R. P., o partido demo-cristão da IV República, presidente do Conselho durante o regime deposto em 1958, ministro das Finanças do general de Gaulle de 1958 a 1960, revelou que recusara essa pasta no primeiro Governo de Pompidou. Dará hoje, contudo, uma última e definitiva resposta ao novo presidente

GISCARD D'ESTAING PROVÁVEL ALTERNATIVA PARA ANTOINE PINAY

PARIS, 21 — (A. N. I.) — O presidente Pompidou e o seu primeiro-ministro designado, Jacques Chaban-Delmas, reunem-se hoje novamente para elaborarem a lista do novo Governo francês,

que deve ser anunciada, segundo círculos fidedignos, amanhã à noite.

Antoine Pinay, que foi ministro das Finanças e a quem

(Continua na última página)



NOVO FILME DE BRIGITTE

Num muito oportuno choque de automóveis, o «Rolls» de Brigitte Bardot estabelece relações com o «2CV» de Jean Pierre Cassel — e a paixão ulmina ambos imediatamente. É este o argumento do novo filme que Michel Deville roda neste momento nos estúdios de Epinay, em França. A fotografia mostra Brigitte Bardot numa cena do filme

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

CONFIAMOS NA VITÓRIA DA ACADÉMICA

— declarou-nos
o presidente
da Associação
coimbrã

(Ler na página 20)

A TV NÃO TRANSMITE A FINAL DA TAÇA

INACEITÁVEIS AS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELA FEDERAÇÃO

— SEGUNDO DECLARA A R. T. P.

A propósito da não transmissão da final da Taça de Portugal (facto que encontrou uma reacção extremamente desfavorável na opinião pública de todo o País) recebemos da Radiotelevisão Portuguesa o seguinte comunicado:

«A R. T. P., por considerar inaceitáveis as condições que lhe foram transmitidas pela Federação Portuguesa de Futebol, depois de consultados os clubes interessados para

a transmissão directa do jogo da final da Taça de Portugal — pagamento de 200 contos de direitos e a garantia do pagamento da diferença entre o montante dos bilhetes vendidos e a verba correspondente à lotação esgotada do Estádio Nacional — não transmitirá amanhã como já foi anunciado por aquela Federação, o jogo a disputar entre o Sport Lisboa e Benfica e a Associação Académica de Coimbra.

MAFRA ENTROU NA «REBITA»



Mafrinha aderiu ao folclore de Angola. Veio para o palco. Farreou, e, mais do que isso, entrou com o pé-direito no seu pé-de-rebita. Fez a sua «banga» e, faz favor (!), fê-la entusiasticamente.

(LER REPORTAGEM NA PAG. 15)

O dr. Covas Lima homenageado hoje em Beja

BEJA, 21 — A propósito da passagem do 40.º aniversário da sua actividade profissional, foi hoje prestada homenagem ao dr. António Covas Lima, prestigioso médico radiologista nesta cidade e que noutros sectores tem desenvolvido uma notável acção.

Assinala-se especialmente a sua iniciativa de há anos a favor dos tuberculosos pobres, criando, a fim de os auxiliar materialmente, a seara do dispensário.

A homenagem associaram-se não só os médicos de todo o distrito mas também as autoridades dos meios representativos e instituições regionais.

O programa da cerimónia abriu com o descerramento da lápida que dá o nome dr. Covas Lima à rua de acesso ao novo hospital regional. Discursou o presidente da Câmara, dr. Fernando Nunes Ribeiro; seguindo-se uma reunião médica na qual preferiram lições os profs. da Faculdade de Medicina de Lisboa, drs. Arsénio Cordeliro e Celestino da Costa.

Seguir-se-á uma sessão do Grémio no ginásio do Liceu, sob a presidência do governador civil do distrito em representação do ministro da Saúde. Discursarão os drs. Manuel Marques da Costa, médico em Beja, Eduardo Vilalinho, director do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, prof. Albano Ramos, presidente da Sociedade Portuguesa de Radiologia e prof. da Universidade do Porto e dr. Aires de Sousa, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Nesta sessão serão entregues ao homenageado as medalhas de ouro das Câmaras de Beja, Serpa, Moura e ainda outras distinções que

O GENERAL GOODPASTER FOI-SE EMBORA

Deixa hoje Portugal, onde chegou ontem, o general Goodpaster, que em breve assumirá o comando das Forças Aliadas na Europa.

O general chegou ontem à tarde em avião militar especial, acompanhado pela esposa e por dois ajudantes, partindo esta tarde para a base aérea de Rota (Espanha). O general Andrew Goodpaster é, actualmente, o comandante-chefe das forças americanas na Europa.

Nas 24 horas que permaneceu no nosso País, o general Goodpaster avistou-se com o ministro da Defesa portuguesa e com o almirante Fluckey, chefe do M. A. A. G. em Portugal.

«Este foi mais um contraponto para me orientar e receber uma orientação», disse o general.

«Estive aqui para ouvir e aprender. Mais tarde, talvez em Julho, voltarei a Lisboa, dessa vez para apresentar cumprimentos às autoridades portuguesas na qualidade de comandante supremo das forças aliadas na Europa».

VIDA SOCIAL

DR. MARIO CARDIA
Foi recentemente eleito membro honorário da Academia Brasileira de Medicina e director de «O Médico», dr. Mário Cardia, que actualmente se encontra em Lucerna para tomar parte no Congresso Internacional da Imprensa Médica.



DR. COVAS LIMA

lhe foram atribuídas por vários organismos e colectividades do Distrito e, por fim, realizar-se-á também no Liceu um banquete em que estão inscritas perto de 400 pessoas.

SINTOMA DE VALORIZAÇÃO CRESCENTE

O aumento de capital do Banco do Alentejo assinalou grande subida no número de accionistas

EVORA, 21 — Com a celebração da escritura, na sua sede nesta cidade, o Banco do Alentejo realizou o acto mais importante do seu último aumento de capital. Foi perante o notário da Comarca, dr. Francisco Manuel Moreno, e tendo como intervenientes o presidente do Conselho de Administração, dr. Quirino dos Santos Mealha, e os administradores capitão João Evangelista Duarte da Silveira e Rodolfo da Silva Abrantes, que o acto se realizou.

O capital do Banco do Alentejo passou de 50.130 contos para 75.000 contos, pela emissão de 165.800 acções do valor nominal de 150\$00, postas à subscrição (em preferência para os accionistas) pelo valor de 205\$00.

Dado que a diferença, por acção, de 55\$00, é exclusivamente destinada a Fundos de Reserva, o montante de capital e reservas subiu para 102.989 contos.

Tal acto reveste-se do maior significado, aliás referido pelo dr. Francisco Moreno, que teve palavras de muita simpatia para o Banco do Alentejo, afirmando congratular-se, como alentejano, por participar na sua celebração, salientando o que poderia a instituição contribuir para o progresso da província, palavras que o Presidente do Conselho de Administração agradeceu.

Na verdade, o Banco do

Alentejo tem observado progresso assinalável que se pode traduzir na passagem em três anos de 11.520 contos de capital para o valor ora atingido. Acresce que, paralelamente, se tem verificado aumento do número

de accionistas em cada novo aumento de capital. A esta subscrição concorreram 1.229 accionistas, número que ultrapassou em 448 o total dos que tinham concorrido ao anterior aumento de capital efectuado em 1967.

Confraternização dos professores

Num hotel dos arredores de Lisboa realizou-se hoje o já tradicional almoço de confraternização dos professores do Colégio Moderno. Ao todo cerca de 50 pessoas.

Assistiram ainda os membros da direcção, tendo presidido a figura veneranda do director e fundador daquele

do Colégio Moderno

acreditado estabelecimento de ensino, o prof. João Soares.

O almoço decorreu no meio do melhor espírito de convivência e de camaradagem, tendo-se trocado afectuosos brindes.

DE ONTEM PARA HOJE

OS HOMENS DA FAZENDA

Reuniram-se em torno do director-geral da Fazenda Pública, dr. António Cândido Mouteira Guerreiro, que ontem completava 7 anos de exercício do cargo, todos os funcionários dos serviços centrais. Para cumprimentar o homem que orienta hoje em dia as questões da Fazenda nacional, falaram os chefes de repartição, todos eles salientando as qualidades do homenageado e a sua actuação à frente daqueles serviços. Depois foram os tesoureiros da Fazenda Pública de Lisboa que apresentaram seus cumprimentos. Depois o dr. Mouteira Guerreiro que agradeceu, muito sensibilizado todas as palavras de apreço e de estima de que era alvo e a colaboração que de todos tem recebido sem a qual nada tinha sido possível levar a cabo. «Somos um ser colectivo — disse —, e este só se realiza num ambiente de compreensão, de lealdade, de colaboração e de entusiasmo, ambiente que enobrece quem o cria e sem o qual nada de útil ou de verdadeiro se poderá construir».

O CENTENÁRIO DE GAGO COUTINHO

No Clube Militar Naval foi ontem prestada homenagem à memória de Gago Coutinho e Sacadura Cabral que foram sócios do clube. Passa agora o centenário do nascimento de Gago Coutinho. Muitos sócios do clube lembraram a personalidade do grande geógrafo, marinheiro e navegador. O último a lembrá-lo foi o sr. Presidente da República.

O VELHO PESCADOR

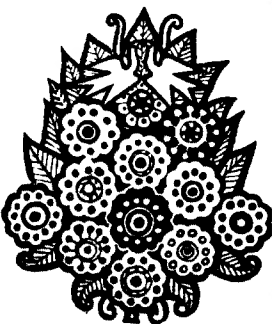
Vivia num pequeno bote o sr. António Dias, de 71 anos, pescador. Era de Válega, Ovar, e todos o conheciam pelo «Tio António Brasileiro». Alquebrado e doente, sabe-se que tem duas filhas no Brasil. Vivia de uma pensãozinha da Casa

dos Pescadores e de algum peixe que apanhava no rio. Ontem foi encontrado morto, no seu bote, o «Carolina», como ele lhe chamara. Foi lá a Polícia, mas não houve crime. Recolheu o corpo ao Instituto de Medicina Legal.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebe os srs. prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros; dr. Gonçalves Rapazote, ministro do Interior; dr. Freitas Pimentel, governador do distrito autónomo da Horta; António de Medeiros e Almeida e dr. Tito Arantes, da comissão organizadora da Fundação Salazar; dr. José Augusto Correia de Barros e eng.º Henrique Peyssoneau; e ainda os componentes da Junta Directiva do Clube de Futebol «Os Belenenses».

MERCADO DA PRIMAVERA ZONA DE BELÉM



* Centros de vendas de artesanato de todas as regiões do país.

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação

VIAGEM TURISTICA NO TEJO:

Saída às 13.15 horas — Regresso às 13.45 horas
Saída às 17 horas — Regresso às 18 horas
Saída às 20.45 horas — Regresso às 21.15 horas

BAR A BORDO DO BARCO — das 13.45 às 22 horas

VARIEDADES DIARIAMENTE

AOS SÁBADOS E DOMINGOS, A PARTIR DAS 22 HORAS, CONSUMO MÍNIMO 25\$00

RESTAURANTE DO MERCADO

Para divulgação da cozinha e dos vinhos portugueses Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO e outros organismos vinícolas bem como do comércio da especialidade.

ALMOÇO

AMANHÃ

SOPA DE ERVILHAS
ENSOPADO DE EIROSES
FEBRAS DE PORCO NA BRASA

VINHOS

BUCELAS (branco) — João Camilo Alves
CAMPELO «3 CASTELOS» (rosé) — Joaquim Miranda Campelo & F.
DÃO «PORTA DOS CAVALIROS»-1963 (tinto) — S. V. Irmãos Unidos

JANTAR

HOJE

SOPA DE MARISCOS
BACALHAU A ALFAMA
PERU ASSADO A TRASMONTANA
DOCES REGIONAIS E FRUTA

VINHOS

DÃO «POMBAL» (branco) — Soc. Com. Theotónio Pereira
MATEUS (rosé) — Soc. Com. Vinhos de Mesa de Portugal
DOURO «FAVAIS» (tinto) — Ad. Coop. de Favais

CAFÉ PURO

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Propaganda do Café

Preço por refeição:

Almoço 90\$00 Tudo incluído
Jantar 100\$00 " " "

A NOITE, FADOS: por ADA DE CASTRO e VICENTE DA CÂMARA

Reserva de mesas pelos telefones 61 39 61 e 61 34 06 a partir das 10 horas

(PARA MAIORES DE 12 ANOS)

No restaurante e no barco, actuação do conjunto «OS 3 DE PORTUGAL», a partir das 23 horas

Uma chávena de CAFÉ PURO dar-lhe-á direito a DUAS VIAGENS a ANGOLA

Informe-se e beba CAFÉ PURO no MERCADO da PRIMAVERA em Belém

DIA 29, AS 23 HORAS, SORTEIO DE DUAS VIAGENS A ANGOLA JUNTO AO STAND DO CAFÉ PURO

DIARIAMENTE abertura às 12.30 horas e encerramento às 0.30 horas
Preço de entrada
Sábados, Domingos e Feriados 5\$00
Restantes dias da semana 2\$50

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

HI-FI NA FIL

JORGE GONÇALVES EXPÕE NO STAND N.º 534, NA GALERIA AA, O MAIS MODERNO EQUIPAMENTO DE ALTA FIDELIDADE.

Em distribuição no STAND o interessante folheto como escolher um ALTIFALANTE



X FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ATÉ 23 DE JUNHO — UMA IMAGEM PORMENORIZADA DO PROGRESSO INDUSTRIAL E COMERCIAL

HORÁRIO:

Hoje e amanhã — das 15 às 24 horas

ENTRADA — 5\$00

O BISPO DE VISEU

por RAUL REGO

Desde há um século, quando se fala do Bispo de Viseu, acoremos sempre uma figura. Não sabemos quantos prelados ocuparam a Sé viseense nos últimos cem anos; homens notáveis, como D. Diogo Ortiz de Vilhegas e D. Francisco Alexandre Lobo, se sentaram antes, nesse sólio episcopal. Mas o Bispo de Viseu simplesmente é D. António Alves Martins, como se outro não tivera havido ou como se todos os mais se apagassem, delitos pela personalidade estranha e forte do frade e político, combatente de armas na mão, parlamentar, pregador e ministro que tem sua estátua no Largo de Santa Cristina, onde esteve para ser fuzilado e bem próximo do paço onde viveu e morreu.

D. António Alves Martins é dos homens mais representativos do seu tempo, em Portugal, naquela época que vai desde a guerra entre os dois irmãos, continuada em lutas e sobressaltos, até se solidificar o sistema do rotativismo político. E passou no temporal, firme com uma rocha, participando na luta, afrontando os ventos e batido da chuva, sempre a peito descoberto, todos sabendo onde ele se encontrava e qual a sua opinião. Teixeira Lopes modelou-o tal como o viram os seus contemporâneos e como ficou para os vindouros. Alto, espadado, o peito aberto, a manápula rija nessa bengala que poderia ser um varapau, os pés fincados no solo. Erguia a cabeça rústica com a altivez de quem não deve e não teme, era directo o seu olhar fuzilando o interlocutor que a boca entre comissuras era capaz de descompor, sem metáforas nem ironias. As coisas e os homens têm nos os próprios como as estivas, os carcosos, os penedos, os rios e as fontes dessa adusta Alijó onde Alves Martins nascera de família de lavradores com gerações e gerações agarradas à terra tendo desfeito muitos calhaus a poder de marreta e tocado muitas crias nas arribas do Douro.

Raquel Bordallo Pinheiro caricaturou-o no «Album das Glórias», todo terrunho, de uma só peça, nada palaciano e sem resquício da untuosidade característica de muitos eclesiásticos. «Moralidade e marmeleiro» foi a síntese feliz que o artista lhe colou e com a qual passou à história, com a força de uma divisa.

Um frade no turbilhão da guerra

O rapaz de Alijó viera para Lisboa na juventude, vestindo o hábi-

to de franciscano no Convento de Jesus. Achava-se em Coimbra quando o absolutismo miguelista cerrou suas garras sobre o País, em 1828. Alto e bom som como seria sempre sua norma se pronunciou o frade jovem contra a tirania miguelista e liberal havia de ficar até ao fim o serrano riscado da Universidade nesse mesmo ano quando frequentava o terceiro ano de Teologia. Havia suspeitas de o jovem de 20 anos estar em ligação com o movimento constitucionalista que rebentou no Porto em 18 de Maio desse mesmo ano.

Expulso da Universidade e recolhido à vida conventual, já sacerdote, iria ocupar uma capelanía da Armada, cargo tradicionalmente ocupado por franciscanos. Novamente preso e julgado ouviu ler a sentença de morte, com mais três companheiros de desdita. Deveria a pena ser executada em Viseu. Para ali seguiram os quatro, sob escolta. Parece que, em dada altura, Alves Martins invejivou o comandante e lhe exprobrou o procedimento desumano, mesmo só em obediência a ordens de cima. Toda a sua violência, sentir fundo, comunicação humana e altura de sonho devem ter extravasado em torrente nesse descampado das serras da Beira. O preso não se sentia amarfanhado e quem se sentiu varado no mais ímo de si mesmo foi o comandante da escolta que deu campo livre a todos. Andaram a monte, esfomeados e rotos, evitando este povoado e só a medo se metendo por aquele caminho; vadearam rios e acoltaram-se em silveiras.

Depois da guerra civil voltaria a Coimbra para se formar em Teologia, em 1837. Seria professor do liceu do Porto, e à Universidade voltava como professor, por pouco tempo, em 1852. Entretanto o franciscano lançava-se a fundo na política e quando tantos outros sacerdotes e religiosos se fincavam nas ideias velhas, Alves Martins, com o Padre Marcos, com o Cardeal Saraiva, três temperamentos bem diferentes aliás, e todos eles tendo experimentado a dureza da perseguição, mostrava-se um dos elementos mais catalisadores na interpenetração do liberalismo e da Religião. Com a sua rudeza nativa, este homem nada teórico embora superiormente inteligente, poderia servir de exemplificação prática àquela frase de Antero de Quental, anos depois: «O cristianismo foi a revolução no mundo antigo, a Revolução é o cristianismo no mundo moderno».

Não foi uma revolução fácil. Custou a romper a crosta dos interesses materiais, das ideias feitas e mal feitas, da carapaça dura que envolvia a religião e dela tomara conta, como se num tragal esplendoroso o joio se tornasse elemento

válido e apreciado. Naturalmente que o pão depois cozinhado sabe a amargo. E a religião vinha deturpada ao fim de gerações e gerações anquilosadas e de mentalidades deturpadas. Está ainda em curso em nossos dias e bem longe de ter findado o movimento para desinchar tal joio e nos dar um pão limpo e alvo.

Ministro não palaciano

Deputado, cônego da Sé de Lisboa, enfermeiro-mor do Hospital de S. José, pregador de fama, na luta política pôs a violência que lhe era característica. Dirigiria, no Porto, o «Nacional», onde foi redactor Camilo Castelo Branco que lhe havia de fazer depois a biografia, bem como o «Arquivo Nacional», na mesma cidade. O seu estilo de jornalista era o de orador parlamentar. Como diria Cunha Rivara: «Tem a fisionomia carrancuda e é um pouco desabrido no trato. Quando agride o contrário, não usa precauções oratórias, nem cuida em lhe dourar a pílula».

Correm histórias sem fim de no Paço, de intervenções suas em toda a parte, antes ou depois de ocupar a Sé de Viseu, quando ministro ou simples parlamentar. Aquilino Ribeiro esboçou-lhe o perfil em «Geografia Sentimental» e prometeu modelar-lhe as «Memórias», mas não as chegou a realizar. Lástima que assim tenha sido porque encontrava homem à medida para o seu génio literário: «Este carácter desenganado e expedito não o tolheu de ser um prelado exemplar, porque à sinceridade e honradez inconcussas aliava uma alma de nazareno, segundo os Evangelhos, bom com os simples, caritativo com os pobres tolerante com os infractores sem gravidade, e considerando o fanatismo o joio negro da religião».

Há um século, era ele ministro do Reino no Governo que tinha remoques parlamentares, de ditos por figura decorativa o velho marquês de Sá. Estava-se em plena transição, indiscutíveis já o parlamentarismo e as ideias liberais, mas não se tendo encontrado o verdadeiro caminho da regeneração nacional. Por um imposto de lana-caprina ardia logo Trola e el-rei Fontes enaltecia os caminhos-de-ferro, as estradas, tudo quanto significasse rapidez. Esse era o autêntico progresso, e não apenas um dos elementos para o conseguir. Era a época em que o imponente chefe de partido perorava, convictamente: «Acima do cavalo da diligência está o tramway, acima deste a locomotiva, e acima de tudo o progresso». E Oliveira Martins de comentar: «Parece inventado, e não é».

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

QUEM É O RESPONSÁVEL

HÁ PALAVRAS QUE TÊM o seu fascínio e se usam como sinal de prestígio. Outras há que se têm por incómodas, tanto como as ideias que representam. Outras ainda entram no circuito sem que nelas se dê conta do verdadeiro sentido que envolvem. E chega-se ao ponto de se suscitar verdadeira surpresa quando alguém toca a campainha que acorde para realidades que deixaram de estar presentes. O homem da campainha, nessa altura, passa em definitivo à categoria de desmancha-prazeres, uma espécie de perturbador da paz dos povos... E, não obstante, ainda que saiba como é e quanto assim, não se resigna e perturba mesmo

Aqui se tem falado algumas vezes acerca da necessidade de abrir os olhos do mundo que nos cerca e de que fazemos parte para a urgência de se ter presente o conceito de responsabilidade. É o contrapeso inevitável de tudo quanto em cada instante cada homem reivindica como o seu direito de estar no Mundo, de agir, de intervir, de ouvir e responder, de falar e esperar que lhe deem ouvidos: o direito, e a obrigação, a liberdade e a responsabilidade, ponto e contraponto, dois termos indissociáveis do mesmo binómio.

Temos insistido nisso e parece-nos apropriado não desistir. Quando todos nos sentimos justificadamente atraídos para cada um gritar o consabido «Eu quero o meu direito», bem necessário nos parece que cada um inscreva lá bem no fundo da própria consciência que a cada direito corresponde uma obrigação, que a medida de liberdade a que cada um aspira e de que não deve desistir corresponde uma inevitável e paralela medida de responsabilidade. É o preço que cada um tem de pagar e a que não tem possibilidade de se eximir.

Isso nem sempre está presente. E quando o está, perguntamos se sempre o estará em bons e devidos termos. Em situações de dúvida, em lances de hesitação, quantas vezes deparamos com a decisão tomada por alguém ter erguido a sua voz para dizer que se responsabiliza. Perguntamos, porém, em que medida é que efectivamente se responsabiliza quem se dispôs a intervir com tal declaração. E o que é que acontece quando a roda gira mal, quando as coisas viram para o torto? Quem é o responsável?

Quando o médico diz «eu tomo a responsabilidade» toma a responsabilidade de quê? E se o doente morre em que é que o médico se tem como responsável e como é que essa responsabilidade se efectiva? E se ao arquitecto lhe desaba a obra? E se ao professor a quem a sociedade confia o cargo e encargo de ensinar lhe fogem os alunos, ou não aprendem, ou «chumbam» nos exames, que é que acontece? A quem é que presta contas, quem é que lhe pede?

No caso dos professores ainda há, por sinal, uma distinção a fazer: nos escalões menores do ensino há inspecção, ainda há contas pedidas e a prestar. Mas nos escalões superiores, quem é que as presta e quem é que as pede? Pode até lembrar-se que na Universidade chegou a haver a noção consagrada de que o grande professor é o professor difícil, aquele professor distante, que não conhece os alunos e que nos exames é uma «fera». O paradoxo estava à vista: parece que o prestígio era na razão inversa do trabalho prestado.

E o jornalista? Não nos pomos de parte, nem queremos o privilégio de sermos isentos de crítica quando reivindicamos o direito de a exercer. E temos bem seguro o conceito de que responsabilidade não é apenas uma palavra bonita para jogar de circunstância, mas um encargo que se efectiva, a consciência de que essa efectivação é efectivamente efectiva.

RECTÂNGULOS DA VIDA

PALAVRAS CELESTES

Claro que o assunto dava pano para mangas, como costuma dizer-se, e, pedida, está bem de ver, conhecimentos filológicos. Tais conhecimentos, porém, perdi-os no tempo, e já não sei qual o caminho percorrido por sidera (os astros), para chegar a siderado e considerável e consideração. Estas e outras — muitas outras — são, no entanto, palavras de raiz celeste envolvidas em roupagem, por assim dizer terrena. E eu quero é referir-me às palavras celestes sem mistura neste mês em que vamos à Lua, a essa Lua tão longe que é um simples balão dourado flutuando nas noites, e tão próxima que o luar nos pertence.

quer dizer o máximo. És a minha — És o meu sol, há quem diga quando trela. Há também a boa (ou a má) estrela de cada um. As estrelas de

por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



cinema e os astros de Hollywood. E mulheres chamadas Estrelas, Estelas, Marias do Céu, Celestes e Celestinas. E outras chamadas Sol (na idade Média em Portugal e ainda hoje em Espanha). E apelidos de Solposto e de Solnado na actualidade. E várias lojas e restaurantes solares e um «drugstore» Sol a Sol e uma «boutique» A Outra Face da Lua. Há depois gente lunática, de andar na Lua, porque esse é um modo como qualquer outro de fugir a esta Terra que magoa os corpos e as almas. E os recém-casados passam lua-de-mel. E os brasileiros tomam banho de Lua e têm no Rio Grande do Sul uma cidade chamada Estrela. E nós a serra da Estrela e a estrela d'alva (planta) e a estrela do mar (bicho). E muitas mais palavras celestes, decerto, de que não me lembro agora.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

O BISPO DE VISEU

(Continuação da pág. anterior)

E não era, infelizmente. Mas o facto é que o país não conseguia encontrar continuidade à obra de Mouzinho da Silveira nem sequer findá-la e olhava até como lunáticos os doutrinadores socialistas que iam surgindo e que falavam de novas doutrinas económicas. A reacção dos políticos perante eles não era menor do que a de Castilho, no terreno literário, perante as investidas de Antero do Quental, de Teófilo Braga, de todos os das Conferências do Casino. E se no campo literário a reacção foi sendo levada de vencida, no terreno político e económico prosseguiu impante. Para as obras de fachada, para aquele cenário em que a Regeneração pôs sua mira, ainda teve olhos e pernas; para as reformas das estruturas, para uma verdadeira valorização do solo, das gentes e da sua actividade, é que

não teve nem arquitectos nem mestres-de-obras, nem operários.

A religião e o sal na comida

No Ministério Sá da Bandeira-Bispo de Viseu entrara como ministro da Marinha e Ultramar um homem como Latino Coelho. Tornar-se-ia ele também sobremodo significativo porque, reconhecendo a incapacidade de compreensão adentro das instituições, iria depositando suas esperanças. Era dos que se recusam a amarfanhar o ideal e o procuram sempre ver brilhar em qualquer ponto do horizonte.

O Bispo de Viseu esse recolhia ao seu Paço de Fontelo, com entrada franca para todos. Nas noites de Inverno ia, envolto na sua garnacha, jogar as cartas no círculo dos amigos, ao Hotel Viriato; na roda do ano se ocupava da administração da diocese e dos

cuidados eleitorais, que as crenças liberais levou-as para a cova.

Fomos há dias rememorá-lo junto do monumento que o consagra. E a figura e as legendas lá estão, a transmitir-nos a lição de homem de Deus que não perdeu nem o sentido do equilíbrio, nem a energia do combatente: «A religião deve ser como o sal na comida: nem muito, nem pouco; só o preciso». E na outra face do pedestal: «Na minha diocese, quero padres para amar a Deus na pessoa do próximo; não quero jesuitas que vivam de explorar o próximo em nome de Deus».

O bronze dá-nos o homem vertical que foi Alves Martins, de coluna direita diante dos reis e não se tornando soberbo com os humildes. Homem da terra, a sua rusticidade legendária era só o espelhar da alma franciscana que para além do povo não vê senão ouropéis e valdades desprezíveis, inúteis e fátuas.

A SONAP, EM ESTREMOZ

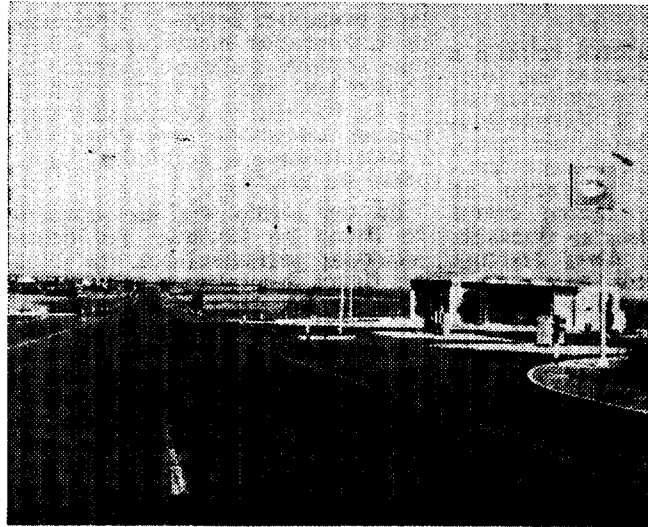
O quadrado laranja valoriza a progressiva região alentejana

Agora, em Estremoz, na E.N. 4, ao Km. 141,250, também encontra assistência SONAP.

Cada vez mais, o quadrado laranja — símbolo da SONAP — vai surgindo, por entre a verdejante pal-

a dispor, na bela região alentejana, da cuidada assistência SONAP.

Dispõe de duas amplas rodovias, onde estão implantadas quatro ilhas de bombas, com capacidade total de 74 000 litros de ga-



O posto da SONAP em Estremoz

sagem metropolitana, nas estradas de Portugal.

Mais um posto duplo foi aberto ao público automobilístico, que passa assim

solina, super e normal, e gasóleo.

Esta posição está dotada de um edifício do tipo SONAP, adaptada às características regionais, constituído por um bar, «stand» de exposição, escritório, armazém e instalações sanitárias.

Para uma maior facilidade de abastecimento aos veículos pesados, tem uma zona distinta para abastecimento de gasóleo.

A exploração deste posto duplo da SONAP foi concedida ao Ex.^{mo} sr. João Rafael Mendes Corte.

Assim, num crescendo de muito valor e utilidade, o laranja SONAP continua a ser o TOM que dá o TOM, a toda a rede rodoviária nacional.

CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NA «LAPA DO FUMO»

Presidida pelo sr. Maxime Vaultier, reuniu-se a secção de pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses para ouvir o dr. Eduardo Serrão dissertar sobre os vários estilos cerâmicos que desde 1956 tem identificado na gruta «Lapa do Fumo», no concelho de Seixal. O palestrante apresentou abundante documentação acerca desta importante estação arqueológica e vários exemplares de cerâmicas que descrevem a evolução desta indústria no território português.

A terminar a reunião, o dr. Leonel Ribeiro mostrou, por sua vez, alguns exemplares cerâmicos da estação calcolítica de Montes Claros (Monsanto).



TUTTI MUNDI

FECHA AOS DOMINGOS DURANTE OS MESES DE VERÃO

Agência de Roma - 48 e Rua Gomes de Sampaio - 15 - Telef. 743021/2/3/4 - Lisboa

Livraria BERTRAND

O «DOSSIER» NAPOLEÃO

reunido por

Jean Burnat, G. H. Dumont e Emile Wauty

Era um corso pobre, orgulhoso, cheio de ambição, dotado de excepcional inteligência e incontestável imaginação criadora. Era um intrépido oficial de artilharia, um general temerário, um estrategista revolucionário. E reformador, organizador, sonhador também. Era um jogador, um despota...

Volume ilustrado de 452 páginas: 70\$00

Enciclopédia de bolso bertrand

Canon

A MELHOR ÓPTICA FOTOGRÁFICA DO MUNDO

STAND 565 — F.I.L.

Para viajar à sua vontade, com conforto e chegar à hora...

-em França tome o comboio!

SNCF

Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens

CHEMINS DE FER FRANÇAIS

AV. JOSÉ ANTÓNIO, 57 - MADRID - TEL. 247 20 20
TOURISME FRANÇAIS - 234, R. ÁUREA, 242 - LISBOA

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

alargando os seus serviços de venda ao público, anuncia a inauguração duma nova sucursal na Rua de Dona Estefânia, 46-B/D, Lisboa

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

Sucursal da Estefânia

A vasta organização Bertrand, que dispõe já de quatro estabelecimentos em Lisboa e seis no resto do País, assegura os mais eficientes serviços de encomendas no estrangeiro, assinaturas de publicações periódicas e venda de livros ou revistas de todas as proveniências

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

Rua Garrett, 73
Avenida de Roma, 13-B
Estrada de Malpique, 4-A
Rua de Dona Estefânia, 46-B-D

LIVRARIA BERTRAND:

237 ANOS AO SERVIÇO DO LIVRO
LISBOA — PORTO — COIMBRA — VIANA DO CASTELO — GUIMARÃES — FARO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO EDEN

TÍTULO — «Eles só matam uma vez» («The heroin gang»).

REALIZAÇÃO — Brian G. Hutton (1967).

INTERPRETES — David McCallum, Stella Stevens, Telly Savalas.

O auxiliar de Mr. Solo torna-se agora agente por conta própria: David McCallum passa a ser Sol Madrid. O nome não convence (como Stella Stevens tem a franqueza de lhe dizer) e a personagem não se chega a impor. Sol Madrid é um agente duro, violento, sem escrúpulos, sem olhar a meios. Tem um ar de tédio e desinteresse. É eficaz. Isto não chega para criar um herói. Mas a história também não ajuda: uma vulgaríssima aventura em torno de drogas. Tudo a condizer com o título: «Eles só matam uma vez». Nós é que já vimos tudo isto inúmeras vezes.

EM COMPLEMENTO: Actualidades de Angola: insuportavelmente desinteressantes, com um texto deplorável. «O Gato Voador»: desenho animado bastante antigo, mas com certo humor. «Pathé Magazine», com «Instantâneos do Mundo Português»: mas a inauguração de mais um autobanco chega a ser «instantâneo»? Feitas as contas, talvez seja.

E. P. C.

GRÊMIO DAS AGÊNCIAS DE VIAGENS

A direcção do Grémio Nacional das Agências de Viagens foi recebida pelo ministro das Corporações, a quem expôs diversos problemas, salientando, nomeadamente, que o número de agências existentes no País é mais do que suficiente para a contrapartida que o indústria hoteleira oferece.

O dr. Gonçalves de Proença prometeu estudo atento dos problemas apresentados.

RIA
COM
Pepsie

APLAUDA UMA BELA COMÉDIA

TEATRO
LAURA ALVES

T. 86 47 56 (ADULTOS)
HOJE 2 SESSÕES
20,45 e 23 H.

NO ELENCO

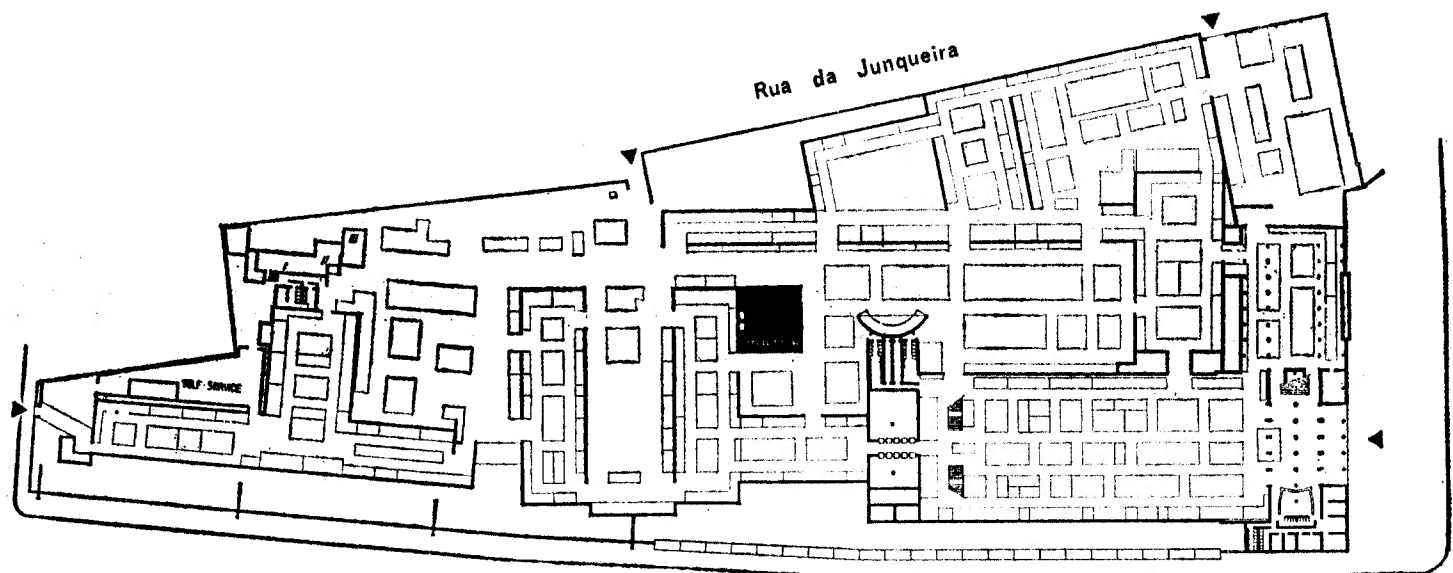
- JACINTO RAMOS
- IRENE CRUZ
- JOÃO LOURENÇO
- GRAÇA LOBO
- LUÍS PINHÃO

10.ª SEMANA

AMANHÃ, À TARDE ÀS 16 H.
E À NOITE, ÀS 21,45 H.

Na sua visita à FIL dirija-se ao stand da MATUR...*

...e conheça como lhe garantimos 10% de rendimento anual



Tome conhecimento directo dos empreendimentos da MATUR na Ilha da Madeira. Visite o nosso moderno e amplo stand na FIL, onde se encontram expostas maquetes, fotografias e painéis, que lhe dão uma panorâmica das nossas iniciativas turísticas. E obtenha de pessoal especializado respostas completas às suas perguntas.

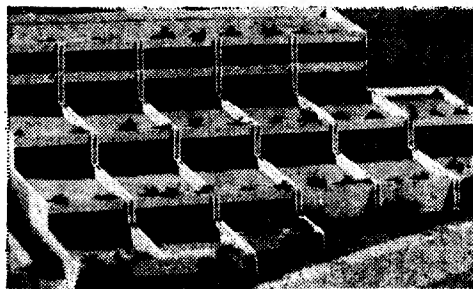
Tem, assim, no nosso stand, todos os elementos que lhe demonstram ser este o seu melhor investimento. O único que lhe garante 10% de rendimento anual.

Seja proprietário na Madeira e goze os rendimentos

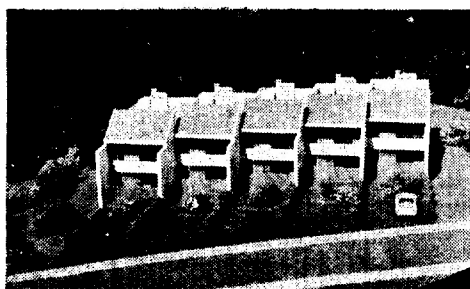
O centro turístico da MATUR, já em construção numa das mais atraentes zonas da Ilha, tem um equipamento completo, que inclui o melhor yacht clube da Europa e um luxuoso hotel.

Adquira uma moradia ou apartamento. Conheça os prazeres da vida cosmopolita da Madeira. Ou beneficie do mais alto juro garantido, entregando a sua propriedade à administração da MATUR.

* Próximo da entrada da Rua da Junqueira.



Apartamentos com terraço



Moradias geminadas



Moradias com terraço



MATUR - Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S.A.R.L.

Divisão de vendas - Av. Infante Santo, 66 F - Lisboa

O PÚBLICO DE LISBOA NÃO ESCOLHE DIAS PARA IR DIVERTIR-SE NO MAIS ATRAENTE RECINTO DE LISBOA, MAS AS NOITES DE SÁBADO

NA

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DO COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

OSTENTAM UM ENCANTO MAIOR — UM GRANDE LUNA-PARQUE EM MOVIMENTO COM ATRAÇÕES PARA TODOS OS GOSTOS
EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO EM MAJESTOSOS PAVILHÕES

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Habilite-se ao sorteio de uma MOTORIZADA CASAL oferta da METALURGIA CASAL, de Aveiro

• **MARIA VITÓRIA** • Hoje às 20,45 e às 23 horas

ADULTOS A SENSACIONAL REVISTA

• **MÃOS À OBRA!** •

Um espectáculo de GARGALHADA com

SALVADOR • VIANA • MARIEMA

MAX / ANITA / DORA / VÍTOR MENDES / HELENA CARDINALI / MARIANO FRANCO / VÍCTOR ESPADINHA / DINA MARIA

e a atracção

• **INÉS MARCO**

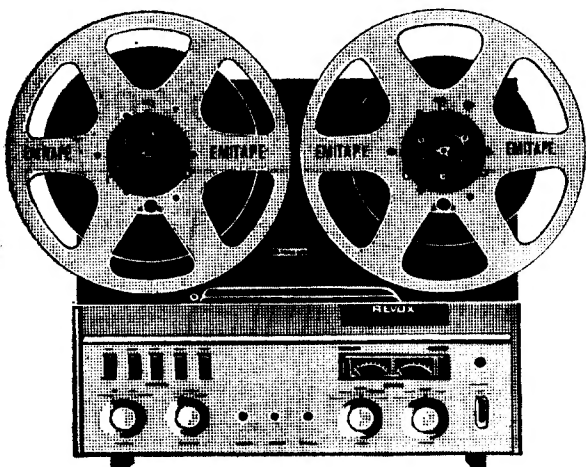
• AMANHÃ, «MATINEE» ÀS 16 H.



«O FESTIVAL DA ALDRABICE», com SALVADOR, MARIEMA e ANITA

• UM ESPECTÁCULO QUE DIGNIFICA O TEATRO DE REVISTA! •

Novo! O SENSACIONAL
REVOX A 77
PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR
QUE REÚNA TODAS ESTAS
CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

- Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 1/2; distorção a pontas máximas: 2 %;
- ruído de fundo: -54 db (normas de estúdio)
- Utilização de bobinas tipo profissional NAB de 26,5 cm de diâmetro
- 3 motores — tração directa ao cabrestante
- Bloco de alimentação estabilizado eletronicamente
- Igualizações NAB e IEC
- 2 velocidades comutadas eletronicamente
- Funções mecânicas comandadas por relés
- Motor de tração com servo-regulação electrónica de velocidades
- Circuitos de tipo «plug in»
- 2 vultros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída
- Célula foto-eléctrica para paragem no fim da fita
- Mecânica telecomandável
- Possibilidades de truagem (eco, multiplay, duoplay, etc.)
- Cabeça de reprodução independente
- Saída para auscultadores estéreo-fónicos
- TOTALMENTE TRANSISTORIZADO

Peça uma demonstração aos
PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.

RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97-LISBOA

No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

REVOX A 77

EM EXPOSIÇÃO NOS STANDS 513/514 DA F. I. L.

Pensão Monumental

(Restauradores)
Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21
Tel. P. P. C. 36 98 07.

O FORNO
BAR • BOITE
SESEMBRA
M/ 17 anos

SOLAR DO MINHO

de: EDUARDA MARIA

RESTAURANTE TÍPICO

COZINHA MINHOTA — a cargo de Júlio Reis

FADOS • FOLCLORE

(Gerência Artística de César Morgado)

RUA DO VIGÁRIO, 60 — ALFAMA. TEL. 86 68 11

EM TAORMINA, BARCELONA E ANDORRA

CANÇONETISTAS PORTUGUESES VÃO ESTAR PRESENTES EM FESTIVAIS INTERNACIONAIS

Representante em Portugal da organização das segundas «Olimpiadas da Canção», que vão desenrolar-se em Atenas (Grécia) de 27 a 29 do corrente, o empresário Artur Pereira dirigirá a comitiva portuguesa que na próxima segunda-feira deixará Lisboa.

— *Parto extremamente confiante. No porte social como no plano artístico, estamos em condições de suportar todos os confrontos.*

Artur Pereira é o principal «responsável» pela vinda ao nosso País de famosos nomes artísticos. Aliás, a história da actividade da sua agência (a A. I. A.) é, praticamente, a história de trinta anos de vida artística portuguesa, especialmente nos sectores de «music-hall», teatro, televisão e publicidade. Durante dezoito anos, Artur Pereira pertenceu aos quadros tipográficos do «Diário de Notícias». A arte gráfica, portanto, não tem segredos para este ho-

MAFALDA SOFIA NO FESTIVAL DE ANDORRA

Andorra também pretende realizar o seu Festival de Canções, para acompanhar outros países que procuram incrementar a divulgação turística mercê de reuniões artísticas capazes de despertar interesse e curiosidade sobre a sua marcha.

No primeiro «Festival da Canção de Andorra», a efectuar na segunda quinzena de Agosto, estará presente uma cançonetista portuguesa: Mafalda Sofia que interpretará uma composição musicada por Jorge da Costa Pinto com letra de Artur Ribeiro.

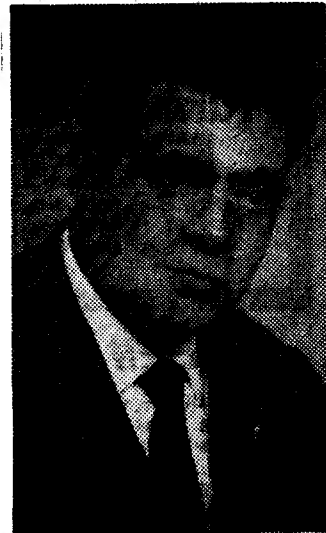
mem de espantosa capacidade organizadora e extrema vivacidade mental que um dia, pela mão de seu tio (o prestigioso e saudosos empresário António de Macedo) chegou ao Teatro com um punhado de ideias sobre publicidade artística, ideias imediatamente postas em prática no lançamento dos espectáculos das salas do Avenida, Ginásio, Apolo, Politeama, Maria Vitória e Variedades.

Colaborou com as mais reputadas exibidoras cinematográficas. Alterou a rotina publicitária com a «Hora do Galo» e «Gala Internacional» (autênticas percursoras do trajecto mais tarde percorrido por outros passatempos rádio-publicitários). E, a certa altura Artur Pereira enveredou decisivamente pelo campo do agente artístico, de molde a assegurar um lugar de primeira linha entre as mais credenciadas firmas europeias da especialidade.

Atracções de muito renome vieram por seu intermédio até Portugal: desde Pepita Sansalvador e a parolha Darvas & Julia (há 25 anos), até Hallday, Françoise Hardy, Sylvie Vartan, Aznavour, Bécand, Alberto Cortez e Modugno. Centenas de «estrelas» que brilharam nos melhores cartazes do continente, das ilhas adjacentes e do Ultramar. Artur Pereira foi, também, o primeiro produtor musical da RTP: com «Café Concerto», de parceria com o malogrado escritor teatral Carlos Lopes, organiza em anos sucessivos, as «Embaixadas da Saudade», que se deslocam à África portuguesa, ao Canadá e aos Estados Unidos da América do Norte. Forma os agrupamentos itinerantes «Vedetas-Show». E, colocado no campo dos Festivais de canções, está agora às voltas com novas incumbências: organizar as nossas delegações aos próximos certames de Barcelona, Andorra e Taormina (Itália).

— *Esta viagem à Grécia vai possibilitar-me estabelecer contactos com agentes asiáticos, o que talvez possa representar novo campo de acção (de trabalho) para o artista português. Daí eu partir duplamente satisfeito pela honra com que a organização me distinguiu — con-*

clui Artur Pereira, que acaba de receber uma proposta para formar um grupo artístico que se desloque, durante quinze meses, em torno do Mundo.



ARTUR PEREIRA

VASCO MORGADO

APRESENTA

BREVEMENTE

EM 2 SESSÕES

20,45 e 23 H.

MONUMENTAL

no

TEL. 55 51 33

(ADULTOS)



A 1.ª REVISTA DOS
PARODIANTES
DE
LISBOA

COM DESEMPENHO

NOTAVEL DE

CAMILO e FLORBELA

OCTÁVIO • DELFINA • ORLANDO

E AS ATRACÇÕES

PAULA RIBAS • LUÍS GUILHERME

E O CONJUNTO PRIVATIVO DOS

PARODIANTES DE LISBOA

HY-KDOY

POEMA	MÚSICA	MONTAGEM	FIGURINOS
Ruy Andrade José Andrade Manuel Puga	Carlos Dias José Mesquita Alberto James	Ruy e Hernâni Martins	Mário Alberto COREOGRAFIA Paulo José

DIRECÇÃO ARTÍSTICA

PAULO RENATO

— BILHETES À VENDA —

Para o 2.º dia, marcações para o 3.º dia
ESTREIA LOTACÃO ESGOTADA

M/ 17 anos



TIMPANS

RESTAURANTE TÍPICO

de 1.ª classe

FADOS E FOLCLORE

R. Gilberto Rolo, 24 • Telef. 676655

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO
apresentam HOJE, ÀS 21.45 H.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

DOMINGO
MATINÉE
ÀS 16 H.

UMA PEÇA DE VIOLENCIA E EMOÇÃO

com JO ALVARENGA na protagonista
e por ordem de entrada em cena
ADRIANO REYS • JOÃO GUEDES •
SINDE FILIPE • ROLANDO ALVES •
CÉLIA DE SOUSA • DAVID SILVA •
COSTA VAZ

Uma excitante experiência em «suspense»

BLACK-OUT

«OLHOS NA ESCURIDÃO»

CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco
de Borja, 22
LISBOA

HOJE, às 22 h.
FOLCLORE
DE ANGOLA

danças rituais/exotismo/arte
MARCAÇÕES: TEL. 67 72 99
(maiores de 12 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Teatro.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

MESTRES DO CINEMA AMERICANO

Prosseguindo na apresentação do seu ciclo Mestres do Cinema Americano, a Casa da Imprensa faz projectar hoje, em sessões às 15 e às 21 horas, nos cinemas S. Luiz e Alvalade, dois filmes de George Cukor, um cineasta de raro rigor e indelével sensibilidade, que se encontra para sempre ligado, de forma admirável, à comédia americana e à sua depuração estilística.

FILMOGRAFIA DE GEORGE CUKOR

Nasceu a 7 de Julho de 1899, em Nova York. Os pais desejaram que seguisse a carreira de advogado, mas o teatro acabou por atraí-lo. Em 1918, foi assistente de encenador em Chicago. No ano seguinte encenou peças na Broadway. De 1920 a 1928 dirigiu a época de Verão do Lyceum Theatre of Rochester. Em 1929 foi contratado por Jesse J. Lasky para escrever diálogos em Hollywood. 1930: «Grumpy» — co-realização com Cyril Gardner; «Virtuos Sin» — co-realização com Louis Gasnier; «The Royal Family of Broadway» («A Família Real de Broadway») — co-realização com Cyril Gardner. 1931: «Tarnished Lady» («Casamento Singular»); «Girls About Town». 1932: «One Hour With You» («Uma Hora Contigo») — co-realização com Ernest Lubitsch; «What Price Hollywood?»; «A Bill of Divorcement» («Vitimas do Divórcio»); «Rockabye»; «Our Betters». 1933: «Dinner at Eight» («Jantar às Oito»); «Little Women» («As Quatro Irmãs»). 1934: «David Copperfield» («Da-

vid Copperfield»). 1935: «Sylvia Scarlett». 1936: «Romeo and Juliet» («Romeo e Julieta»). 1937: «Camille» («A Dama das Camélias»). 1938: «Holiday» («A Irmã da Minha Noiva»); «Zaza» («Zaza»); 1939: «Gone With the Wind» («E Tudo o Vento Levou») — iniciou a realização, mas acabou por a abandonar as filmagens após três semanas de trabalho; «The Women» («Mulheres»); «Susan and God» («As Teorias de Susana»). 1940: «The Philadelphia Story» («Casamento Escandaloso»). 1941: «A Woman's Face» («A Cicatriz do Mal»); «Two-Faced Woman» («A Mulher de Duas Caras»). 1942: «Her Cardboard Lover»; «Keeper of the Flame» («A Chama Eterna»). 1943: «Resistance and OHM's Law» — documentário produzido pelo Signal Corps. 1944: «Gaslight» («Meia Luz»). 1945: «Winged Victory» («Encontro no Céu»). 1947: «Desire Me» («A Mulher do Outro»); «A Double Life» («Abrace Mortal»). 1948: «Edward My Son» («Meu Filho Eduardo»). 1949: «Adam's Rib» («A Costela de Adão»). 1950: «A Life of Her Own» («Seguir o Meu Destino»); «Born Yesterday» («A Mulher que Nasceu Ontem»). 1951: «The Model and the Marriage Broker» («Matrimónios à Venda»); «The Marrying Kind» («A Mulher que Deus Me Deu»). 1952: «Pat and Mike» («A Mulher Absoluta»). 1953: «The Actress» («A Actriz»). 1954: «It Should Happen to You» («Uma Rapariga sem Nome»). 1955: «A Star is Born» («Assim Nasce uma Estrela»). 1956: «Bhowani Junction» («Encruzilhada dos Destinos»). 1957: «The Girls» («As Girls»). 1958: «Wild Is the Wind» («Sel-

vagem é o Vento»). 1959: «Heller in Pink Tights» («Agarrem Essa Loura»). 1960: «The Chapman Report». 1964: «My Fair Lady» («Minha Linda Lady»). 1969: «Justine».

OS FILMES DE HOJE

● «A Mulher de Duas Caras»

Título original: «Two-Faced Woman»; realização: George Cukor; argumento: Sidney H. Behrman, Salka Viertel e George Oppenheimer, inspirado na peça de Ludwig Fulda e no filme «Her Sister from Paris», realizado em 1925; fotografia: Joseph Ruttenberg (preto e branco); música: Bronislau Kaper; intérpretes: Greta Garbo, Melvyn Douglas, Constance Bennett, Roland Young, Robert Sterling, Ruth Gordon; produção: Gottfried Reinhardt para M. G. M. (1941); tempo de projecção: 94 minutos; distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; classificação: adultos.

● «Casamento Escandaloso»

Título original: «The Philadelphia Story»; realização: George Cukor; argumento: Donald Ogden Stewart, baseado na peça homónima de Philip Barry; fotografia: Joseph Ruttenberg (preto e branco); música: Franz Waxman; intérpretes: Cary Grant, Katherine Hepburn, James Stewart, Ruth Hussey, John Howard, Roland Young, John Holliday; produção: Joseph L. Mankiewicz, para M. G. M. (1940); tempo de projecção: 112 minutos; distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; classificação: adultos.



Manuel Mestre é um cancionista português que tem feito grande parte da sua carreira em terras estrangeiras, nomeadamente em países das Américas. Marido da artista declamadora Itacy Almeida, encontra-se agora em Lisboa, actuando no «show» de um restaurante típico. Manuel Mestre, que esteve recentemente nas províncias do ultramar, voltará brevemente aos Estados Unidos e Canadá, onde já tem actuações marcadas para o próximo mês de Outubro.

DALILA ROCHA não está interessada em regressar ao Teatro Experimental do Porto

Da actriz Dalila Rocha, com pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

«O «Diário de Lisboa» noticiou, no passado dia 16 do corrente, a minha possível inclusão no elenco do Teatro Experimental do Porto, para interpretar a «Medeia», de Eurípides, peça de abertura da época, numa encenação de Luís Tito. Revelava também ser possível que eu me mantivesse no elenco durante a próxima temporada teatral, como protagonista de várias outras peças incluídas num repertório cuidado.

Não há que desmentir a notícia vinda a lume, mas tão somente completá-la, no respeitante à decisão que tomei.

Realmente, o convite feito pelo meu colega Luís Tito dava-me a oportunidade invejável de contactar de novo com o público da cidade do Porto, que sempre me acarinhou, e a possibilidade de interpretar personagens que, artisticamente, muito e muito me interessam. Porém, não só porque estou radicada em Lisboa (qualquer ida ao Porto nunca poderá ter carácter permanente) mas

também por não me interessar voltar ao T. E. P., declinei o convite, logo ao primeiro contacto estabelecido comigo».

ARTISTAS PORTUGUESES NA HOLANDA

Em Scheveningen (Holanda), entre 4 e 10 do próximo mês de Julho, realiza-se um Festival de Música Popular em que intervem uma delegação portuguesa escolhida pela «Philips».

Ontem, no decorrer de um «cocktail», João Martins (pelas Relações Públicas daquela firma) revelou como será formada a embaixada artística que se desloca à Holanda: Fernando Guerra, Luís Duarte e, como atracção, João Ferreira Rosa. Este será acompanhado por um conjunto de guitarristas: Fontes Rocha, Pedro Caldeira Cabral, Carlos Gonçalves e Pedro Leal.

No jurado internacional está presente o produtor radiofónico João Martins. Os artistas portugueses actuam a 8 de Julho, numa eliminatória que os reúne às delegações da Suíça e da Bélgica.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Escritores, realizadores, psicanalistas, sociólogos e jornalistas entrevistaram num debate sobre a liberdade de expressão, em particular no que respeita à relação sexo-cinema. No debate, tomaram parte, entre outros, Emilio Servadio, Luigi De Marchi, Luigi Perrotti, Luigi Silori, Luciano Salce, Sergio Ami-

dei, Damiano Damiani e Alfredo Bini.

■ O mercado cinematográfico sueco caracterizou-se em 1968 por um leve aumento nas receitas de bilheteira. O aumento foi na ordem dos 0,5 por cento, mas, por outro lado, diminuiu a afluência dos espectadores.

■ Segundo o produtor dos filmes de «Frankenstein», Anthony Nelson Keys, esta personagem é uma espécie de precursor dos transplantados, pois em certos filmes ele extrai células cerebrais para dar vida a monstros de toda a espécie. O seu intérprete, o actor Peter Cushing, disse que consulta sempre os seus amigos médicos, antes de rodar um filme onde Frankenstein «transplanta».

Em VISEU o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se a venda na AGENCIA DE DOMINGOS, AGOSTINHO & FILHOS, LDA.

CAPITÓLIO

Telef. 32 03 79

Hoje às 16 h. e às 22 horas
Preços de Verão
(M. 17 anos)

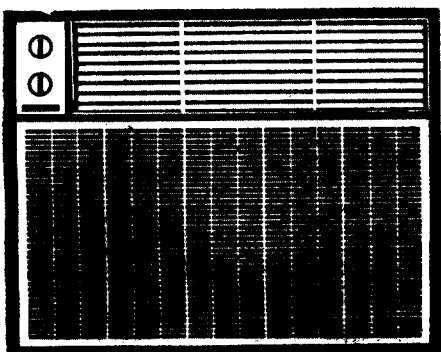
«O 2.º TIRO»
de Robert Thomas
Trad. de Jorge Batalha
Amanhã: descanso
da Companhia

ROLLS ROYCE

COMPRA-SE

De qualquer ano, preferência antiga. Resposta a Augusto Amorim — R. Augusta, 201 — Tel. 322142 — Lisboa.

ANDAMOS COM OS TEMPOS!...
TEMPO QUENTE...
TEMPO FRIO... E
TEMPO LINDE.
(...tempo a seu gosto)



Para aqueles que não suportam o calor ou ambientes saturados e com cheiros desagradáveis. Para aqueles que têm necessidade de ar fresco e renovado para um trabalho melhor. Para aqueles que preferem o tempo ligeiramente quente, ou ligeiramente fresco, ou ainda o tempo assim-assim. É altura de instalar um condicionador de ar LINDE. Uma ligeira pressão no botão de controle e... TEMPO LINDE... TEMPO A SEU GOSTO. 8 modelos para grandes ou pequenas superfícies.

CONDICIONADORES DE AR

Linde

TEMPO A SEU GOSTO.

AGENTES GERAIS

Frigel

LISBOA - AV. INFANTE SANTO, 72

A VENDA NAS CASAS DE ESPECIALIDADE

tv pronto

ASSISTÊNCIA OFICIAL ÀS MARCAS:

AUTOVOX
EKO
LOEWE OPTA

REPARAÇÕES DE TELEVISORES DE TODAS AS MARCAS

tv pronto

R. DA QUINTINHA, 72-A
TELEF. 368902 / 3
LISBOA



Vymura

O PAPEL DE PAREDE REALMENTE LAVÁVEL
PERGOL — RUA D. ESTEFÂNIA, 163-C — LISBOA

Decreto-lei que regulamenta a edificação de casas para os professores primários

Vem hoje exarado na folha oficial o Decreto-Lei 49 070, que regulamenta o alojamento gratuito dos professores primários, decidido recentemente em Conselho de Ministros. De acordo com o artigo 1.º deste diploma, a edificação das casas para professores fica a cargo do Ministério das Obras Públicas, e será suportada pelas verbas atribuídas pelo Governo à execução do plano de construções escolares estabelecido pela Lei 2107, de 5 de Abril de 1961. Contudo, as despesas decorrentes da aquisição e expropriação dos terrenos onde serão erigidas as construções correrão pelas respectivas Câmaras Municipais.

Allás, e segundo estipula o artigo 5.º do decreto-lei a que aludimos, as casas construídas ao abrigo deste diploma «ficarão sendo propriedade das Câmaras, em cujo património serão integradas, e a quem competirá a respectiva conser-

vação, bem como o tratamento dos logradouros».

Entretanto, esta disposição legal comina (no art. 3.º) que «os edifícios escolares abatidos ao serviço do ensino poderão ser adaptados a habitações de professores, desde que ofereçam condições satisfatórias, e as obras de adaptação e reparação não conduzam a maior encargo do que o da construção de um edifício novo para o mesmo fim».

Desenvolvimento da Mão-de-Obra

No Serviço de Formação Profissional do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, iniciou-se, ontem, o XIV curso de formação pedagógica de monitores, que abrangerá um período de cerca de dois meses.

Através deste curso os monitores devidamente orientados, tornar-se-ão agentes de ensino na formação profissional acelerada de trabalhadores indiferenciados ou pouco qualificados que desejem atingir uma classificação profissional.

O reconhecimento da assinatura mediante a simples apresentação do bilhete de identidade

Em referência à notícia por nós publicada na quarta-feira, relativa à entrada em vigor do diploma que passa a permitir o reconhecimento da assinatura sem necessidade de abrir o sinal, e bastando para tanto mostrar o bilhete de identidade, esclarecemos que não é necessário ser o próprio a fazê-lo. Portanto, mesmo por interposta pessoa, desde que exiba o bilhete de identidade de quem deseja reconhecer a assinatura, tal reconhecimento é feito pelo funcionário competente, depois de verificada a semelhança entre as duas assinaturas.

De resto, esta interpretação, que nos primeiros dias de entrada em vigor da lei suscitou dúvidas, é a que corresponde correctamente ao novo texto legal do art.º

165.º do Código do Notariado, depois das alterações que lhe foram introduzidas pelo Decreto-Lei 49 656, publicado no «Diário do Governo» de 12 do corrente. De facto, dispõe agora esse artigo, no seu n.º 2:

«2. — Diz-se por semelhança o reconhecimento da letra e assinatura, ou só da assinatura, feita por simples confronto:

a) Com os autógrafos existentes no livro de abertura de sinais, ou nos correspondentes verbetes arquivados, se estes estiverem rubricados pelo notário ou pelo ajudante;

b) Com a assinatura aposta no bilhete de identidade, exibido para o efeito, se o reconhecimento respeitar apenas à assinatura do seu titular.»

ora diga-nos...

— Vai ver a final da Taça?

Trinta anos depois da célebre final da Taça em que os estudantes de Coimbra, vencendo o Benfica por 4-3, conquistaram o ambicionado troféu, a história repete-se. Mas repetir-se-á até ao fim, isto é, com uma sensacional vitória da Associação Académica de Coimbra, antes devem ser bem maiores do que em qualquer outra ocasião. E se o denodo e entusiasmo — e também o espírito de equipa, a entreaajuda, a lucidez e inteligência no delinear do jogo — forem do nível do que se respira nas margens do Mondego, é bem natural que a mais do que nunca «gloriosa» Associação Académica de Coimbra venha a conquistar, através da secção de futebol, a sua segunda Taça de Portugal. Os bilhetes parece que são já muito difíceis de arranjar. Quem vai ao jogo do ano, cujos atractivos são muitos e muito variados?

● — Quero ir ao Académica Benfica, sim senhor, embora ainda não tenha bilhete — responde-nos, primeiro, António José Pina, empregado de escritório e estudante. — Não gosto de futebol profissional, e quer por isso, quer

numa administração de empresa, ficou surpreendida com a interrogação, e, um pouco espantada voltou-nos:

— Não, não, não, futebol é das coisas que não aprecio. Nem ando a par dessas coisas...

— Mas sabia...

— Sim, sabia.

(«Mas, quem entra?» — pergunta uma colega da inquirida, que também não liga muito a estas coisas... Esclarecemo-la).

— Tenho uma certa simpatia pela Académica, por serem estudantes.

— Então, quer que seja ela a ganhar?

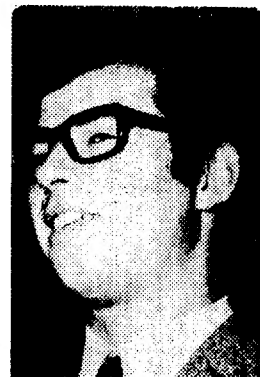
— Ah, isso prefiro que

seja o Benfica por ser o melhor.

— Alguma vez foi ao futebol?

— Já. Quando era mais «nova»...

● — Vou à final, pois com certeza — disse-nos, por último, Antó-

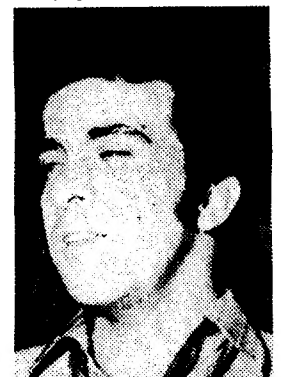


porque também sou estudante, e os estudantes devem estar unidos e ajudarem-se uns aos outros, vou torcer pela Associação Académica.

— Vai sempre ao final da Taça?

— Não, só às vezes. Mas desta vez não quero deixar de ir apoiar os estudantes de Coimbra.

● Manuela Teresa Castilho, que trabalha



nio Jorge Saraiva, aluno do Instituto Comercial. — Raramente vou ao futebol, excepto quando se trata da Académica de Coimbra. Ora, tratando-se dela e de uma final da Taça não quero deixar de ir.

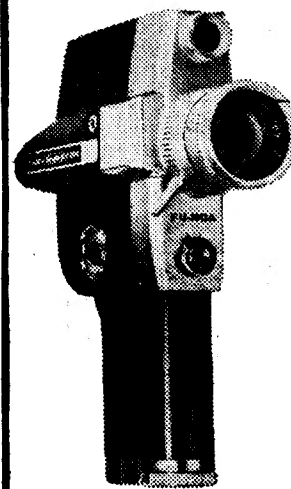
— ?

— Sou do Benfica e da Académica. Mas entre os dois prefiro a última — e quero que seja ela a vencer.

A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu

FUJICA Single-8 P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL HITZEMANN & C., LDA.

MATOS - R. de São Bento, 520/522
Tel. 22135/6 e 34301
LISBOA - R. de Filipe Folguo, 2-C e D
Tel. 59788/9

Operações de Bolsa BANCO DO ALENTEJO

VISTA SEUS FILHOS NO
BALÃO VERMELHO
E VISTA-SE A SI NA NOVA SECÇÃO
N.º 3
NOVIDADES PRIMAVERA-VERÃO
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR 1-B - LISBOA 1

AU-PAIR
Família Inglesa dá-lhe alojamento em troca da sua ajuda doméstica.
Telef. 66 25 39 — depois das 19.00

LOTES TERRENO EM SESIMBRA
COM 700 m². APROXIMAD. A MELHOR VISTA SOBRE A BAIA C/ ÁGUA E ESGOTOS. PREÇOS EM CONTA. TRATA O PRÓPRIO, VIVENDA MARALTO, ALTINHO S. JOÃO, ACIMA DO HOTEL DO MAR, SESIMBRA

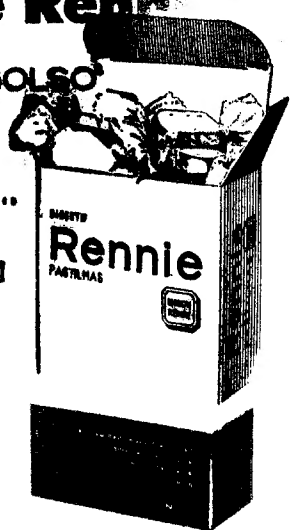


Depressa, tome Rennie

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

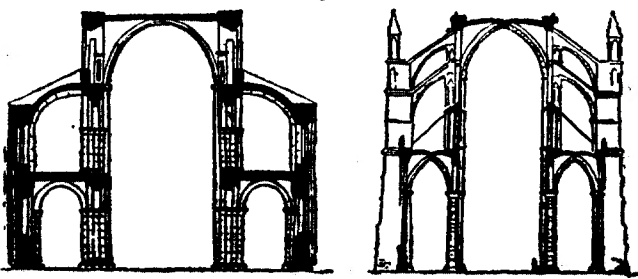
Indigestão, azia, excesso de ácidos... Você sente o estômago a arder! Depressa! Uma pastilha Rennie e apague imediatamente esse ardor! Uma segunda Rennie, dissolvida lentamente na boca, assegura-lhe um alívio duradouro! Rennie não precisa de água e tem agradável sabor!

Rennie Força digestiva!



OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

3.º ciclo — 1.ª chamada
Prova escrita de História



A cathedral e o convento (artes românica e gótica)
SOLUÇÃO

I

1) Chamaram-lhe assim, por entenderem que, de certo modo, a arte românica continuava a arte romana, pois, tal como ela, empregava o arco de volta perfeita e a abóbada.

Gravura A — estilo românico:

2) Aqui a cobertura ou tecto, e a abóbada de berço, que exerce toda a pressão sobre as paredes, de modo que estas são mais grossas, apoiadas por contrafortes exteriores.

Tem um aspecto robusto e pesado.

Gravura B — estilo gótico:

Aqui a cobertura é já uma abóbada de aresta, com dois arcos que se entrecruzam, formando a ogiva; a partir dos contrafortes construíram-se uns arcos de pedra, os arcobotantes, que escoravam os pilares de sustentação das abóbadas.

As torres laterais são encimadas pelos pináculos.

Em regra, o estilo gótico é mais alto, leve e elegante que nasceu nas cidades e, mais profusamente iluminado, apresenta um equilíbrio maior.

3) A arte gótica é essencialmente uma arte urbana, que o românico e, sobretudo, portanto, está ligada ao movimento comunal-burguês e à necessidade de afirmação da burguesia no ponto de vista social, político, mas sobretudo cultural.

Assim, as catedrais góticas foram, muitas vezes, preciosos centros de divulgação cultural, onde era ensinada, pelo menos, o Trivium (Lógica, gramática, retórica), Música e cântico litúrgico, e mesmo ensino mais elementar, para ensinar as crianças a ler e a escrever.

Além, o justo equilíbrio das proporções da arte gótica, a sua planta complicada, representam o triunfo da capacidade do raciocínio do homem de então e a sua ansiedade de progredir, superando a sua sabedoria.

II

1) A Romanização da Península Ibérica:

a) Quando os Romanos

Apóstolo S. Paulo teria es-

vado na Península. A medida, porém, que o cristianismo se propagava e ganhava novos adeptos, surgia uma crítica à sociedade e soberania romanas, na medida em que o cristianismo apresentava a concepção de um homem novo.

Isso sujeitou os cristãos aqui na Península a perseguições tal como em Roma. Todavia, a partir do reconhecimento do Cristianismo como religião oficial do Estado, os cristãos puderam sossegar e organizar-se serenamente, sendo ela aqui, como pela Europa, a guardã da cultura clássica.

Distinguiu-se Paulo Osório, com um Ensaio de História Universal — História contra os Pagãos. Mais tarde

já no séc VI com o Reino dos Suevos, Braga tornou-se muito notável no ponto de vista cultural e distinguu-se S. Martinho de Dumé.

Mas foi com os visigodos que a cultura mais progrediu sobretudo no aspecto do Direito, na célebre o «Liber Judicorum». Pode até falar-se a partir do séc. VII numa cultura hispano-goda documentada na Península Ibérica por uma arquitectura de influência bizantina e artes menores sobretudo a glíptica.

O principal estudioso foi Santo Isidoro de Sevilha, verdadeiro espírito enciclopédico.

São de salientar Idácio, João de Biclara e S. Frutuoso

Neste período o latim foi-se modificando conforme as regiões, estruturando-se os idiomas actuais.

2) O comércio português com o Oriente no séc. XVI:

a) A Índia foi atingida no final do século XV, portanto, só no séc. XVI, o comércio das especiarias teve importância notável.

Embora as nossas naus viessem carregadas de canela, noz-moscada, cravo, gengibre e pimenta, era esta a mais valiosa e mais vendável e a que atingia mais altos preços na Europa.

Eram os venezianos que a vendiam na Europa a preços fabulosos só acessível a grandes magnates, quando os portugueses a passaram a vender o seu preço baixou para cerca de um terço, e

tornou-se acessível à maioria das classes.

De princípio o comércio das especiarias era livre e os particulares, através do fletor, compravam-na. Porém pouco tempo depois para evitar a queda dos preços D. Manuel, determina que todas as vendas sejam feitas na Casa da Índia ao preço fixado. Encontrava-se pois no sistema de monopólio, que os economistas apontam como uma das causas da decadência desse mesmo comércio.

Sómente os soldados e marceantes tinham direito a compra de certa quantidade de pimenta, a quintalada.

b) A maior parte das especiarias e também o açúcar

(Continua na página seguinte)

Com o vosso
Office Computer
dispensarei
uma reorganização?

PHILIPS

Sim...
este Office Computer* AJUSTA-SE à sua organização actual

A «nova família» de Office Computer PHILIPS está completamente livre das complicações habitualmente associadas à instalação de um computador. Não necessita de mais pessoal nem de mais espaço nas suas instalações. Qualquer modelo começa a ser produtivo no dia em que é instalado, e poderá modificar ou aumentar o seu alcance quando quiser.

O Office Computer PHILIPS ajusta-se ao seu orçamento. As suas características ultrapassam as das máquinas de contabilidade e facturadoras convencionais, com as quais ainda compete em preço. Se ontem comprou duas máquinas de contabilidade, hoje ganharia comprando este Office Computer. O Office Computer PHILIPS cresce com o seu negócio. É compatível

e permite o alargamento da unidade básica de forma a obter, hoje e amanhã, uma instalação sempre adequada às suas necessidades. O Office Computer PHILIPS é compacto, evitando o custo de mais espaço nas suas instalações. O P350 ocupa apenas cerca de 1,7 m². O Office Computer PHILIPS é flexível. Facilmente se alarga a sua capacidade de memória, ou se introduzem novos programas de acordo com as necessidades. O Office Computer PHILIPS é fácil de operar. Qualquer pessoa pode aprender a usá-lo. Tudo é claro, simples, e inteiramente controlado... e está pronto a ser usado a partir do dia da instalação.

* Um Office Computer PHILIPS constitui uma nova e importante fase no campo do processamento de dados. Coloca as últimas técnicas electrónicas ao dispor dos empresários de todas as classes. Ajusta-se em performance, preço e tamanho. Exactamente para si. Este Office Computer adapta-se às suas necessidades actuais, mas é tão flexível que pode aumentar à medida que o seu negócio cresce. Esta «Nova Família» está apoiada pela organização mundial PHILIPS. Os serviços técnicos da REGISCONTA estão prontos a transformá-lo num operador eficiente e rápido. Para mais detalhes sobre este Office Computer que se ajusta ao seu negócio, conte com a experiência dos técnicos da REGISCONTA.



data systems

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATO LEAL CONSELHEIRO
ENSINO DE ADULTOS

Cursos de férias para alunos com conhecimentos adiantados.

Disc. Desenho para quaisquer alunos.

Rua do Alecrim, 47-2.º — Telef. 32 69 57

Regisconta

Máquinas Registradoras e de Escritório, S.A.R.L.

LISBOA: Avenida Duque de Loulé (Edifício Regisconta)

Telefone 56 00 91 (8 linhas)

Filiais: PORTO — COIMBRA — FARO — LEIRIA

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da pág. anterior)

das ilhas atlânticas e depois do Brasil, iam da Casa da Índia, em Lisboa, para Binges e depois Antuérpia, na Flandres.

A nossa feitoria aí, que datava já do tempo de D. João I, gozando os mercados portugueses grandes privilégios, tornou-se no século XVI, o maior entreposto comercial com a Europa central e setentrional.

O feitor dessa feitoria era o representante da coroa e essencialmente o seu agente comercial, mas no século XVI, esta feitoria transcendeu os seus limites puramente comerciais, e foi centro de actividade cultural, tendo contribuído para desenvolver o humanismo renascentista. Aí se distinguiu Damião de Góis, companheiro de Iramo.

Dando o volume dos produtos trazidos do Oriente sobretudo a Lisboa, do século XVI, torna-se uma cidade importantíssima, substituindo as repúblicas italianas no empório do comércio oriental. Arrasta consigo o prejuízo dessas mesmas repúblicas, fazendo deslocar o eixo do comércio do Mar Mediterrâneo, para o Oceano Atlântico.

A população aumenta nela devido ao aumento demográfico geral e também pela emigração da população das aldeias para a cidade.

Aumenta o número de casas e de ruas embora a sua construção e pavimentação não seja de boa qualidade. Distingue-se a Rua Nova dos Mercadores, pela quantidade de seus estabelecimentos e qualidade de produtos à venda. Aí existe a pimenta do Malabar, a canela do Ceilão, os tapetes da Pérsia e tapeçarias da Flandres, cavalos da Arábia, sedas chinesas e italianas, porcelanas e arcas da China e Japão; peixes fumados do Norte da Europa, pedras preciosas variadas e ouro e prata lavrada à maneira portuguesa.

Aqui vêm comprar os mercadores estrangeiros, e a cidade torna-se cosmopolita.

3) O interesse das grandes potências pela África no século XIX:

a) Fechada praticamente aos europeus a exploração do Novo Mundo, devido aos movimentos autonomistas que se deram nestes, voltaram-se então para o Continente Negro que permanecia, ainda muito desconhecido.

Baseando-se no direito internacional, que só admitia o domínio colonial quando havia ocupação efectiva, ingleses, franceses, alemães e italianos, penetram na África.

Em 1876, Stanley, avançou pelo lago Vitória, chegando ao lago Alberto Eduardo; Livingstone, visita o lago Niasa, percorre o rio Zambeze, em novas viagens chega ao Alto Nilo e Zanzibar. Brazza percorre as bacias do Ugné e Chaci e chega ao lago Chade. Barth e Nachtigal percorrem o deserto do Saará e chegam à zona do lago Chade.

Do ponto de vista científico, sobretudo no plano geográfico, estas viagens são proveitosas. Mas estes exploradores impõem a soberania nestes territórios dos respectivos estados para quem trabalham.

Entram assim em grande conflito com Portugal pois lhe pertenciam historicamente por direito muitos desses territórios.

Seguem-se os nossos exploradores também para reivindicarem a posse desses mesmos territórios e assim Capelo, Ivens e Serpa Pinto, partem de Luanda para o Bié.

Serpa Pinto vai pelo Cuanza até às Cataratas Vitória, atravessa o Transval, seguindo até à África do Sul.

Capelo e Ivens visitam Benguela, estudam os cursos do Cunene, Culango e Cuando.

Mais tarde partindo de Moçamedes conseguem Quelimane.

b) Estas viagens dos exploradores africanos levantaram grave problema internacional, para partilha da África pelos grandes Estados europeus. Portugal tentava entretanto, defender os seus territórios, apelando para velhos aliados como a Inglaterra, que nem sempre nos apoiava.

O problema teve a sua resolução na Conferência de Berlim, que partilhou a África pela França, Inglaterra, Alemanha e Itália, caminhando para os Impérios Coloniais Europeus.

Criou-se a Associação Internacional do Congo, estabeleceu-se a liberdade de comércio e navegação na bacia do Congo, que nos prejudicava a nós portugueses e admitiu-se o princípio da efectividade da ocupação para o estabelecimento de colónias, renegando o direito histórico.

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Ciências Naturais SOLUÇÃO

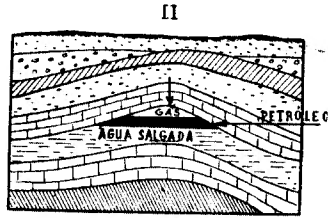
Ciências Geológicas

1 — O ângulo B mede também 120º porque nos cristais de uma mesma espécie de mineral, embora com aspectos geométricos diferentes, devido ao desigual desenvolvimento das suas faces, os ângulos formados por duas faces determinadas são sempre iguais.

2 — O grau de simetria cristalina não coincide com o grau de simetria geométrica. As classes de simetria em que o quartzo pode aparecer cristalizado são: uma classe hemidríca do sistema hexagonal ou uma classe tetartoédrica do mesmo sistema. Sendo assim a simetria cristalina é inferior à simetria geométrica. Aparentemente o cristal representado em A é da classe holoédrica do sistema hexagonal.

3 — A sílica é uma substância polimorfa. Quando cristalizada a uma temperatura inferior a 573°C, origina

na uma espécie de mineral chamada quartzo α . Se cristalizar a uma temperatura inferior àquela obtém-se o quartzo β . Deste modo as formas cristalinas dão indicações sobre a temperatura em que a cristalização se realizou. É por isso que a sílica é conhecida por «termómetro geológico».



1 — a) Modernamente considera-se que a origem dos petróleos resulta de uma decomposição feita no abrigo do ar, por microorganismos, principalmente bactérias e fungos. Estes seres anaróbios transformam os constituintes gordos do sapropel em hidrocarbonetos líquidos.

Esta decomposição chama-se betuminização.

b) O petróleo encontra-se quase sempre sobrenadar água salgada, rica em cloro, bromo e iodo, substâncias estas que são em geral absorvidas pelos seres marinhos.

Diz-se que a origem dos petróleos se radica nos mares donde flutuava um plancton abundante cujos cadáveres se acumulavam no fundo e se decompunham formando o petróleo.

2 — a) As rochas que podem servir de armazém são geralmente rochas porosas tais como areias e grés ou rochas não porosas (calcários, por exemplo). Nestas últimas rochas o petróleo encontra-se preenchendo cavidades ou fendas.

b) A rocha cobertura é uma rocha impermeável. A argila por exemplo.

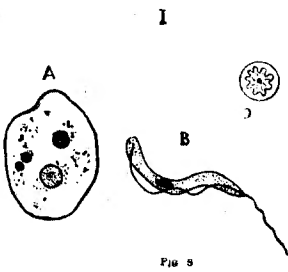
3 — Os carvões sapropélicos têm certas afinidades com os petróleos porque se originam também por betuminização. Para a sua formação foi necessário, também, uma incarbonização dos seus constituintes celulares.

4 — a) A sua origem vegetal pode ser reconhecida por observação microscópica. Notam-se tecidos lignificados, produtos resinosos e outros produtos vegetais já bastante alterados. Muitas vezes notam-se, também, no tecto e no muro dos terrenos húmidos, fósseis das plantas que incarbonizaram.

b) Os vegetais que mais contribuíram para a origem dos maiores jazigos actuais de hulha viveram na Era Paleozóica, período Antrocolítico.

c) Ao grupo das Pteridófitas e das Espumatófitas. Deste último tipo apenas as gimnospermicas originam carvões naquele período.

Ciências Biológicas



1 — A doença produzida pela Entamoeba histolytica chama-se disenteria tropical amebiana.

O Trypanosoma gambiense produz a doença do sono, e a Haemamoeba vivax provoca as febres palustres.

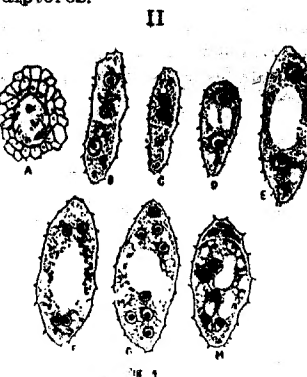
2 — O animal figurado em A desloca-se por meio do pseudópodos, e o figurado em B, por meio de um flagelo.

3 — Os indivíduos atacados pelo plasmódio apresentam uma cor terrosa, porque a hemoglobina dos glóbulos vermelhos é transformada numa substância de cor acastanhada.

Os acessos febris correspondem ao momento em que os merozoítos abandonam as hemácias e se espalham no plasma sanguíneo. A febre elevada é devida às toxinas elaboradas pelo parasita.

4 — O insecto que transmite os germes do Trypanosoma é a mosca do género Glossina. O paludismo é transmitido pelo mosquito fêmea do género Anopheles, ou outros géneros muito semelhantes.

Pertencem à ordem dos dípteros.



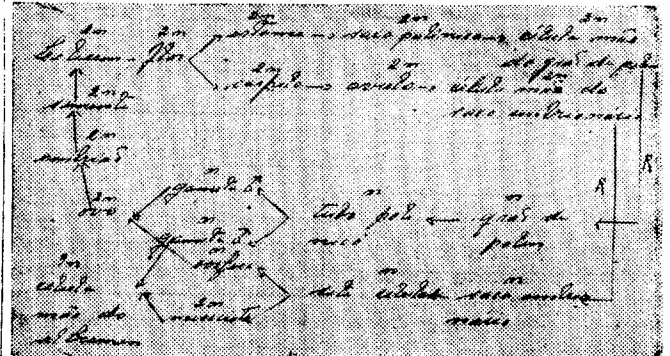
O saco embrionário resulta da célula mãe do saco embrionário. Esta célula, que pertence ao núcleo do óvulo por uma divisão reducional, dá quatro células; três degeneram; a que fica é o saco embrionário. Na sua germinação, o núcleo haploide divide-se em dois, que se afastam cada um para o seu

pólo daquele saco. A cada núcleo divide-se duas vezes, dando origem a quatro núcleos cada um, formando, assim, portanto, quatro energídeos em cada pólo.

Depois, dois inergídeos (um de cada pólo) juntam-se na parte central e conjugam-se, formando assim uma célula central chamada o mesocisto.

Desta forma resultam portanto da germinação do saco embrionário sete células: — três sinérgides das quais uma é a oosfera; três antipodas e uma célula central ou mesocisto.

2 — A geração mais diferenciada nas Angiospermicas é a geração esporófito, pois nela está incluída a própria planta que é o elemento mais diferenciado do ciclo.



3 — A semente duma Angiosperma forma-se do seguinte modo:

O grão de pólen germina no estigma do carpelo. Forma assim um tubo polínico que caminha através do estilete, penetra no ovário e dirige-se para o micróbio do óvulo e vai ao contacto com o saco embrionário. Aquele tubo leva dois energídeos masculinos. Um conjuga-se com a oosfera, outro com o mesocisto. Da primeira conjugação resulta o ovo que dividindo-se activamente dá o embrião. Da segunda conjugação forma-se uma substância de reserva.

Quando o embrião estiver desenvolvido e as substâncias nutritivas estiverem acumuladas, a semente está pronta para a germinação.

4 — O desenvolvimento do embrião da semente faz-se à custa das substâncias acumuladas do cotilédone. Algumas substâncias de reserva para serem aproveitadas pela planta em desenvolvimento têm que se tornar solúveis por fermentos especiais.

Estão neste caso o amido e a aburona. Os cotilédones, depois de consumidas todas as substâncias que continham, morrem e desaparecem.

III

1 — As incompatibilidades de sangue provêm de certas substâncias que se encontram no plasma do sangue. Estas substâncias são as aglutininas que actuam sobre os glóbulos vermelhos que contêm outras substâncias chamadas aglutinógenos. Para que uma transfusão seja possível é necessário que as hemácias do dador não contenham os aglutinógenos correspondentes às aglutininas do plasma do receptor.

2 — Um indivíduo do grupo O pode fornecer sangue a qualquer pessoa porque as suas hemácias não contêm aglutinógenos e portanto não há perigo de as hemácias serem aglutinadas.

3 — Os filhos deste casal podem produzir filhos do grupo A ou do grupo O.

Justificação:

1.ª casa: AA x AA			
A	A	A	A
A	AA	AA	
A	AA	AA	
2.ª casa: AA x AO			
A	A	A	O
A	AA	AO	
A	AA	AO	
3.ª casa: AO x AO			
A	O	A	O
A	AO	AO	
O	AO	AO	

3.º ciclo — 1.ª chamada Prova escrita de Francês

Chateaubriand évoque un souvenir qui lui était cher: «le beau spectacle d'une nuit, dans une forêt en Amérique.

L'astre solitaire monta peu à peu dans le ciel: tantôt il suivait paisiblement sa course azurée, tantôt il reposait sur des groupes de nues qui

ressemblaient à la cime de hautes montagnes couronnées de neige. Ces nues noyées et déployant leurs volles, se déroulaient en zones diaphanes de satin blanc, se dispersaient en légères flocons d'écume ou formaient dans les cieux des bancs

(Continua na página seguinte)

LICEU-INSTITUTOS

1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS

CURSOS DE LINGUAS
Francês * Inglês * Alemão

ESCOLA SÃO VICENTE: R. do Paraíso, 28 — T. 865904
EXTERNATO MARQUES DE POMBAL: Rua Carrilho
Vieira, 10 — T. 834658; R. Edith Cavell, 8, 1.º — T. 820221
Manter-se-ão aulas durante as férias
Cursos a iniciar em 1 de Julho

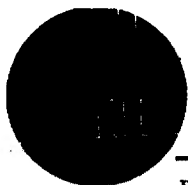
VERÃO-69

APRENDA INGLÊS

NA

CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES

- CURSOS INTENSIVOS (DURAÇÃO 4 — SEMANAS)
- PREPARAÇÃO PARA EXAMES
- CURSOS DE CONVERSACÃO



INTERNATIONAL HOUSE

RUA MARQUES SÁ DA BANDEIRA, 16

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMARIO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — LISBOA

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da pág. anterior)

d'une ouate éblouissante, si doux à l'œil qu'on croyait ressentir leur mollesse et leur élasticité.

La scène sur la terre n'était pas moins ravissante: le jour bleuâtre et velouté de la lune descendait dans les intervalles des arbres, et poussait des gerbes de lumière jusque dans l'épaisseur des plus profondes ténèbres. La rivière qui coulait à mes pieds tour à tour se perdait dans le bois, tour à tour reparaisait brillante des constellations de la nuit qu'elle répétait dans son sein. Dans une savane de l'autre côté de la rivière, la clarté de la lune dormait sans mouvement sur les gazons; les bouleaux agités par les brises et dispersés çà et là formaient des îles d'ombres flottantes sur cette mer immobile de lumière. Autour tout aurait été silence et repos sans la chute de quelques feuilles, le passage, d'un vent subtil, le gémissement de la hulloite; au loin, par intervalles, on entendait les sours mugissements de la cataracte du Niagara, qui dans le calme de la nuit, se prolongeaient de désert en désert et expiraient à travers les forêts solitaires.

La grandeur, l'étonnante mélancolie de ce tableau ne sauraient s'exprimer dans les langues humaines; les plus belles nuits en Europe ne peuvent en donner une idée. En vain dans nos champs cultivés l'imagination cherche à s'étendre; elle rencontre de toutes parts les habitations des hommes; mais dans ces régions sauvages l'âme se plaît à s'enfoncer dans un océan de forêts, à planer sur le gouffre des caractères, à méditer au bord des lacs et des fleuves, et, pour ainsi dire, à se trouver seule devant Dieu.

Chateaubriand, «Génie du Christianisme»

I

A — Expliquez le sens des expressions suivantes:

1. «...le jour bleuâtre et velouté de la lune...»
2. «...des îles d'ombres flottantes sur cette mer immobile de lumière...»

B — 1. Le texte présente un tableau de la nature qui nous fait contempler un aspect du ciel et une «scène sur la terre». Relativement à l'aspect du ciel, qu'y a-t-il de plus beau à remarquer?

2. Dans la scène qui se passe sur terre, l'auteur nous

transmet de merveilleuses impressions de lumière et d'ombre. Commentez-les.

3. A travers ce texte, Chateaubriand fait un appel aux sensations visuelles, mais il y a des passages qui nous transmettent des sensations d'un autre type. Indiquez-les et faites-en le commentaire.

C — 1. L'écrivain, dans la synthèse de la description, remarque «la grandeur et l'étonnante mélancolie de ce tableau». Dans quels éléments réside cette mélancolie?

2. En concluant, Chateaubriand exprime son sentiment religieux. Analysez-le.

II

Traduisez le texte depuis: «La rivière qui coulait...» jusqu'à «...mer immobile de lumière.»

III

Rendez en français:

a) A Lua a grande e bela, com sua luz triste e fria por um céu sem nuvens. Era uma daquelas noites raras, mas admiráveis, do breve Estio britânico.

b) A areia, que rangia com o atrito das rodas da carruagem nas ruas do parque; os ramos descaídos das árvores, por que roçávamos levemente ao passar... tudo para mim eram impressões de nunca sentida e inexplicável tristeza.

c) Ficava-me a alma após tudo aquilo; sentia fugir-me a felicidade para sempre e que era eu que a afugentava, e que me a encontrar só, desamparado e proscrito no deserto da vida.

Almeida Garrett, «Viagens na minha Terra» (texto com supressões)

IV

A partir de la fin du XVIII^e siècle, le paysage devient un sujet marquant qui présente des aspects particuliers.

En vous rappelant vos lectures, écrivez une composition où vous parlerez sur:

LE PAYSAGE CHEZ LES ROMANTIQUES ET LEURS PRÉCURSEURS.

SOLUÇÃO

I

A) 1—Expression qui suggère le clair de lune et la sensation de douceur qu'il fait naître dans l'âme de l'artiste.

2—L'aspect extérieur de l'arbre, flexible, ondoyant semble un être qui flotte sur la terre baignée de lumière.

B) 1—C'est la Superbe

psychologie. D'un côté, l'aspect pictural d'une nuit féerique dominée par la splendeur de la lune; de l'autre, la sublimité que cette nuit provoque dans l'esprit de l'homme, tout en l'approchant de Dieu.

2—Malgré le mystère des choses et l'épaisseur des profondes ténèbres, l'auteur fait appel à la lumière et, par une sorte d'intention poétique, presque mystique, il nous découvre la beauté de la savane, l'agitation des bouleaux, la surface brillante de la rivière, contrastant avec les sours mugissements de nues, les âles ves, surtout, quand il nous ments de la cataracte.

3—Des sensations auditives, surtout, quand il nous parle de la brise, du vent subit, du gémissement de la hulloite, des sours mugissements de la cataracte.

Des sensations tactiles: le satin, les flocons légers, une ouate éblouissante, la mollesse, le jour velouté.

C) 1—La description de ce beau tableau symbolise le mot divin révélé à l'artiste, cette nuit-là. Ces révélations soudaines, tantôt fournies par les endroits éclairés, tantôt suggérées par l'ombre impénétrable lui permettent de s'approcher de l'essence de la création. Mais, malgré cette merveilleuse «mise en scène», Chateaubriand y trouve des éléments mélancoliques; il nous parle de «arbre solitaire, de la chute des feuilles, du calme trop lourd de la nuit, des mugissements douloureux du Niagara.

2—Chateaubriand aime à se trouver seul avec Dieu, malgré ce sentiment tragique de sa solitude, malgré l'essence du monde lui être impénétrable. Le plaisir de se sentir en présence de la divinité, diète admix à ses secrets font palper son sein. C'est que les solitudes de la terre sont moins vastes qu'une seule rêverie de son cœur.

II

A ribeira que corria a meus pés, era se perdia nos bosques, ora reaparecia brilhante com as constelações da noite que repetia em seu seio. Numa savana de lá do outro lado da ribeira, o luar dormia, docemente, espalhado sobre a relva; havia bétulas dispersas agitadas pela brisa que formavam ilhas de sombras flutuantes por sobre este mar imóvel de luz.

III

a) La lune pleine et belle projetait sa lumière triste et froid sur un ciel sans nuages. Il s'agissait d'une de ces nuits rares, mais admirables d'un court été britannique.

b) Le sable qui craquait sous les roues de la voiture dans les ruelles polies du parc, les branches qui tombaient des arbres et que nous touchions, doucement, au passage... tout pour moi formait des impressions d'une inexplicable tristesse jamais subie.

c) L'âme s'y attachait, le bonheur s'enfouissait pour toujours de mes propres mains, je pensais que j'irais me trouver seul, abandonné, proscrit dans le désert de la vie.

IV

Composition

Resposta de tratamento subjectivo, motivo por que a não incluimos nesta resolução.

Tópicos gerais:

- La couleur locale chez les romantiques.
- L'individualisme.

- Le pittoresque lié au sentiment de la nature.
- La sincérité.
- La sensibilité (le promoteur solitaire).
- Le sentiment religieux.

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Alemão

A. Lesen Sie diesen Text sorgfältig durch, dann beantworten Sie in ganzen Sätzen die Fragen dazu!

1. Das Telefon klingelte. Eine unbekannte Männerstimme fragte: «Ist dort bei Studienrat Vehrenkamp?» «Ja!» sagte ich. «Hier Hotel Bristol. Ich verbinde weiter.» Pause. Es knackte im Apparat, ein Zeichen, dass umgeschaltet wurde. So hatte ich Zeit, mir darüber klarzuwerden, dass es Tante Paula sein musste, die einzige Millionärin der Familie, die es sich leisten konnte, im «Bristol» abzustiegen.

2. Endlich meldete sich wirklich die Millionärin am anderen Ende der Leitung: «Wer ist da?» Ich antwortete wohlgezogen: «Hier ist Anneliese! Guten Tag, Tante Paula! Willkommen in unserer Stadt!» «Danke! Sind deine Eltern zu Hause?» «Im Augenblick nicht, liebe Tante, aber sie werden bald heimkommen.» Sie sagte, sie käme gerade aus einem portugiesischen Badeort, den sie wegen ihres Rheumas aufgesucht habe.

3. Dann sagte sie noch: «Ich reise heute abend heim, da wollte ich mal auf einen Sprung zu euch hinauskommen.» Ach, du lieber Himmel, und ausgerechnet heute kann man nichts einkaufen, weil es Sonntag ist! Aber wir verfallen sowieso immer in Panik, wenn wir Gäste erwarten. Noch ehe ich mir eine Schürze vorgebunden hatte, machte ich mich daran, Kekse zu backen. Ich machte rasch Wasser warm, um den Staub aus den chinesischen Teetassen zu waschen, die seit Erikas Konfirmation nicht mehr gebraucht worden waren.

1. a) Wem gehörte, Ihrer Meinung nach, die Männerstimme?

b) Warum war Tante Paula noch nicht am Apparat?

c) Woher wissen wir, dass das Hotel Bristol sehr hohe Preise verlangt?

2. a) Wen wollte Tante Paula eigentlich sprechen?

b) Wie heisst Anneliese mit vollem Namen? Und wie würden Sie sie in Gesellschaft anreden?

c) Wozu war Tante Paula nach Portugal gefahren?

3. a) Warum können wir behaupten, dass Anneliese und ihre Tante in verschiedenen Städten wohnen?

b) Warum war das Mädchen plötzlich von panischer Angst erfüllt?

c) Warum mussten die Teetassen noch gewaschen werden?

(Fortsetzung umseitig!)

B. Nacherzählung: Lesen Sie den 2. Abschnitt des Textes nochmals durch, dann erzählen Sie ihn kurz nach!

C. Aufsatz:

Als Tante Paula eintraf, waren die Eltern noch nicht da. Tante und Nichte tranken den Tee allein. Dem Mädchen war das Gebäck gelungen, und die Tante war davon begeistert. Später erzählte sie von ihrer Portugalreise.

Schreiben Sie das Gespräch zwischen den beiden nieder!

D. Übersetzen Sie den 3.

Abschnitt des Textes ins Portugiesisch!

E. Übertragen Sie ins Deutsche!

Só depois de a Tia chegar vi que a casa estava ainda desarrumada. A minha irmã tinha deixado o casaco em cima duma mesa; as botas do Pedro estavam no corredor, em frente da porta do quarto dele. O relógio da sala tinha parado, e o aparador estava cheio de pó.

Apesar da minha atrapalhada, consegui entreter a Tia tão bem que fui convidada a passar um mês com ela em Berlim.

SOLUÇÃO

Questionário

Respostas

A — 1. a) Meiner Meinung nach gehörte die Männerstimme einem Angestellten des Hotels (Bristol).

b) Weil Tante Paula wahrscheinlich noch in ihrem Zimmer war und von dort keine direkte Telefonverbindung machen konnte.

c) Wir wissen es, weil Tante Paula, die einzige Millionärin der Familie Vehrenkamp, gerade im Hotel Bristol abgestiegen war.

2. a) Sie wollte Anneliese Eltern sprechen.

b) Mit vollem Namen heisst sie Anneliese Vehrenkamp. Ich würde sie in Gesellschaft Fräulein Vehrenkamp anreden.

c) Um dort, und wegen ihres Rheumas, einen Badeort aufzusuchen.

3. a) Wir können es behaupten, weil Tante Paula ihrer Nichte telefonisch sagte, dass sie noch in jenem Tag abend heimreise.

b) Weil Tante Paula zu ihnen kommen würde und, da es Sonntag war, nichts eingekauft werden konnte.

c) Weil sie seit Erikas Konfirmation nicht mehr gebraucht worden und daher verstaubt waren.

B e C — Para estas duas partes será difícil elaborar texto em alemão que, no geral, possa corresponder ao que cada aluno haja escrito. Trata-se, até certo ponto, de redações que, embora tendo por base elementos concretos, permitem suficiente liberdade de acção pessoal e, por isso mesmo, muito de subjectivo pressupõem.

Tradução para português

D — Depois disse ela ainda: «Regresso hoje a casa e por isso ainda queria fazer-vos uma curta visita (dar

um salto até vós).» Oh meu Deus (do Céu), e logo hoje, que nada se pode comprar por ser domingo! De qualquer modo ficamos sempre aflitos (ou entramos sempre em pânico) quando esperamos visitas. Ainda antes de atar um avental, pus-me a fazer bolachas. Aqueci água rapidamente, para lavar do pó as chavanas chinesas que desde a primeira comunhão de Erika jamais tinham sido utilizadas.

E — Erst nachdem die Tante angekommen war, merkte ich, dass die Wohnung noch unaufgeräumt war. Meine Schwester hatte ihren Mantel auf einem Stuhl liegen lassen; Peters Stiefel standen auf dem Korridor vor der Tür seines Schlafzimmers. Die Uhr im Wohnzimmer stand still und der Kredenzstisch war verstaubt. Trotz meiner Verlegenheit gelang es mir noch, die Tante so gut zu unterhalten, dass ich eingeladen wurde, einen Monat bei ihr in Berlin zu verbringen.

Breve comentário

O ponto ainda que de um modo geral (textos, questionário e exercícios) acessível a qualquer aluno médio, é, contudo, excessivamente longo e isso — e para quem tem apenas dois anos de aprendizagem de uma língua tão complexa como é a alemã — terá ocasionado sérios embaraços e inibitivas preocupações aos examinandos. Muitos deles não terão conseguido resolver todo o ponto na escassa hora e meia de que dispunham e, então, portanto, sido vítimas de hesitações bem evitáveis com trabalho de menor extensão e, portanto, de maior equilíbrio a solicitar a serena reflexão dos alunos.

Admissão ao 2.º ano do Ciclo Preparatório

Os exames de admissão ao 2.º ano do ciclo preparatório do ensino secundário, que se destinam aos alunos que frequentam a 5.ª classe de instrução primária do ensino oficial ou particular, podem ser requeridos até ao dia 30 deste mês, nas escolas do Ciclo Preparatório, nas quais se prestam todas as informações.



D. ARGENTINA MENDES SIMÕES PEREIRA

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

João Simões Pereira, Maria Dina Mendes Simões Pereira, João Abílio Mendes Simões Pereira, Mulher e filhos; irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família participam que mandam celebrar missa pelo eterno descanso da alma da sua muito querida mulher, Mãe, Sogra, Avó, irmã, cunhada, tia e parente, segunda-feira, dia 23, pelas 12,30 horas, na igreja de São Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem a assistir a este piedoso acto.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bomfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

LÍNGUAS

Rua D. Estefânia, 48
Tel. 533733

cial

ÁUDIO-VISUAIS E LAB

EXTERNATOS Av. da República, 83
77 90 47 e 76 96 20

CRISFAL

INSTITUTOS

LICEU — 2.ª ÉPOCA

A PROJEÇÃO CRESCENTE DO BANCO BORGES & IRMÃO EM TODO O TERRITÓRIO PORTUGUÊS — salientada pelo sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros no decorrer do acto inaugural das novas instalações da agência daquele estabelecimento de crédito na Covilhã

COVILHA, 21 — Foram hoje inauguradas nesta cidade as instalações definitivas da agência do Banco Borges & Irmão, no decorrer de uma cerimónia que, quer pelo significado de que se revestiu, quer pelo número e projecção das personalidades a que a ela assistiram, assumiu assinalável alcance económico e social.

No acto estiveram presentes as autoridades e entidades oficiais de maior relevo no distrito e no concelho, entre as quais o Governador Civil, sr. dr. Manuel Augusto Ascensão Azevedo, e presidente do município, sr. eng.º Vicente Borges Tereas, além de representantes dos diferentes organismos económicos da cidade e da região, figuras destacadas da indústria, do comércio e da agricultura, e muitos clientes do Banco. Pelo Banco Borges & Irmão assistiram os srs. Conde da Covilhã e dr. Miguel Gentil Quina, respec-

tivamente Presidente e Vice-Presidente do Conselho de Administração; os administradores srs. eng.º Miguel Rezende e drs. Rui Fortes da Gama e António Santos da Cunha; drs. Pedro Soares Martinez e José de Albuquerque Calheiros, respectivamente, presidente e membro da mesa da Assembleia Geral; srs. dr. Mário Gentil Quina e Manuel Lágos, membros do Conselho Geral; srs. drs. Affonso Corrêa Leite e José Guaberto Sá Carneiro e Manuel Pinto de Azevedo Júnior, respectivamente presidente e membros do Conselho Fiscal; e, pela filial em Lisboa, os srs. drs. Manuel Marques Guedes, director-geral, e Rui de Albuquerque, adjunto da administração; e consultores técnicos e directores de serviços, além do gerente da agência, sr. Manuel Martins Viegas Alvaras.

A cerimónia principiou com a bênção das novas ins-

tações, dada pelo padre dr. António Mendes Fernandes, representante do pároco da freguesia em que se integra a Rua Comendador Campos Mello onde se situa o edifício.

Em seguida, o sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã) proferiu um significativo discurso, necessariamente fiel aos objectivos de expansão e progresso do Banco Borges & Irmão, que, obedecendo ao condicionalismo da legislação em vigor, tem procurado e conseguido fazer a cobertura bancária do País, abrangendo as grandes províncias ultramarinas de Angola e Moçambique por intermédio do seu associado, o Banco de Crédito Comercial e Industrial; mas, por outro lado, integrando-se numa tradição familiar de íntima associação com o próprio progresso da Covilhã, na medida em que, desde longa data, a família do sr. Conde da Covilhã colabora activamente no fomento económico, agrícola e turístico de uma cidade e de uma região que podem considerar-se, sob es-

tes aspectos, verdadeiramente privilegiadas. Assim, o discurso do sr. conde da Covilhã, ao mesmo tempo que sublinhou a transcendência económica e social do acontecimento, não deixou de assinalar, discretamente, as razões sentimentais do seu apego à laboriosa região.

Sempre desejámos que o Banco Borges & Irmão pudesse marcar aqui uma presença válida, justificada pela importância económica da Covilhã e da sua vasta zona de influência — afirmou o sr. Conde da Covilhã

Usando da palavra, após a bênção das instalações, o sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros disse:

«Quer em nome do Banco que represento, quer em meu nome pessoal, desejo, antes de mais, cumprimentar e saudar V. Ex.ª, Senhor Governador Civil, agradecendo-lhe, penhoradamente, a sua honrosa presença nesta cerimónia inaugural.

Em nesses cumprimentos e saudações engloba, ao mesmo tempo, o Ilustre Representante do Governo da Nação e o Chefe deste grande Distrito, o Magistrado Integro e o Homem de bem, que na sua mocidade e na sua devoção à coisa pública, pelo seu carácter e pela sua formação social soube granjear o respeito e a simpatia da gente da Beira Baixa.

Nos tempos perturbados que vivemos, perante as dificuldades que é obrigação de todos ajudar a vencer, formulamos os melhores votos pelo êxito do seu magistério político, Senhor Governador, e oferecemos-lhe a nossa leal e amiga colaboração.

Ao Senhor Presidente da Câmara, qualificado representante da grei covilhanense, gente laboriosa e boa, dirigimos as nossas gratas homenagens, em testemunho de profunda estima por esta Terra, que queremos cada vez maior e mais progressiva, sob a sua esclarecida e dedicada acção administrativa.

Acceite Vossa Reverência um especial agradecimento por, em cerimónia cheia de significado e riqueza espiritual, ter trazido a bênção de Deus a esta Casa e aos que nela trabalham.

A todas as autoridades e entidades aqui presentes, a expressão do nosso vivo reconhecimento, reconhecimento que tornamos extensivo a todos quantos, de perto ou de longe, nos deram a honra de vir compartilhar connosco esta hora de justificada alegria e íntima satisfação.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Estou certo de que todos os presentes conhecem a minha entranhada afeição pela Covilhã. Todos sabem quanto ela representa para mim, no aspecto familiar, no aspecto social, e, pela posição que ocupo na Banca Portuguesa, na minha vida profissional.

A Covilhã estou preso por indelétricos laços de família. Pesa sobre os meus ombros a dura mas nobre responsabilidade de uma tradi-

ção de prestígio social, de prestígio político e de prestígio económico, que, com a ajuda de Deus e a compreensão dos homens, procuro manter íntegra para a transmitir aos que me hão-de suceder e continuar.

Aqui, na Covilhã, conto muitos e queridos amigos, aqui tenho a minha casa e, fiel às raízes, deixei-me enamorar pelas belezas desta magnífica Província, desde as encostas da sua Serra às planuras de Monfortinho; o coração a dar e a receber amizade, um sentido de fraternidade a despertar e a comandar iniciativas, uma actividade votada à valorização da terra e à promoção social das suas gentes.

Pelo que ao Banco Borges & Irmão respeita, sempre desejei, ou melhor, todos os que pelo Banco respondem sempre desejaram que ele aqui pudesse marcar uma presença válida, justificada pela importância económica da Covilhã e da sua vasta zona de influência, pela similitude entre a Invicta Cidade do Porto, onde o Banco tem a sua sede, e a nobre Cidade da Covilhã, ambas brasonadas pelo trabalho criador, e também porque me era grato retomar, no plano bancário, uma tradição familiar que, porventura, não será de todos conhecida.

Mas, a verdade é que meu Avô — Cândido Augusto d'Albuquerque Calheiros, 1.º Conde da Covilhã, que aqui se finou em 11 de Outubro de 1904, rodeado do carinho da família e da estima dos seus contemporâneos, foi Presidente da Direcção e da Assembleia Geral da Associação Industrial e Comercial e exerceu durante mais de vinte anos as funções de Director do Banco da Covilhã.

Pois, na linha dessa tradição, e no quadro mais vasto de um Banco que hoje se projecta em toda a terra portuguesa e que, através do seu associado Banco de Crédito Comercial e Industrial, se estende às nossas principais Províncias Ultramarinas (Angola e Moçambique), na linha dessa tradição, dizíamos, volta à Covilhã o neto

D sr. e quando da c

daquele p português com a su de contin boração qu se há-de t e recíproco

É fran o crescim da

Sob tal Junho de que se te elemento e tituições b operam.

Em plan e de solida ees com to económicas co e notó dos serviç passo na alva dos c mento da

Este c naturalme de dotar maior nur de trabalh ções adequ funcionam

u, comod que nos p Julga-se vo foi atin te: prazer nalações tam um e zapio cita des agora, dos quan co com a a confianç que da a — e de t e nham acre sem clien

Deseja Agência pu responder ram as mu económicas sua import seu poder progressiv

(Continua

Piscina das Termas do Vimeiro

(A 1 HORA DE AUTOMÓVEL DE LISBOA)
(Caudal 60 000 litros hora)

Água corrente à temperatura natural de 27.º

A água mineromedicinal do Vimeiro, que o povo apelidou de Água Santa muito antes da existência de análises químicas, tem virtudes terapêuticas que permitem a absorção rápida pelas células da epiderme que ao incharem dão ao tegumento um aspecto de juventude e frescura, chamado vulgarmente de pele aveludada, sendo esta sensação ainda maior se a pele for seca e tiver tendência a engelhar.

Um brinde da Natureza na piscina mais higiénica do País.

Hospede-se no Hotel das Termas ou no Golfe Mar

EQUITAÇÃO — TÊNIS — GOLFE — PRAIAS

Marcções telef. 680568-651202 ou A-dos-Cunhados 3 e 6

DRAGÃO D'OURO

RESTAURANTE CHINES

Um mundo de exotismo e de bem servir
Ambiente seleccionado

RESTAURANTE — SERVIÇO DE CHÁ

P.ª Inf. e Reservas: Tel. 714503/369655

Av. Frei Miguel Contreiras, 54-B-Lisboa

Junto à passagem de nível da Av. Roma

AR CONDICIONADO

UMA NOVA CARREIRA PARA A JUVENTUDE PORTUGUESA

ESCOLA INTERNACIONAL DE DECORADORES DO «IADE»

sob o patrocínio da

INSEA — SOCIETY FOR EDUCATION THROUGH ART
(órgão consultivo da UNESCO)

Anuncia a abertura da sua actividade docente para Outubro de 1969 e aceita desde já inscrições dos alunos interessados.

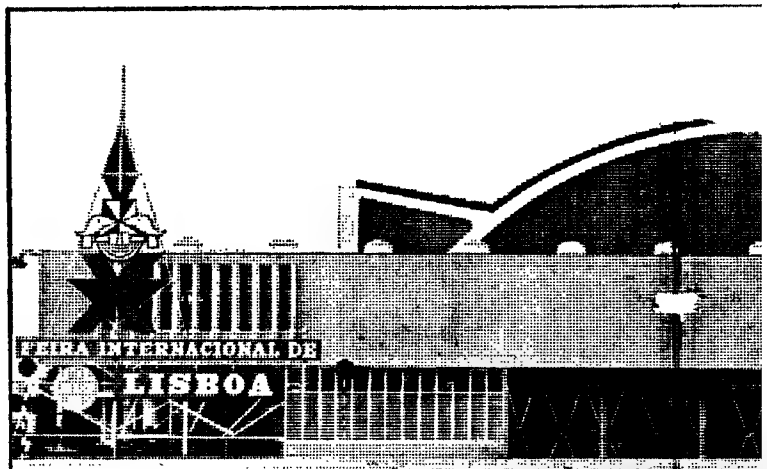
Curso especialmente destinado para formar decoradores, admite alunos diplomados com o curso do 5.º ano liceal ou o equivalente das Escolas Técnicas, bem como os de idade superior a 16 anos com formação cultural adequada.

Curso de 3 anos lectivos programados com as disciplinas de: Desenho, Tecnologia de materiais, História de Arte Universal, História da Arte Portuguesa, História de Artes Industriais, Projectos, Direito Usual e Organização de Empresas.

Diplomas com reconhecimento internacional.

As inscrições serão consideradas pela ordem da sua entrada dado o número limitado de alunos que frequentarão o curso.

Informações e inscrições: RUA DAS FLORES, 77-1.ª
— T. 324216.



PRESENTE NA FILM COM DOIS

EMERSON
A marca de qualidade
FRIGORÍFICOS DE LUXO
A PREÇOS NORMAIS
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43 Rua dos Douradores, Telef. 361783, LISBOA

JOIAS E PRATAS
COMPRAMOS COBRINDO
TODOS OS PREÇOS
OURIVESARIA PORTUGAL
ROSSIO, 122

Joalheria Mergulhão
A MAIOR VARIEDADE
EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013
LISBOA — PORTUGAL



O sr. conde da Covilhã quando falava, no decorrer da cerimónia inaugural

daquele pioneiro da Banca portuguesa para ratificar com a sua gente um pacto de continuidade e de colaboração que, estamos certos, se há-de traduzir em amplos e recíprocos benefícios.

É franco e notório o crescimento dos serviços da agência

Sob tal signo se criou, em Junho de 1967, esta Agência, que se tem afirmado como elemento eficaz entre as instituições bancárias que aqui operam.

Em plano de compreensão e de solidariedade de interesses com todas as actividades económicas da região, é franco e notório o crescimento dos serviços da Agência, expressão na evolução progressiva dos depósitos e no aumento da carteira comercial.

Este crescimento impõe, naturalmente, a necessidade de dotar a Agência com maior número de unidades de trabalho e com instalações adequadas ao regular funcionamento dos serviços, via da sua eficiência e comodidade do público que nos procura.

Julga-se que esse objectivo foi atingido e é com muito prazer que estas novas instalações — que representam um elemento de valorização cidadã — ficam, desde agora, à disposição de todos quantos honram o Banco com a sua confiança — e a confiança é a pedra de toque da actividade bancária — e de todos quantos venham acrescer o número dos seus clientes.

Desejariamos que esta agência pudesse em tudo corresponder ao que dela esperam as múltiplas actividades económicas desta Região, a importante indústria, o poderoso comércio a sua progressiva agricultura; que

(Continua na 16.ª página)

A pesquisa e a exploração de pedras preciosas em Angola

O decreto 49 071, publicado hoje no «Diário do Governo», autoriza o ministro do Ultramar a celebrar, em nome do Estado e em representação da província de Angola, um contrato de concessão com uma sociedade a constituir, que se denominará Diamul — Companhia Ultramarina de Diamantes, S. A. R. L., que se destina à pesquisa e exploração de pedras preciosas. A sociedade em causa deve-se constituir no prazo máximo de noventa dias, a contar da publicação do decreto.

Entre as considerações que são feitas pelo preâmbulo do diploma para justificar as decisões que ele toma, salientem-se, por um lado, a menção d'«apoio financeiro garantido por entidade capitalista estrangeira ligada ao comércio de diamantes» e, por outro, a dispensa do parecer do Conselho Ultramarino, em princípio exigido por motivo da urgência da entrada em vigor do decreto, permitida pelo parágrafo primeiro do art.º 150.º da Constituição Política.

A área em que a nova

sociedade tem exclusivo de exploração, sem prejuízo dos direitos anteriormente adquiridos al por outrem, é definida em função de um aviso da Direcção-Geral da Economia, publicada em 23 de Abril de 1964, e corresponde às quadriculas 198, 199, 200, 204, 205, 209 e 210 referidas naquele aviso.

O VERÃO ENTROU COM CHUVA

As 13 e 55 de hoje chegou o Verão. Chegou á hora marcada, nem mais segundo, nem menos segundo. As leis da natureza, pelos vistos, não se regulam pelos horários dos comboios portugueses. E ainda bem. Caso contrário, acabaríamos por ter o Verão às portas do Inverno...

...Embora alguns penssem que o Inverno esteja rente em abandonar a praça, como o toiro da última corrida no Campo Pequeno. É verdade que durante a noite passada choveu abundantemente quase como nos «bons» velhos tempos. Qualquer semelhança entre o dia de hoje e um dia de Verão foi pura coincidência...

No entanto, isto será o que nós pensamos no nosso desejo dos dias de sol, daqueles em que suamos (alegremente!) as estopinhas, sem atenção pela realidade. E a realidade, pela voz da estatística, diz-nos que não estamos assim tão longe dos valores médios de temperatura. E quanto á precipitação, tudo decorre normalmente: Junho é um mês instável, mês de crise, com chuvas e trovoadas súbitas. Simplesmente, a memória é breve e o Inverno rigoroso ainda está demasiado perto de nós para ser esquecido tão depressa.



O eng.º Vaz Pinto e o dr. Silva Pinto observam a maquete do empreendimento da Matur na Ilha da Madeira

Dois membros do Governo examinaram o projecto do complexo turístico da Matur (na ilha da Madeira)

O «stand» da Matur (Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira) na Feira Internacional de Lisboa, onde estão expostas as maquetas, fotografias e painéis dos seus empreendimentos, designadamente do que aquela empresa está a realizar na ilha da Madeira, foi visitado com singular atenção pelo ministro de Estado, sr. eng.º Vaz Pinto, e pelo subsecretário das Obras Públicas, dr. Silva Pinto, durante

a visita daquelas individualidades á Feira Internacional de Lisboa.

Os dois governantes foram recebidos pelos administradores, srs. Sousa Ribeiro, dr. Martins da Cruz e Laurindo Correia, e pelo director do Departamento de Promoção Turística, sr. Luís Bettencourt, os quais responderam aos esclarecimentos solicitados pelos dois membros do

Governo acerca do complexo turístico da Matur na ilha da Madeira que comporta um hotel com a capacidade de trezentos quartos, moradias, edifício de apartamentos, Yacht Clube, Centro Social, Centro de Bridge, Centro Comercial, restaurantes, cinema, em suma o que val ser uma moderníssima «cidade de veraneio», erguida no coração do Atlântico.

CIRCULARES TAGIDE
BARREIRO · LISBOA · QUEL

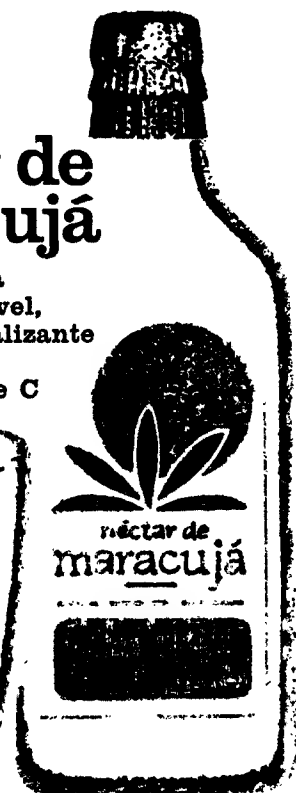
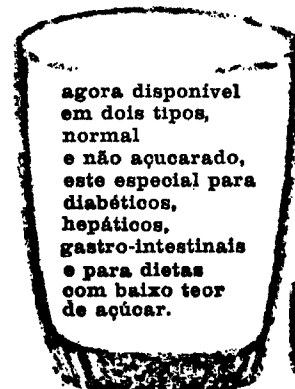
Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 237

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

néctar de maracujá

bebida de mesa sempre agradável, natural e revitalizante rica em ferro e vitaminas A e C



Pedidos à casa

Av. da República, 46 r/c - Tel. 76 71 41 - Lisboa 1

FIL/69

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA



DOIS POSTOS DE CÂMBIOS E SERVIÇO DE INFORMAÇÕES COMERCIAIS



Banco Borges e Irmão

Actualidade internacional

Apelo a uma greve dos trabalhadores latino-americanos

CARACAS, 21. — (F. P.) — A Confederação Sindical Cristã Latino-Americana pediu ontem a todos os trabalhadores da América Latina que parem o trabalho no dia 9 de Julho e organize manifestações de solidariedade com os trabalhadores argentinos, para denunciarem «a ditadura fascista de Onganía e do seu bando militarista».

Foi escolhida a data de 9 de Julho por ser o aniversário da independência da Argentina e da sua liberdade.

AUMENTO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

BRASÍLIA, 21 — (R.) — O presidente Costa e Silva assinou decretos que permitem o aumento de forças no Exército brasileiro em mais 6000 homens.

Nos decretos, ontem à noite publicados pela agência nacional oficial, diziam que era a primeira modificação nas Forças Armadas desde 1955. O aumento é explicado pelas necessidades de reforma administrativa e pelo processo de ocupação do vasto interior do Brasil, onde as Forças Armadas desempenham um importante papel na construção de rodovias e na educação.

Não foram fornecidos números oficiais acerca dos efectivos do Exército, mas, em 1964, o total das forças era calculado à volta dos 120 000 homens, com uma reserva, pronta a entrar em acção, de 200 000 a 250 000 homens.

Emílio Maspero, secretário-geral da Confederação, declarou que a simples solidariedade verbal não bastava e que era preciso passar a formas de acção mais energéticas, porque «a ditadura que oprime o povo argentino pode oprimir amanhã qualquer povo de um país latino-americanos».

DIALOGO REJEITADO

CÓRDOVA (Argentina), 21. — (F. P.) — A Confederação Beral do Trabalho de Córdoba rejeitou ontem a oferta de diálogo que lhe tinha sido feita pelo governador militar da província, afirmando que só mudará de opinião quando forem libertadas todas as pessoas presas por motivos dos incidentes do último mês.

Além disso, a Confederação decidiu, ao fim de longa reunião, organizar uma nova greve ainda este mês.

Na quinta-feira, o general Jorge Carcagno, governador militar de Córdoba, tinha enviado um emissário às centrais sindicais, para lhes propor conversações.

NOVE CRIANÇAS MORTAS NUM DESASTRE

VIENA (Geórgia), 21 — (R.) — Nove crianças e uma mulher morreram hoje num acidente perto de Viena, quando o carro em que seguiam atravessou a via férrea, numa passagem de nível aberta, e foi apinhado por um comboio de mercadorias.

Duas outras pessoas que seguiam no automóvel ficaram também gravemente feridas.

A Polícia disse que todos os ocupantes do carro eram negros.

O automóvel foi arrastado durante 1200 metros, antes do comboio poder parar.

«Make-up» para os seios

NOVA YORK, 21 — (R.) — Nesta cidade está a ser introduzido um processo de «make-up» destinado aos seios, que parece vir a gozar de grande popularidade.

«Nós estamos a tornar-nos mais conscientes do modo como aparecemos sem vestuário», afirmou ontem a cabeleireira internacional Kenneth, ao revelar a linha do «Nu», composta por três cosméticos destinados a salientar os contornos do peito feminino.

A linha cosmética contém um creme para dar aos seios um tom delicado, havendo também uma aplicação para salientar o recorte por meio de um líquido encarnado transparente, que é aplicado com uma esponja e que serve também para dar um ligeiro tom rosado aos mamilos.



Este é Alain Delon, como todos perceberam certamente. Mas um Delon especial: aqui o actor francês mais popular nas bilheteiras de todo o mundo encarna Jacques Chaban-Delmas, primeiro-ministro designado do seu país desde ontem. A cena é do filme «Paris já está a arder?» de René Clément, estreado entre nós em Fevereiro de 1967, e que relata, de acordo com o livro homónimo de Dominique Lapierre e Larry Collins, os episódios que imediatamente precederam a libertação de Paris em Agosto de 1944. O intérprete de «O samurai» e «A piscina» representava, pois, neste filme, o papel de um jovem (29 anos) «resistente» gaulista (Delmas) cuja actuação no sentido de preparar a primeira fase de poder do General na França ainda em guerra, foi decisiva.

Os egípcios comem de mais. Prolongado por 15 meses — conclusão do Instituto o acordo sobre as bases de nutrição da RAU dos E. U. A. em Espanha

CAIRO, 21 — (A. N. I.) — Os egípcios são das pessoas mais gordas do Mundo e, na opinião do Instituto Nacional de Nutrição, abreviam a vida por comem de mais.

O dr. Lufti Basta afirma que os egípcios, além de glúteos, escolhem exactamente os alimentos que pior lhes fazem. Daí resulta a obesidade, anormalidade que se está a propagar, no Egipto, mais do que em qualquer outro país do Mundo.

A gordura é um dos factores que mais contribuem para a reduzida longevidade dos egípcios. Segundo os mais recentes elementos, corroborados pelos organismos das Nações Unidas, a média de duração

da vida dos egípcios é de 24 anos — uma das mais baixas de todo o Mundo.

A obesidade de que sofrem milhões de egípcios — salienta o dr. Lufti — é mais perigosa do que o fumo. As investigações demonstram que o excesso de três quilos, no peso de um indivíduo, é mais perigoso do que o fumo de 25 cigarros por dia. Quando o excesso de peso se verifica depois dos 30 anos, mesmo que seja de um quilo, abrevia a duração da vida em um por cento.

A dieta normal dos árabes está completamente errada, pois é constituída, na sua maior parte, por alimentos de elevado valor calórico, como arroz, masas, batatas e pão.

WASHINGTON, 21 — (A. N. I.) — Embora declarando que «já terminou a época das bases militares estrangeiras», o ministro espanhol dos Assuntos Exteriores, Fernando Maria Castiella, concordou ontem em prolongar por 15 meses o acordo pelo qual os Estados Unidos mantêm bases em Espanha.

Em troca desse prorrogação, a Espanha recebe dos Estados Unidos equipamento militar no valor de 50 milhões de dólares (1 400 000 contos) e um empréstimo de 35 milhões de dólares, do Export-Import Bank, para compra de equipamento militar.

O informador da Secretaria de Estado norte-americana, Carl Borch, sublinhou que o prolongamento não contém quaisquer outras vantagens para a Espanha.

O acordo foi oficializado por troca de notas diplomáticas entre o secretário de Estado William Rogers e o ministro Fernando Maria Castiella.

Numa declaração feita por este ministro pouco depois da troca das notas, observa-se que as bases actualmente utilizadas pelos Estados Unidos passam a ser «exclusivamente espanholas» no fim de um período de transição.

REPÚBLICA

EM NOVEMBRO NA RODÉSIA

(Continuação da 1.ª página)

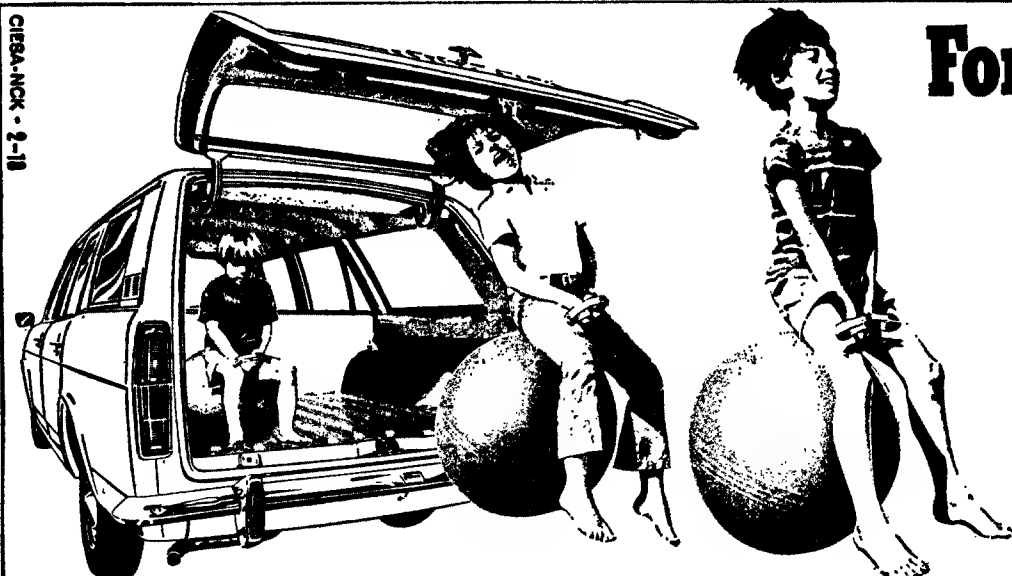
Nova York para considerar as propostas.

Em Dar-Es-Salam, Tângerica, africanos da Rodésia, que ali têm as suas bases, dizem que a guerra de guerrilhas contra o regime de Ian Smith sofrerá uma escalada como resultado da aprovação do referendo.

«Agora vamos desencadear uma guerra realmente a sério contra o inimigo», declarou um informador da União Nacional Africana Zimbábue (ZANU) ao ser-lhe pedido um comentário sobre os futuros planos de Ian Smith.

Em Londres, um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Comunidade, disse que a declaração da república pelo chefe rodésiano seria considerada ilegal.

O governador britânico da Rodésia, «sir» Humphrey Gibbs, deve agora enviar a sua resignação ao Governo de Londres e desaparecer calmamente da cena política da Rodésia. O Governo de Smith instalará então o seu próprio governador substituto, Clifford Dupont e a «Union Jack», que até agora tem flutuado no mastro principal, baixará definitivamente.



Ford à frente em utilidade!

A Cortina Estate Car tem espaço para muitos miúdos.
Ou para muitas coisas.
1,2 m³ com o banco traseiro levantado.
2 m³ com o banco traseiro baixado.
E um motor de 1.600 c.c. E 5 portas.



Cortina Estate Car
5 portas - 3 lugares à frente



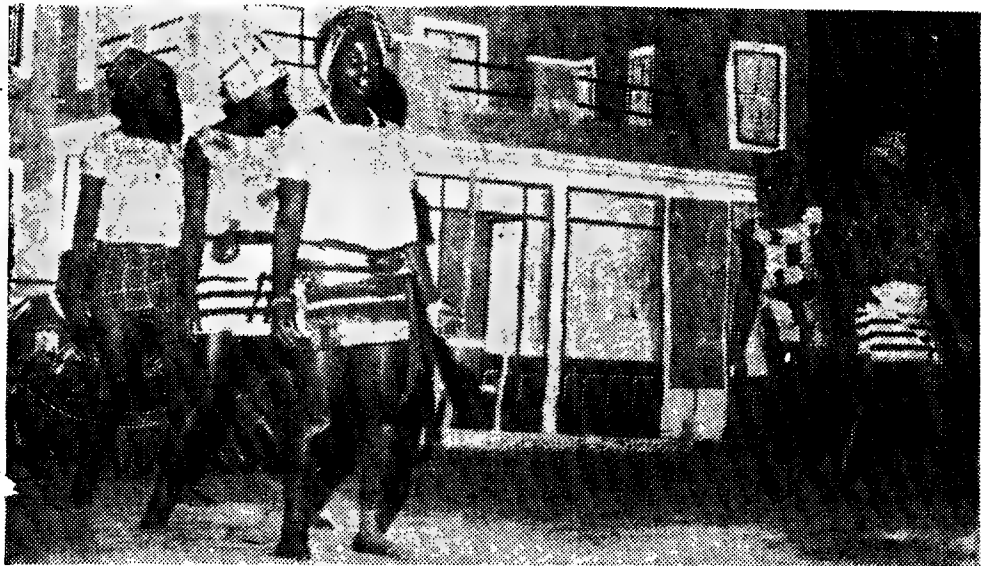
A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

AUTO BOAVISTA, LDA.
R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41

EM LISBOA
J. MENDES COELHO, LDA.

R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47

AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32
Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais



«Baronas» dos musseques de Luanda apresentaram; em Mafra, o seu «dimengano» (e de que maneira)

«BARONAS» E «QUILUMBAS» ENTUSIASMARAM MAFRA

A coisa tem-se passado na «Casa da Comédia». Uma vez, em Santarém. Mas ontem aconteceu em Mafra.

Um dia neutro: sexta-feira. Numa vila que fez, do convento, quartel. Mesmo assim, com os rapazes em dia de exercícios. Mafra tinha pouco mais do que quem lá vive. Em todo o caso, foi apoteótica a exibição do folclore angolano, com as suas «baronas» e a «quilumbas», com os seus tocadores de «quissange» e de «caco-chin», com os «mussequeiros» e «monangambés».

«Mas o que vai para aí!» — dirá quem esteja do lado de fora desta grande realidade do folclore angolano. Pois, vamos tentar dar o significado e explicar a razão de alguns termos, para se perceber tudo como é.

«Baronas» são as «próprias miúdas» que dão nas vistas e fazem um cidadão «puxar da sua coragem» para ir atrás delas aqueles dois quilómetros ou três que, da Mutamba (que é Rosário de Luanda), vão Jesaguar na areia do «musseque». (Também não sabe o que é «musseque», pois não? «Musseque» é mesmo o bairro onde, quando chove, a chuva faz lagoas improvisadas e, à noite, uma esteira chega para dormir até o corpo doer, pela manhã.)

«Quilumbas» é outra coisa. É moça nova com o corpo a saltar na blusa já apertada para tanto peito e a saia a deixar duas pernas morenas que sobram e provocam.

«Quissange» é o piano dos pobres. Toca-se com os polegares. É portátil, mas tem cauda de cabaca. «Caco-chin» é uma caixa com três cordas para um arco que se enrosna na madeira. É violino de sanzala, está bem?

Depois, há os «mussequeiros» que são aqueles a quem o pé, mesmo bem calçado, puxa para o pé-descalço do bairro popular. «Monangambé» quer dizer vagabundo. Vagabundo e malandro. Mas, faz favor (!), malandro sabe dançar, é farrista. E a farrá é uma instituição de Angola. A dança também, pois claro.

Com isto e mais com o resto, Angola mandou a Lisboa o seu espectáculo de folclore. Foi este que esteve, ontem, em Mafra, faz favor (!).

A QUEM DE DIREITO

Vem aqui dizer que, este ano, dentro de dias, se realiza, em Santa Marta de

Portuzelo, o XV Festival Internacional de Folclore.

Gente de lá entrou em comunicação com este grupo de Angola, para ser número da festa. Nada mais oportuno. Dificilmente, se tem à mão o que está, metido na riqueza do seu cofre, ainda para lá do Equador. Só que os bailarinos e ritmistas de Angola (mesmo custando a módica quantia de 30 escudos por cabeça, comida e «esteira» na Junqueira, que elas e eles, lavam os seus próprios panos e as «baronas» nem precisam de ir ao cabeleireiro fazer os seus «ginguindos» — essas tranças miudinhas que se atam com barbaque de recado) estão a menos de uma semana da partida.

Vem aqui acrescentar que folclore tão rico se paga em qualquer parte para voltar, quanto mais para adiar apenas de uns dias a partida... Mas, se eles forem, quem perde é o Festival de Santa Marta de Portuzelo e nós não nos

queremos meter nisso — só queremos avisar. A quem de direito. Já está.

A NOSSA «MUXIMA»

Pois (voltando ao espectáculo de Mafra), o publico aderiu. Ficou conquistado. Mais do que isso: entrou na farra.

Após a exibição total (com danças daqui e dali, com «muquixes» — que são uns mascarados que, diz a lenda, vêm do centro da Terra dizer aos homens e, especialmente, às mulheres que o melhor da vida é dançar — com rebita e tudo — pois rebita é «massemas», que quer dizer «umbigada» batida ao «fogo» do mandador, neste caso o Elias Dia Kimuezo ou Elias das Barbas) o publico subiu ao palco e «puxou» com elas — ora «puxar» é tirar o que há dentro cá para fora e fazer ritmo, que o ritmo não vai à escola, nem aprende a melodia, mas faz boa «muxima». É melhor explicar: «muxima» é uma palavra que quer dizer coração e também amizade — julgamos que só isto chega a quem o queira entender.

Pois, ontem, foi Mafra. Mafra para quem lá vive e não para quem lá vai com o propósito de ver. Como não seria em Santa Marta de Portuzelo, que é mesmo, de favor (!), a «muxima» do nosso folclore?

T. da S.



Miguel, o artista de Quinzau, na sua imitação do macaco — uma sugestão da natureza que «vem» de longe

GANHE UM ANDAR

barbeando o rosto
e com **Personna**
ganhe-o por gosto...



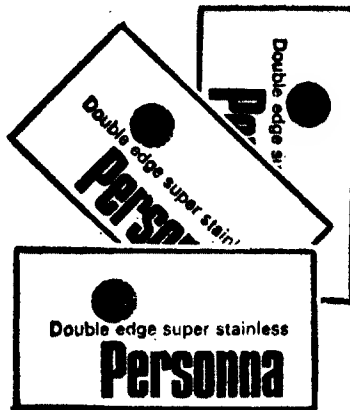
ESPIRAL

concorra!*

O QUE É PRECISO FAZER:

- Cole num postal 3 embalagens de papel das lâminas Personna
- Escreva no remetente o seu nome e morada
- Mande o postal para:

CONCURSO PERSONNA
Apartado 1443 - Lisboa



* Mande os postais que quizer até **30 DE JUNHO**

concorra!

Personna

DÁ-LHE UM ANDAR!

DESENHADORES

Organismo do Estado necessita desenhadores de 2.ª classe. Vencimento ilíquido: 2.684\$00.

Resposta a este Jornal ao n.º 291.

Diário do Porto

Cartaz dos espectáculos

Hoje

TEATROS
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45:
«A desconhecida de Arras» (17
anos)

CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «No
pista dos diamantes» (12 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «A re-
volta dos cossacos» (12 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «Ataque
à muralha do Atlântico» (12
anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Ricor-
do, Coração de Leão» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Duas
raparigas em Londres» (17 anos)
AGUIA DE OURO — As 21 e 30:
«Vingança sem piedade» (12
anos)
ESTÚDIO — As 21 e 30: «As car-
tas do espelho» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21:
«Passos na noite» e «Se o ma-
rido atender, desligue» (17
anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30:
«Os crimes de Dillinger» (17
anos)

VALE FORMOSO — As 2 e 30:
«O pai tirano» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — As 21 e
30: «Falsa acusação» (17 anos)

Amanhã, à tarde

TEATROS
ANTÓNIO PEDRO — As 6: «A
desconhecida de Arras» (17
anos)

CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «No
pista dos diamantes» (12 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «A re-
volta dos cossacos» (12 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «Ataque
à muralha do Atlântico» (12
anos)
ESTÚDIO — As 15 e 30: «As car-
tas do espelho» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «Duas
raparigas em Londres» (17
anos)
AGUIA DE OURO — As 15 e 30:
«Vingança sem piedade» (12
anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «Ricor-
do, Coração de Leão» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21 e 15:
«Com jeito vo... de tãol» e
«McIntock, o magnifico» (12
anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «Os
crimes de Dillinger» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 15 e 30:
«O pai tirano» (12 anos)

O «FRANJINHAS» JÁ FOI IDENTIFICADO

A Polícia Judiciária iden-
tificou já o «Franjinha»,
alcanha do indivíduo que
na madrugada do dia 9,
ultimo, conforme noticiá-
mos, acompanhado de mais
três indivíduos, se envol-
veu em desordem por cau-
sa de um empurrão que
ele «Franjinha», teria
dado acidental ou proposi-
tadamente, a dois indivi-
duos que com o grupo se
cruzava, desordem de que
resultou a morte de um
dos pertencentes ao pri-
meiro grupo, agredido a
tiro de pistola.

O «Franjinha», foi o
único então não identi-
ficado, por ter fugido ao ou-
vir os disparos da pistola.

Trata-se de Carlos Deve-
zas Rodrigues Franco, de
20 anos, viajante, residen-
te nos blocos residenciais
da Prelada, 704, B-3. E que,
segundo parece, se ausen-
tou para o Algarve.

Incêndio numa fábrica

De madrugada, pouco de-
pois das 3 e 15, manifestou-
se um violento incêndio num
uma fábrica de malas da fir-
ma Joaquim da Silva Brás,
Lda., no lugar da Estação,
S. Romão do Coronado, San-
to Tirso.

Verificaram-se algumas der-
rocadas. O Sítio foi domi-
nado às 5 e 30. Os prejuízos
são avaliados em mais de
duas centenas de contos.

A PROJECCÃO DO BANCO BORGES & IRMÃO

(Continuação da pág. central)

ela, em paralelo com o espí-
rito de iniciativa e amor ao
trabalho da sua gente, pudes-
se ser instrumento de pro-
gresso, de bem-estar e de fe-
licidade para todos.

Minhas Senhoras e meus
Senhores:

Deus concedeu-me a feli-
cidade de viver esta hora
para com emoção abraçar
afectuosamente os meus
bons amigos da Beira Baixa.
Bem haja!

O discurso do presidente da Câmara da Covilhã

Em resposta, o presidente
da Câmara Municipal da Co-
vilhã, sr. eng.º Borges Ter-
enas, pôs em relevo os bene-
fícios que representa para a
cidade e a região a presença
de uma instituição bancária
com o prestígio do Banco
Borges & Irmão e salientou
o significado da necessidade
de ampliação das instalações
da agência da Covilhã com
testemunho de progresso da
economia local. Apontou a
ligação do Banco Borges
& Irmão à cidade, através
do presidente do seu Conse-
lho de Administração, para
cuja acção como industrial
e financeiro teve palavras
de maior apreço.

Após uma visita às novas
instalações, que mereceram
elogiosos comentários não só
pela concepção funcional que
presidiu à sua planificação,

PRISÃO ACIDENTADA DE DOIS ASSALTANTES

Em fins de Outubro, numa
operação conjunta da P. J.
e da G. N. R., foram presos
os irmãos António e José Go-
mes da Silva Ferreira, o pri-
meiro conhecido por «Antô-
nio da Ilha», de 32 anos, es-
tucador, e o outro por «Zé
da Ilha», de 29 anos, tecelão,
ambos residentes no lugar
de Lamosa, Labruge (Vila
do Conde). Considerados os
autores de diversos assaltos,
em que roubavam e arrom-
bavam cofres monoblocos,
foram para a cadeia de Cha-
ves, por ali terem praticado
também alguns assaltos. Mas
de lá fugiram na madrugada
em que deveriam ser julga-
dos, não se ouvindo falar
neles durante algum tempo.

Entretanto, um mês depois
da fuga, foi assinalado o ar-
rombamento de um cofre
monobloco, de que foram
furtados 25 contos, no escri-
tório da fábrica de lacticínios
das Marinhas, em Espo-
sende, arrombamento com
as características dos dois
assaltos praticados pelos ir-
mãos. E daí para cá, outros
assaltos surgiram nos ar-
redores do Porto e Trofa, pe-
lo que a P. J. e a G. N. R.
começaram a investigar.

A G. N. R., na madrugada
de ontem, foi com um
mandato de captura à casa
de uma tal Albina, amante
do «António da Ilha». Ao
chegar ali, porém, foi sur-
preendida pelos dois perigo-
sos irmãos que fugiram de
motorizada para as matas do
Mindelo, utilizando para a
fuga uma pistola automática

que haviam furtado

A G. N. R. respondeu mas
eles conseguiram fugir. Ma-
nhã cedo, o sr. capitão José
Afonso, com elementos de
G. N. R., esquadrinhou todo
o matagal do Mindelo a La-
bruge, com cães-policiais, nu-

ma extensão de mais de 20
quilómetros. Todo o dia an-
daram naquela operação, mas
só encontraram os sapatos
pertencentes aos dois cadas-
trados. A Albina, entretan-
to, aproveitou o tiroteio pa-
ra fugir também.

DESCOBERA

Corte na energia

Amanhã, das 7 e 30 às 14
horas, é efectuada a inter-
rupção de fornecimento de
energia eléctrica às áreas
abastecidas pelos postos de
transformação da Casa do
Sal, Coselhas Promotor, Lor-
demão, Elras, S. Paulo de
Frades, Rocha Nova, Dian-
teiro, Casal do Lobo, Bairro
da Relvinha, Pedrolha (jun-
to à Escola Primária), Adé-
mia Espertina, Alcarraques,
Rios Frios, Vil de Matos,
Antuzede, Cidrelra, S. Fa-
cundo, S. João do Campo, S.
Silvestre, S. Marcos, S. Mar-
tinho de Arvore, Lamosa,
Vila Verde, Andorinha, Ca-
sal de Vera Cruz Casal das
Figueiras e ruas de Adelino
Veiga e Azeiteiras. Durante
este período as linhas devem
ser consideradas como estan-
do permanentemente em
carga.

Farmácias

DONATO — Donato — R.
Ferreira Borges (Tel. 22603).
CRUZ VIEGAS — Rua do
Brasil (Tel. 22961).
CRUZ e COSTA — Rua dr.
António de Vasconcelos.
RAINHA SANTA — Rua
da Figueira da Foz (T. 24737)

Dois novos professores de Ciências

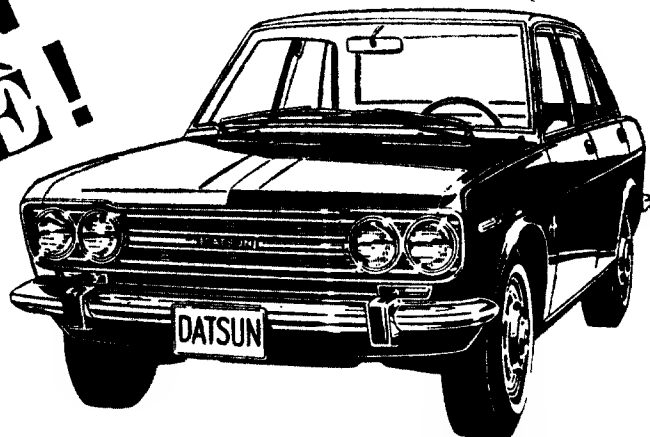
Terminaram hoje as pro-
vas para professor extraor-
dinário da Faculdade de
Ciências (Matemática Pura)
a que se tinham candidatado
os dres. Renato Pereira Coe-
lho e José Manuel dos San-
tos Simões Pereira.

Depois de apreciado o
«curriculum vitae» de cada
um dos candidatos, o reitor
agradeceu a colaboração dos
professores de Lisboa e Por-
to naquele acto e, por fim,
o júri reuniu e deliberou
aprovar os dois professores,
que receberam cumprimen-
tos.

Espectáculos CINEMAS

GIL VICENTE — As 21 e
30: «Bullitt» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30:
«A guerra secreta de Harry
Frigg» (12 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Bo-
nança & C.» (12 anos).
ESPLANADA DOS BOM-
BEIROS VOLUNTARIOS —
As 21 e 45 — «Saúl e David»
(12 anos).

3 DATSUN PARA VOCÊ!



DATSUN 1300 — Um carro de concepção moderna
e perfeita, robusto... versátil... que define uma época!
Eis um dos três magníficos automóveis que «O Século
Ilustrado» vai sortear!

SENSACIONAL CONCURSO DE

O SÉCULO

ilustrado

TRÊS AUTOMÓVEIS NO VALOR TOTAL DE 310 CONTOS!

OS CARROS DO CONCURSO DO «S. I.»
ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO

ENTREPOSTO

ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S. A. R. L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A — Telef. 6851 75/6/7/8 — Lisboa 3

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

2.º PROGRAMA

DEPOIS DA EDIÇÃO do Telejornal, o programa regional (regional porque só serve uma restrita área) apresenta mais uma aventura dos destemidos Globetrotters. Segue-se a rubrica «A Grande Aventura», filme repetido também, que nos leva a viajar por uma exótica paragem.

A terminar é apresentado o «Auditério Musical», repetido do programa nacional (nacional porque serve todo o território metropolitano) de 15-5-69. É transmitido o Concerto N.º 1 de Tchaikowsky pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Herbert Karajan.

NOS

BASTIDORES DA AVENTURA

PELAS 18 E 30 é apresentada a rubrica coordenada por Emílio Uva «Nos Bastidores da Aventura» que inclui dois filmes de grande interesse.

O primeiro, intitulado «Uma Cidade Submersa», relata-nos alguns aspectos das filmagens da primeira película francesa de desenhos animados, a cores e em cinemascópio «O Rapaz e a Sereia».

O segundo filme «A Dança do Sabre» é uma recordação da lenda turca, mitológica, que ainda hoje vive nos contos e se ensina nas escolas da Turquia.

TV CLUBE COM QUINTETO ACADÉMICO+2

NO «TV CLUBE» que o programa nacional apresenta cerca das 22 e 20 actua um dos conjuntos de maior aceitação entre o público jovem: o «Quinteto Académico+2». Neste programa Earl Jordan interpreta alguns dos seus êxitos como: «25 Miles High», «Oh Bla Dee, Ho Bla Da», «Son of a Preacher Man» e «Heat of the Night». Realizou Luís Miranda.

CLUBE DOS COLECCIONADORES

JAIME PINTO COELHO, autor do programa de características juvenis «Clube dos Coleccionadores», escolheu para tema, da sua rubrica desta tarde, pelas 17 e 40, a miniatura de automóveis. Filme que certamente irá entusiasmar a juventude, de todas as idades, que gosta, ainda, de brincar com algumas pequenas preciosidades, protótipos de todas as marcas de automóveis.

SEGREDOS DO MAR VERMELHO

CERCA DAS 21 HORAS prossegue o folhetim semanal «Segredos do Mar Vermelho» realizado por Pierre Lary, com Pierre Massihi, Benjamin Jules Rosette, Marc Cyraud, José Casimir, Karin Omar e Moussa Roblé.

Intitula-se «O transportador de armas», o episódio de hoje, em que Henry Monfred se faz vendedor de armas. No entanto alguém o ataca, por ele não entrar para o sindicato...

«O FUGITIVO»

«CONSPIRAÇÃO DE SILENCIO» e o título do episódio desta noite, pelas 22 e 55, que a RTP exhibe integrado na série «O Fugitivo», com David Janssen, Donald Harrow, Malachi Throne, Bill Gun e Weslev Addy.

«Na estalagem Hig Desert, no Arizona, reúne-se um grupo de militares e técnicos, a fim de experi-

mentarem um neutralizante contra um gás venenoso de uma potência inimiga. A operação é feita no maior segredo e na estalagem só ficam dois empregados. Um deles é Richard Kimble. O seu quarto é examinado e o seu passado investigado. O major Beck sabe pelo FBI os seus antecedentes e prende-o para o entregar à polícia militar...

canal da crítica

NOITE DE CINEMA:

«CRISTÓVÃO COVOLOMBO»

Fiquei em casa à noite só para ver a fita caselhana dedicada a Colombo. Estava interessado, que é que querem. Dizem tanta coisa neste mundo vário... Vem um e diz que o descobridor das Américas não foi o Cristóvão, mas o Gabriel; vem outro e diz que o Gabriel nunca, mas sim o Marcelino. Ultimamente esteve atracado em Lisboa o navio «Alfredo o Grande», mantido e governado pelo cocotês Mark Barea «vikings», com ele Mark dirige à América do Norte para demonstrar que os descobridores daquele continente foram os «vikings».

A minha esperança era que o filme esclarecesse a questão. E esclareceu, á farta. Vi, mos tudo, soube-se, por intermédio do Vilar e da Riveles, que o único a quem pode atribuir-se a honra é Colombo. Depois da obra de ontem, com data de 1951, francamente, só por ignorância é que!

Outro assunto em que gostava de me ver esclarecido era o respeitante à nacionalidade de Mestre Cristóvão. Português? Genovês? Castelhano? Não perdi o meu tempo, pois ainda aí o filme é peremptório, Cristóvão Colombo corta pela raiz toda a discussão quando diz: «A minha pátria é toda a terra».

Com tantos benefícios não se justifica uma crítica-que-se-chame-crítica. Credo, eu era lá capaz disso a um filme sobre o Cristóvão Colombo feito em Espanha, e durante o qual, como ele próprio o diz, «se respira a espuma do mar». Claro que a fitinha fez sorrir com as inocências, as paciências e as inflorescências retóricas tão ao gosto dos nossos vizinhos.

Claro que no filme castelhano nem ao menos se põe a hipótese de nacionalidade portuguesa de Colombo. Mas a escolha de António Vilar para intérprete da personagem tem qualquer coisa de reparação histórica que muito gostosamente sublinhamos.

M. S.

Os 36 anos da Casa dos Tabuenses

A Casa dos Tabuenses comemora no próximo dia 29, com um almoço de confraternização a realizar na Casa do Alentejo o seu 36.º aniversário, aproveitando a ocasião para homenagear o chefe do distrito de Coimbra, eng.º Horácio de Moura.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Noticiário — fim de semana; 18 e 05: Música de filmes; 18 e 15: Emissão infantil, por Madalena Potacho; 18 e 45: «Vedetas pop»; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Música só

musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 35: 17.º Episódio do folhetim «A Loja de Antiguidades»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: 1.º parte de um Serão realizado em Coimbra; 22 e 30: Poesia, Música e sonho, por Miguel Trigueiros; 2: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755

kc/s — As 7 e 08: Música de Bailado — «O Beijo da Fada» (Stravinsky); 18: Abraço na distância, por Geulart Nogueira; 18 e 20: Música de piano; 19: O maestro Carlo Maria Giulini; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Ciclo de Melodias; 21: Concerto preenchido com obras de Correia de Araujo; Gaspar dos Reis e Rodrigues Coelho; 21 e 29: Os prelúdios, poema sinfónico (Liszt) — Orquestra da Sociedade de Concertos de Conservatório de Paris dirigida por Edouard Lindenberg; 21 e 45: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Música coral sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

Rádio Clube — 290,13 m — 1034 kc/s — As 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: A. L. Nyfrance; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 15: Orquestras famosas; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Solista; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Vozes de Espanha; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Vozes que são êxito; 21 e 45: Hora luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença Coimbra; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditação; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Música para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Dos 7 às 8 e 10 às 12 e 19 e 30 às 22 — Rádio Voz de Lisboa — Dos 17 às 19 e 30 às 22 às 2 — Clube Radiofónico de Portugal — Dos 12 às 14 e 30: Rádio Graça — Dos 8 às 10 e 14 e 30 às 17.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Barreira de sombra; 20 e 10: Vida sã em corpo sã; 20 e 30: TV 7; 21: Segredos do Mar Vermelho; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Museu do Cinema; 22 e 20: TV Clube; 22 e 55: «O Fugitivo»; 23 e 55: Telejornal; 00: Fecho. 2.º Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: «Os Globetrotters»; 22 e 15: A Grande Aventura; 22 e 40: Auditério musical; 23 e 30: Telejornal; 23 e 35: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 2 e 15: Telejornal; 12 e 30: Missa de domingo; 13 e 5: Concerto para Jovens; 13 e 55: Expedição; 14 e 20: Dia do Senhor; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos Animados — Kimba; 15 e 35: TV Educativa; 16: Daklari; 16 e 50: Passatempo Infantil; 17 e 30: Desenhos Animados; 17 e 55: TV Educativa; 18 e 20: Informação desportiva; 18 e 30: Folclore; 19: TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Notícia do espectáculo; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «Sebastião entre os Homens»; 22 e 25: Variedades — «Riso e Ritmo»; 23 e 25: Domingo Desportivo; 23 e 45: Telejornal, Meditação e fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: TV 7; 22 e 15: Os Campeões; 23 e 10: TV Clube, com Maria Teresa de Noronha; 23 e 35: Telejornal e Fecho.



TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

ANDARES VENDEM-SE

Em Benfica, Baraca, Amadora, Algue, Linda-a-Velha, Carnaxide, Souselos e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas. 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTASIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

FÉRIAS ALGARVE? AQUAZUL.

O fabuloso sol do Algarve e os APARTAMENTOS AQUAZUL: a melhor garantia para umas férias felizes.

Grças às condições especiais de aluguer e venda dos apartamentos AQUAZUL, as férias no Algarve estão agora ao alcance de todos.

Apartamentos para aluguer e venda COM RENDIMENTO GARANTIDO.

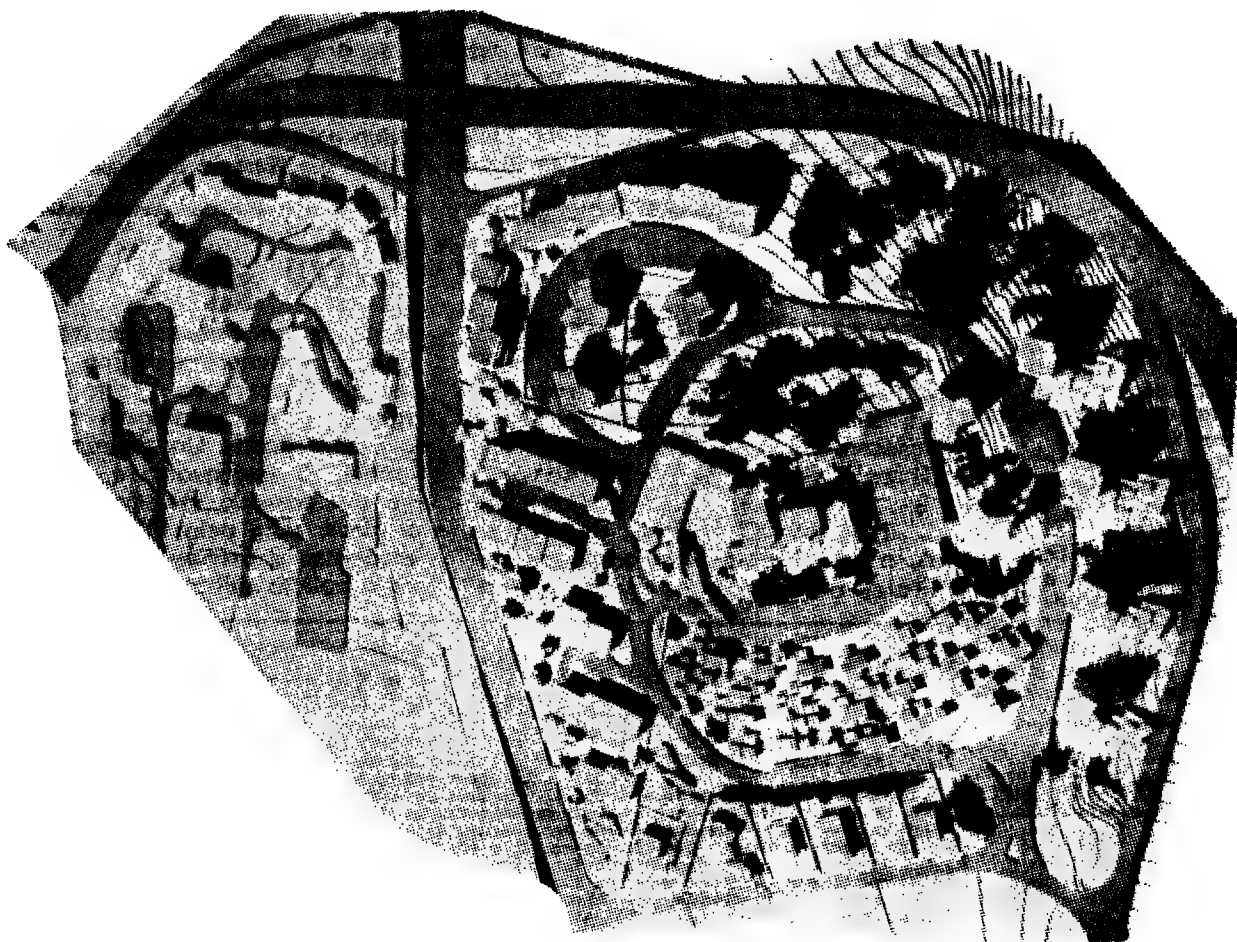
PARA INFORMAÇÕES:

Aquazul

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 47.5.º D. — Telef. 538595/6/7
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 52.2.º — Telef. 34703
COIMBRA — Praça 8 de Maio, 42.1.º — Telef. 22552
LAGOS — Rossio da Trindade
PRAIA DA ROCHA — Edifício Aquazul — Telef. 433

Cascais vai ter uma nova urbanização

J. PIMENTA, S. A. R. L.



Conjunto urbano da Pampilheira — Cascais

Expõe na Feira das Indústrias, de 9 a 23 de Junho, um apartamento tipo deste novo empreendimento

- *Situação excepcional dentro da vila de Cascais*
- *Vista panorâmica para o mar e para a serra*
- *Habitações com o máximo conforto*
- *Valorização segura do seu capital*

NOVA MODALIDADE EM APARTAMENTOS MOBILADOS

Rendimento de 7 a 10% de 6 a 18 anos à escolha do Cliente, garantido por escritura pública.

DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, V. EX.ª PODE RECEBER DIRECTAMENTE EM CASA, NO N/ESCRITÓRIO, OU NO BANCO, O RENDIMENTO DA PROPRIEDADE QUE NOS COMPRA

SEM QUALQUER PAGAMENTO PELA ADMINISTRAÇÃO, PODENDO AINDA COMPRAR E ADMINISTRAR, HABITAR OU CONFIA-LA A NOSSA ADMINISTRAÇÃO SEM GARANTIA DE RENDIMENTO

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130 000\$00 — 210 000\$00
140 000\$00 — 230 000\$00
155 000\$00 — 240 000\$00
160 000\$00 — 250 000\$00
170 000\$00 — 270 000\$00
180 000\$00 — 280 000\$00
190 000\$00 — 300 000\$00
200 000\$00 — 340 000\$00

PREÇO DOS ANDARES

3 ASSOALH.	220 000\$00
4 »	280 000\$00
5 »	380 000\$00
6 »	440 000\$00
7 »	600 000\$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA — AMADORA; CENTRO DA AMADORA; VENDA NOVA — AMADORA (JUNTO A GARAGEM EDUARDO JORGE); PAÇO DE ARCOS (ESPARCAL — PAREDE) (RUA DO LOBITO A QUINTA DO JUNQUEIRO)

MORADIAS LUXUOSAS E DE TIPO TURÍSTICO

Em Paço de Arcos e Cascais

de 2 a 9 divisões, assoalhadas, casas de banho, garagem, quintal e jardim

Magnífica vista de mar e serra

Cascais: de 300 a 500 contos e de 400 a 800 contos

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

A nossa Organização expõe, também, na Feira das Indústrias, materiais de construção. Visite este pavilhão

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

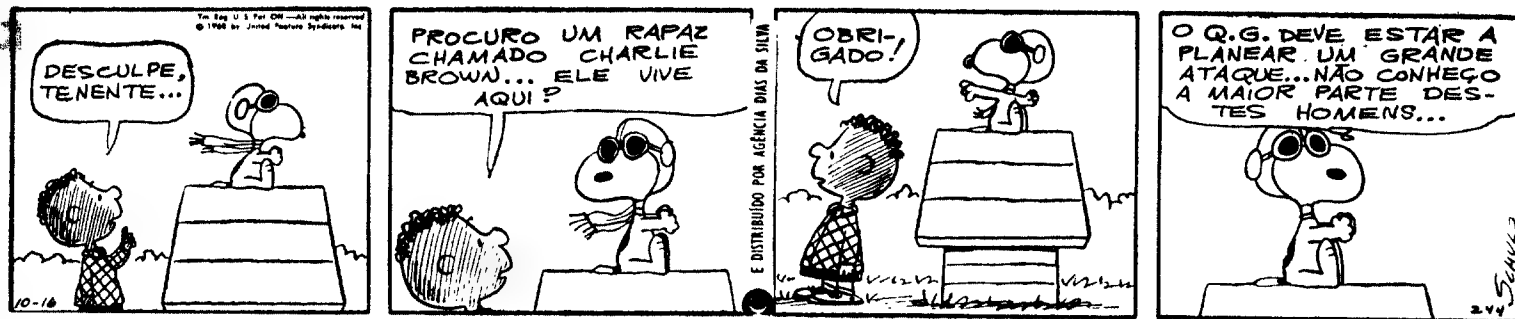
Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

ESCRITÓRIOS: LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.ª, Esq. — Telef. 45843 e 47843; QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022; AMADORA — Reboleira — Telefone 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO, ESTUDANDO, CONSTRUINDO, DECORANDO E VENDENDO AS SUAS PROPRIEDADES

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Junho de 1939 publicava:

«Ultimamente têm-se verificado, com uma frequência sintomática, aterragens forçadas de aviões alemães em território polaco e em território francês. Tanto para os que têm caído além da fronteira oriental, como para os que se viram obrigados a descer além da fronteira ocidental do Reich, parece que as consequências se revelaram pouco agradáveis.

«Além da confiscação dos aparelhos, os aviadores obrigados a aterrar foram objecto de um tratamento que não se distingue fundamentalmente do que é de uso aplicar em tempo de guerra. Sinais dos tempos e dos sentimentos dominantes».

Feira Industrial e Agro-Pecuária em S. João das Lampas

SINTRA (21 — Uma freguesia deste concelho vai ter a sua I Feira Industrial e Agro-Pecuária. Em S. João das Lampas, onde a partir de terça-feira (e durante cinco dias) haverá uma parada de máquinas e alfaias agrícolas, apresentações de gado, cereais e legumes, e diversões várias.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
ao Saldanha

Palavras cruzadas

(BOM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5213

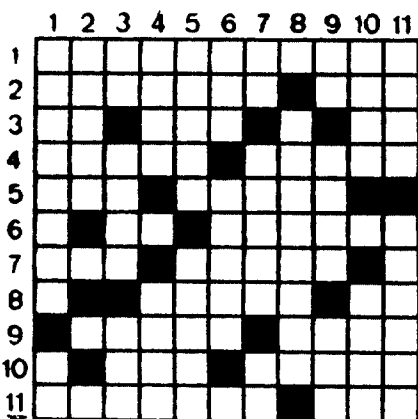
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9056

HORIZONTAIS: 1 — O que come carne humana. 2 — Sibilarão. Sofrimento. 3 — Prefixo de negação. Quadruped doméstico. Oferta. 4 — Meter em uena. Vagueiem. 5 — De inferior qualidade. Traz a si. 6 — A mim. Porções de 500 folhas de papel. 7 — Rio que nasce na serra do Carapito e desagua no Mondego. Touca. 8 — Imagine Símbolo químico do estanho. 9 — Descometimento. Grande. 10 — Agora. Lago entre a Itália e a Suíça, onde se acham as ilhas Borromeias. 11 — Breve. Hábito.

VERTICAIS: 1 — Inimada. Pertences. 2 — Jambais. 3 — Símbolo químico do tungsténio. Terra vegetal. Conveniente. 4 — Fértil. Genuíno. 5 — Rezara. Nome que tamaram vários imperadores romanos. 6 — Sustentado. Poder soberano. 7 — O dormir dos pequeninos. Estáveis. Imperfeita. 8 — Transversa. 9 — Prefixo que designa direcção. Montão. Graçoso. 10 — Tujelinha onde se desfaz a tinta para aguarela. Que têm constituição não produz por elementos mórbitos. 11 — Rezem. Vicia que produz som.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5212

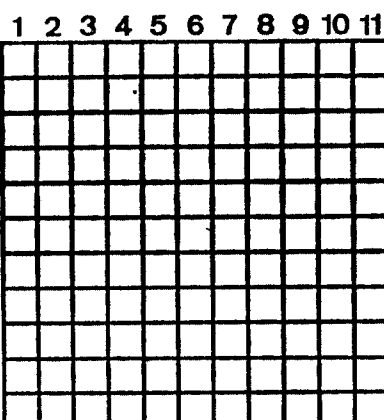
HORIZONTAIS: 1 — Upa. Sedosos. 2 — Ir. Ou. Ré. 3 — Asa. Anuir. 4 — CADA. Gó. 5 — Lá. Vil. Maus. 6 — Beata. Tão. 7 — Pró. Mental. 8 — Suma Ruas. 9 — Ai. QUAL. COM. 10 — Mui. Avara. 11 — Dei. Tri. És.

VERTICAIS: 1 — Eclipsar. 2 — Pi. Ao. Rui. 3 — Arad. Bom. Me. 4 — Save. Aqui. 5 — Soa. Iam. Uí. 6 — Eu. Altera. 7 — Anular. 8 — Omom. Tá. Vi. 9 — SEU. Atasca. 10 — IGUAL. Ore. 11 — Seroso. Umas.

(Provérbio: CADA QUAL COM SEU IGUAL).

HORIZONTAIS: 1 — Pader. Consumir. 2 — Pronome pessoal (pl) Sugo o leite materno. 3 — Saudável. Distrito da Índia Portuguesa. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. 4 — Pronome pessoal. Vinte mãos de papel. Antes de Cristo. 5 — A fina flor. Chama em socorro. 6 — Acorrentar. 7 — Basta. Transferir para outro dia. Pequena ilha francesa, fortificada, do Mediterrâneo. 8 — Interjeição designativa de consagração. Rio da Suíça. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. 9 — Cursos de água naturais e abundantes. Impulso. 10 — Prefixo de negação. Ancora. 11 — Amalgadura. Pessoa muito parecida com outra.

VERTICAIS: 1 — Mau cheiro (fig). Cidade de Itália. 2 — Prendeis com as gavinhas. Retaco. 3 — Negativa. Aqui. Preposição e artigo definido. 4 — Artigo definido. Cidade de Itália. Saudável. 5 — Geada. Deus dos pastores. 6 — Uma das Espérides. Poeta e gramático grego, nascido em Creta, autor de epigramas e de poemas místicos. 7 — Poliar no mar (o avião) Reis. 8 — Prefixo de negação. Mamífero desdentado espécie de tafa. Prendo. 9 — Recusa. Erbio (s. q). Fileiras. 10 — Plantio de amieiros. Passado. 11 — Insecto que rói a madeira. Partibulo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9056

HORIZONTAIS: 1 — Morta. Damão. 2 — Roer. Aves. 3 — Ariscos. 4 — Ir. Adiar. Ar. 5 — Manso. Rascia. 6 — Na. Ia. 7 — Agora. Barba. 8 — No. Agora. As. 9 — Aturara. 10 — Arad. Gato. 11 — Prosa. Aotos.

VERTICAIS: 1 — Fim. ANI. 2 — Or. Ranço. Ar. 3 — Roa. Não. Ara. 4 — Terás. Ratos. 5 — Árido. Aguda. 6 — Si. Ro. 7 — Dacar. Braga. 8 — Avara. Aarão. 9 — Mês. Sir. AH. 10 — As. Acaba. Oó. 11 — Grã. Asa.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUGELA»
a sair em
23 de Junho

Com escala por Leixões para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 21 de Junho.

«PÁTRIA»
a sair em
10 de Julho às 12 horas

Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 5 a 8 de Julho.

«PORTO»
a sair em
14 de Julho

Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 9 a 13 de Julho.

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em
18 de Julho às 12 horas

Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 13 a 16 de Julho.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em
30 de Junho às 18 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.

«SANTA MARIA»
a sair em
9 de Agosto às 18 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (PUERTO RICO), e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, 8
A. E. L. — 95, Rua Nova
do Almada, 99 — LISBOA

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
CURSOS DE VERÃO A PREÇOS REDUZIDOS
DE 1 DE JULHO A 30 DE SETEMBRO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ACADÉMICA E BENFICA NO GRANDE ENCONTRO

A FINAL DE AMANHÃ E O ONTEM DE HÁ TRINTA ANOS

Por AMADEU JOSÉ DE FREITAS

SALDANHA RIBEIRO

—O ÁRBITRO
DA «FINAL»?

Dois juizes de campo estavam indignados para dirigir a «final» da «Taça de Portugal», que amanhã se disputa, no Estádio Nacional, entre o Benfica e a Académica: o algarvio Rosa Nunes e o leiricense Saldanha Ribeiro.

Ainda que o primeiro reunisse maiores probabilidades de ser o árbitro no desafio que é a «festa do futebol», parece ter sido dada preferência a Saldanha Ribeiro, uma vez que Rosa Nunes terá sido



«vetado» pelos «encarnados» logo no princípio da temporada.

Assim, e salvo qualquer decisão de última hora, que nem sequer seria inédita, pertencerá a Saldanha Ribeiro o pesado e difícil encargo de dirigir a final da «Taça de Portugal» de 1969.

Historiar, recordar, recuar no tempo é, quase, um vício nacional — talvez porque todos nós para ele somos levados, no triste dedilhar do lado e na premência da tal palavra que é só nossa, a saudade.

E, é claro, como também damos o cavaquinho por coincidências vá, de rapar afanosamente nos pés das prateleiras, em busca entusiástica das datas, das igualdades e das parelhas — balsamo — nos de jogo puro quando podemos relacionar, prosaico acontecimento de hoje, com romanceada «saia» de há alguns anos atrás. E aí estamos nós — bichinho de conta, traça de biblioteca, rebuscador de papéis — a arrancarmos ao ventre de vetustas e ajouçadas estantes, os volumes que nos contem... o que se passou ontem. Para glândio de cinquentões e exemplo para jovens — que, aliás, não ligam nenhuma a estes paralelismos e querem é

viver o seu dia com medo de não terem tempo, nem jeito, de viverem o futuro...

Pois bem: em certa medida esta atitude parece-nos perfeitamente coerente perante, por exemplo, a final da «Taça de Portugal» que, amanhã à tarde (mais precisamente, às 17 horas) se «representará» no cenário grandioso do Estádio Nacional, Benfica e Académica voltam a defrontar-se em idênticas circunstâncias pela terceira vez. E vai tudo a correr ver o que tinham «dito» os finais de 1939 e de 1951.

Exaustivo este escarafunchar, nos números e na memória.

Pela nossa parte pensamos que, esta final, é de «hoje» e não tem — nem quer ter — qualquer coisa com o passado.

Hoje, é outra coisa. E é o que conta...

Uma final tem (pelo menos) 90 minutos. Aliás, a Académica já o sentiu bem no corpo e no suor, que ela pode ser muito, muito mais longa... No entanto parte-se do princípio, que não sairemos da horita e meia da praxe e que virá mesmo a propósito, aplicar uma frase chavão: numa final, tudo pode acontecer. O que está certo. E mais evidente e rutilante se tornará se a dar colorido e relevo à frase aparecerem a defrontar-se, duas equipas credenciadas como Académica e Benfica.

Capazes de darem um grande espetáculo — tanto uma como outra, a terem trunfos valiosos para pôr no relvado.

E sendo assim...

Benfica, mais maduro, mais experiente, mais «sabião». U m a equipa de

«estrelas» de homens cheios de futebol e saber capazes de, num repente, virarem a face do desafio. Eusébio, quase normal, é a arma numero um. Mas em todos os outros (ou em quase todos) há recursos valiosos. A boa forma de José Henrique, a juventude de Humberto, a revelação que é Zeca, o talento e maturidade de Coluna, a classe de Jaime Graça, a frieza de José Augusto, a abnegação de Torres, o irrequetismo de Simões...

Isto chega para todos nos lembrarmos da força e estrutura do Benfica. Além disso, uma equipa para as grandes ocasiões, que há cinco épocas não conquista a «taça» e quer mostrar que, está aí, para «lavar e durar»...

Um grupo que voltou a ser ambicioso...

Académica, mais jovem, irreverente. «matrelra», ardilosa. Um estilo de economia e entre ajuda perfeitamente instalado no conjunto. Uma serenidade especial que a faz encarar os grandes acontecimentos com uma sã e alegre filosofia de estudantes. Uma turma «traíçoira»: faz parar o jogo, «mastiga-o», rouba o valor ao adversário e, depois, aí vai a «cem á hora» a caminho da baliza adversária. Um futebol de regalo e repouso. Alguns dos melhores jogadores (e cabeças...) do nosso futebol. Gervásio, Vieira Nunes, Rui Rodrigues, Peres, Manuel António, Vitor Campos — homens rodados, sabedores, alguns deles ostentando justos «galões» de internacional. E, ao lado, a juventude espontânea e valorosa de Belo, Mário Campos, Ivéne...

NA VÉSPERA DA FINAL DA TAÇA

O MORAL DOS ESTUDANTES É EXTREMAMENTE ELEVADO

— afirmou-nos o presidente da Associação Académica de Coimbra

COIMBRA, 21 — Horas de grande expectativa e ansiedade estão a ser vividas nesta cidade, em vésperas da grande final da Taça, que, como aconteceu há 30 anos, oporá a Académica ao Benfica. Também nesta os estudantes confiam na vitória: «A Académica» — declarou ao «Diário de Lisboa» o presidente da direcção da Associação Académica — animada pelos últimos e brilhantes triunfos, apesar das grandes dificuldades, encara com toda a confiança o resultado final.

Como se sabe, o futebol é uma das dezenove secções desportivas da Associação Académica de Coimbra (duas com autonomia financeira: a do futebol e a de aeronáutica), que integra, ainda, secções e departamentos de muita diversa índole, desde o pedagógico, ao cultural, da Imprensa, social ou informativo. Cada secção e departamento tem os seus próprios directores, e, na cúpula, está a direcção-geral. É o seu presidente que nos fala:

— Penso que a nossa equipa está em condições físicas que lhe permitam aguentar o ritmo da «final». O moral dos estudantes é extremamente elevado. E, apesar das dificuldades que rodeiam esta partida decisiva, os estudantes de Coimbra encaram-na com a sua já habitual serenidade e com a maturidade que os caracteriza.

— Confia então na vitória?

— E' sempre impossível prever o desfecho de uma contenda deste género, em que o adversário certamente nos saberá opor todas as suas valiosas armas. O espírito de equipa, o colectivismo e o entusiasmo dos estudantes terão mais uma vez de enfrentar um adversário poderoso. Mas enduados por todas as pelijas e vitórias anteriores, estamos em condições de discutir o resultado, embora o opositor seja uma equipa da categoria do Benfica. Que o resultado seja o prémio para a melhor equipa em campo e corresponda á justiça do jogo.

● Esperança na vitória

Entretanto, esta madrugada, na secção de futebol

MANUEL CORREIA DO SPORTING NÃO PARTICIPA NAS PRÓXIMAS COMPETIÇÕES

Manuel Correia, o excelente estradista do Sporting, não participa no Grande Prémio Famel que hoje começa a disputar-se, nem deverá estar presente no Grande Prémio Philips na próxima semana.

O motivo desta ausência fundamenta-se na suspensão que lhe foi imposta em face de recentes acontecimentos ocorridos com aquele ciclista.

da Associação Académica, o ambiente era de azáfama — e os bilhetes para o jogo estavam praticamente esgotados, o que impedirá, talvez, alguns de virem até Lisboa, ou, pelo menos, de terem ingresso ao Estádio Nacional. E o ambiente geral é de confiança. Por exemplo, Jorge Formigal, um dos grandes animadores da secção de futebol (da qual era director há dois anos, aquando da «final» com o Vitória de Setúbal), declarou-nos:

— Da Académica é de esperar tudo. Está fora de dúvida que a equipa não se inferioriza diante de qualquer ambiente ou adversário. Por isso, apesar do adversário ser um Benfica, e agora com o Eusébio a subir de «forma», confio ainda na vitória.

De Coimbra começaram já a partir para Lisboa muitos estudantes — á boleia, em carros particulares, etc. Amanhã, de manhã, há um comboio especial, no qual, além de estudantes, devem seguir muitos outros adeptos da «Briosa». Quanto aos primeiros, deve-se salientar que nunca houve a possibilidade de tantos estarem presentes.

Em compensação, e por outro lado, e como sempre acontece em circunstâncias semelhantes, sabe-se que muitos milhares de antigos estudantes se deslocarão a Lisboa para acompanhar a que continua a ser a sua equipa nesta Final, onde todos têm esperança se repita a vitória de há trinta anos.

BADAJOS ARRISCA...

NUNCA FOI TÃO CARO O «TORNEIO IBÉRICO»

• Cerca de 300 contos para o V. Setúbal
e mais de 600 para o Benfica

O Troféu Ibérico — nascido em Badajoz já há três épocas — tem sido até agora, uma prova portuguesa. Isto é: nas suas duas primeiras edições o êxito pertenceu a equipas nacionais. Foi o Sporting que começou arrebatando a taça — bonita e valiosa — em luta com o Flamengo e o Barcelona. Na época passada a proeza coube ao Vitória de Setúbal que, «discutindo» com o Badajoz, Rapid e Las Palmas, levou a melhor sem a mínima discussão. Este ano os sadinos «bisam» e os «encarnados» estreiam-se. E isto acontece no mais caro «torneio» de sempre pois, só para os clubes portugueses, será despendida uma conta calada: 900 contos em moeda portuguesa. Um pouco mais até pois o Vitória de Setúbal cobrará 700 mil pesetas e o Benfica 1 milhão e quarentas mil.

Quer dizer, portanto, que os organizadores pretendem lançar a prova defi-

nitivamente não se poupando a esforços no sentido de a valorizarem com a presença de clubes de nomeada — daqueles que se prevê, de antemão, que o público vai mesmo ver... Pois, a juntar á representação portuguesa temos uma «delegação» espanhola de verdadeira categoria:

Atlético de Madrid e Real Sociedad. Estes nomes chegam para se avaliar da importância da competição.

O III Troféu Ibérico quer ser, na verdade, uma prova de verdadeira categoria. E tudo indica que assim acontecerá.

As duas equipas portuguesas seguem na 3.ª-feira

Benfica e Vit. Setúbal, naturalmente, já desenharam os seus planos de campanha.

Os campeões nacionais, saindo de autocarro, de Lisboa, na terça-feira, dia 24, depois do treino da manhã. Almoço na Estalagem do Gado Bravo e instalação em Badajoz, no Hotel Rio.

Foi sócio do BELENENSES?

PEÇA A SUA READMISSÃO

—Terá o anterior número e direitos
—Pagamento de quota a partir da readmissão



Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

F. C. DO PORTO E SLOVAN

NA FINAL DA «TAÇA CIDADE DO PORTO»

O publico esteve ausente. A receita foi escassa; talvez 130 contos quando muito. A noite de Junho mais parecia de Abril e o interesse depois de uma paragem tão tagarrante da equipa da «casa» não era por certo o maior. Quanto ao Slovan, o publico reservou-se a talvez para a tarde de domingo.

O fracasso do investimento no aspecto financeiro irá fazer desistir o F. C. do Porto de novas edições desta taça que agora se joga pela segunda vez. A menos que a Comissão de Festas da cidade, como seria natural, se integre na organização.

«Os bebés fizeram pernice»

No primeiro jogo defrontaram-se as equipas do F. C. Porto e do Boavista, recém-chegado à 1.ª Divisão. Há poucos dias os portistas haviam perdido no Bessa. Ontem, dominando intensamente, venceram pela tangente: 3-2.

Os visitantes marcaram primeiro e tiveram ao seu alcance o 0-2. Seria um «escandalo». A luta entre as duas turmas serviu para mostrar quanto vale a entreaajuda. Os «axadrezados» foram exemplares nesse aspecto, ao contrário dos portistas que jogaram sem garra, quase ao sabor do jogo e sem rapidez.

Na defesa portista só Rui sobressaiu. Com Bernardo da Velha em má forma, todo o sector se perturbou e deu «fifas». Por seu turno, a linha intermediária (Rolando, Pavão e Lisboa) esteve longe do que pode e sabe. Repetiu jogadas, correu com a bola e serviu muitas vezes a destempe. Quanto a atirar ao golo a meia distancia — foi coisa que raro se viu.

Na frente, só Nóbrega (que fez um golo todo seu — o primeiro — e esteve na origem de mais dois, deu nas vistas, no bom sentido da frase. Chico mostrou o que pode vir a ser em meia-dúzia de incursões, quais «bichas de rabião», mas exactamente porque joga mais para si do que para a equipa, acabou por ser pernicioso para o jogo.

O Boavista já o dissemos, usou como lhe convinha de todas as cautelas. Tal um avançado que sabe recuar e Lemos (um dianteiro que sabe ser perigoso) foram os melhores. Quanto ao primeiro não se estranha o «namoro» de outros clubes...

Mas também Mário João (um «colored» com transferência ainda «quente» do Feirense para o Boavista) foi «espectáculo». Faz lembrar Miguel Arcanjo. Bom toque de bola, excelente desarme, sentido de passe.

O empate derrotou os vimaranenses

No segundo prélio da noite o interesse chamava-se Slovan. E com ele Jokl e Hardlicka, dois nomes que se apontam como interessantes ao F. C. Porto, e que os portuenses já conheciam. Ambos, a seu modo, confirmaram valor. Sem dúvida que o embate com o Vitória de Guimarães teve outra valia. E os da «cidade berço»

não perderam no confronto.

Aos vimaranenses, com estupenda primeira parte, coube até o domínio. O Slovan, recente vencedor da «Taça das Taças», pôde, então, mostrar quanto vale a defender. Venceu, o seu guarda-linha, esteve muitas vezes em apuros, não obstante os de Bratislava serem exímios em fechar a zona de remate. Muito bem constituídos atléticamente eles podem (sem aparente esforço) jogar todos ao ataque e todos à defesa. E, ontem, repetiu-se, até meio da partida, foram sempre mais defensores. O seu contra-ataque é, como se conhecia, «másculo», rápido, frontal e de três passes: nada mais. Jokl, antes de ser substituído (por precaução) num curto espaço de tempo em que o jogo aqueceu e ele se mostrou de «temperamento», apregoeou o seu valor. Mas não só ele: também os irmãos Captovic. Depois de um primeiro tempo sem golos, os visitantes, num dos tais assaltos a jacto, fizeram

o 1-0. Cvetler fez o remate, e Rodrigues nada mais pôde do que defender para perto — a bola levava «lume» — e, na recarga, sem qualquer hesitação, Jan Captovic não perdoou.

Os vimaranenses (sem Manuel, que se lesionara, ainda no primeiro tempo, sendo substituído por Carlos Manuel, e sem Mendes) já não eram a mesma equipa, não obstante a talentosa exibição de Gualter e a conselha de Augusto. Que exemplo o deste n.º 11 de Guimarães! O seu querer foi tão grande que a maior ovação da noite lhe pertenceu, numa das muitas ventativas para a igualdade. Igualdade que Silva, o substituto de Zézinho, acabaria por fazer, a nove escassos minutos do final.

E o adversário do F. C. Porto para a final de amanhã ficou a ser o Slovan. Quatro pontapés de «canção», contra dois consentidos, ditaram a escolha no cumprimento do regulamento.

LOBO DA ROCHA

PUGILISMO

Entusiasmo e vibração na sessão da Amadora

No Pavilhão de Desportos da Associação Académica da Amadora efectuou-se a 4.ª sessão dos Torneios «Iniciação» e «Preparação». Disputaram-se nove combates que forneceram espectáculo vibrante e entusiástico ao público que acorreu em número suficiente para animar a novas organizações.

Pena foi que uma infeliz decisão dos juizes ocasionasse «bronca», que obscureceu o brilhantismo da reunião.

Marcelino Viegas (Sporting), João Nunes (Estefânia) e Manuel Soares (Amadora) demonstraram qualidades das melhores.

Os resultados dos combates foram os seguintes:

TORNEIO INICIAÇÃO — «Mosca»: Carlos Ferreira (Combatentes) foi declarado vencedor aos pontos de Oscar Paixão (Estefânia) por ter demonstrado melhor técnica. «Ligeiros»: João Nunes (Estefânia) venceu aos pontos Virgílio Cabral (R. Janeiro) patenteando superioridade (o adversário até lhe virava as costas). «M. Médio Ligeiro»: Manuel Nunes (Sporting) venceu Carlos Oliveira (Alvalade) por abandono ao 2.º assalto. «Médio Ligeiro»: Marcelino Viegas (Sporting) ganhou por pontos a Belarmino Pereira (Rio de Janeiro); António Romano (Sporting) venceu aos pontos José Luís (Estefânia).

TORNEIO PREPARAÇÃO — «Pluma»: António Gouveia (Sporting) bateu Fernando Bacedra (Estefânia), mau grado os muitos pontos perdidos devido a constantes faltas. Com um árbitro mais atento teria sido desclassificado. «Meio médio ligeiro»: Carlos Santos (Sporting), frente a Armando Seco, do mesmo clube, foi declarado vencedor por pontos quando, quanto a nós, foi folgado vencedor. Daí a «bronca» a que atrás

nos referimos. «Galo»: Manuel Soares (Amadora) e António Rebelo (Rio de Janeiro) fizeram um combate que o segundo ganhou, pois venceu dois «assaltos» e perdeu um. O facto de cair com golpes não conta pontos. Assim ficou estabelecido no Congresso da A.I.B.A. efectuado em Roma em 1965, e as Olimpíadas do México foram já disputadas nestas condições.

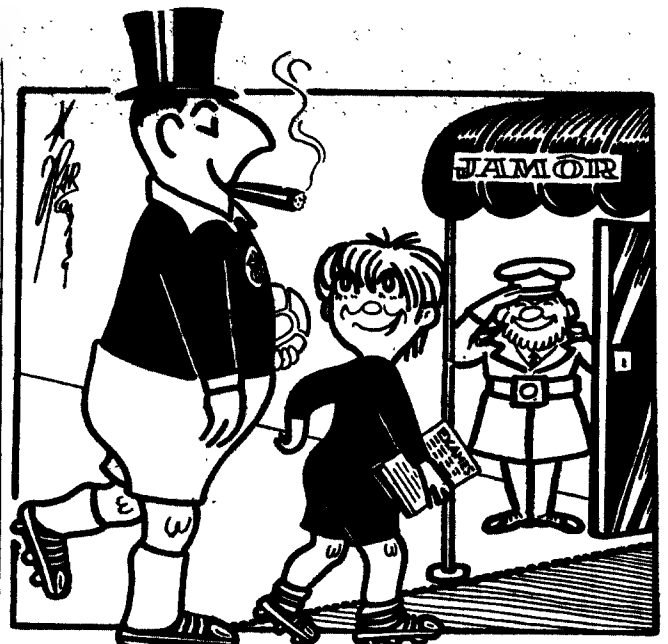
Serviram de juizes e árbitro: José Mendes, Bernardo Ladeira, Raul Reis, Vasco Ribeiro, Quintas Ferreira e Carlos Matos. A excepção da decisão já citada, actuaram bem. Presentes à sessão os srs. Peter Hermanns e Siegfried Schriber, dirigentes da Federação Bávara de Boxe, que vieram convidar a selecção lisboeta para efectuar três sessões na Alemanha.

«SOLAR DOS LEÕES» EM ALMADA

Com o fim de promover maior aproximação entre os simpatizantes do Sporting Clube de Portugal, dispersos pelo concelho de Almada, um grupo de adeptos do popular clube, residentes na aquela vila, decidiu formar um núcleo de convívio que se destina principalmente a fins de benemerência, culturais e recreativos.

Todas as informações são prestadas na Rua do Ginjal, 51, Cacilhas, telef. 270083, ou através do cobrador do Sporting, nesse concelho.

Sociedade «ESTORIL» FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL, SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL



A «sala de visitas» abre-se para a «Festa»...

ATLETISMO

GRANDE PRÊMIO INTERNACIONAL DA CIDADE DE LISBOA

Hoje, com um programa deveras aliciante, efectua-se a primeira edição do «Grande Prémio Internacional da Cidade de Lisboa», em atletismo. O conjunto de provas é o seguinte:

No Estádio da F. N. A. T.: 17 horas — vara (int.); às 17 e 30 — 110 m bar. (int.); 110 m barreiras (nac.); às 17 e 40 — 400 m e comprimento (int.); às 17 e 50 — 800 m (nac.); às 18 — 100 m (int.); 100 m (nac.); às 18 e 10 — 100 m fem. (nac.) e disco (nac.); às 18 e 20 —

1500 m (int.); às 18 e 35 — 400 m fem. (int.); às 18 e 45 — 5000 m (int.)

Concorrentes estrangeiros cuja presença parece assegurada: 100 m — Tallon e Calvo; 400 m — Bondia e Reina; 1500 m — Huno; 5000 m — Mariano Haro; 110 m bar. — Ufer e Toro; comprimento — Blanquer e J. Segura; vara — Consagel; martelo — Alcántara e Sibela; 400 m femininos — Corofuentes e Josefina Salgado

DOMINGO DESPORTIVO

ATLETISMO — Campeonato Nacional da II Divisão, equipas de seleções, no estádio das Antas (Porto) às 10 horas.

BASQUETEBOL — Grande Torneio de Juniores da A. B. L. (fase final): C. D. U. L. Carnide e Benfica Internacional, nos recintos dos primeiros, às 9 e 30.

Grande Torneio de Juvenis da A. B. L. (conclusão da fase inicial): Sporting A-Queluz (9 horas), Sporting B. Sacavense, C. D. U. L. Belenenses, Física A. Mosca, Vide e Campolide Nacional B (10 horas), Ateneu-Casa Pia e Física B-Nacional A (11 horas).

CICLISMO — Prova Farnel (2.ª e ultima jornada). — Provas de preparação para amadores (seniores e juniores) e populares.

GINÁSTICA — Sarau da 8.ª Semana do Desporto Sintrense, no ginásio da secção do Liceu Passos Manuel, em Queluz, às 21 e 30.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato Nacional (4.ª jornada). Futebol-Atlético e Ramaldense-F. C. Porto, nos campos dos primeiros, às 10 horas.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional de clubes (conclusão): Baixa da Banheira-E. Física, na sede do primeiro, às 17 horas.

MOTONÁUTICA — Campeonato Nacional da classe E. U., em Portimão, às 11 e 30, 16 e 30 e 17 e 30.

NATAÇÃO — Torneio «Dia Olímpico», na piscina de Alagés, às 10 horas.

PESCA DESPORTIVA — Concurso de água doce, intersócios do S. A. D., às 9 horas.

Conclusão da 8.ª Semana do Desporto Sintrense.

TÊNIS DE MESA — Taça «Dia Olímpico» (2.ª jornada), nas Caldas da Rainha, às 21 e 30 horas.

TIRO A CHUMBO — «Dia Olímpico» (Fosso), no stand do Monte das Perdizes, às 10 e 30 horas.

VELA — Regatas do 54.º aniversário do Alagés e Dafundo, para barcos de todas as classes, intersócios.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional da Divisão de Honra, 10.ª jornada: C. D. U. P. Técnico, Nacional de Ginástica-Sp Espinho (ambos às 16 h), Benfica-F. C. Porto (17 e 30) e Leixões-Nun'Alvares (21 e 30).

TRÊS EQUIPAS

METROPOLITANAS

EM ANGOLA

LUANDA, 21 — As equipas de futebol do F. C. Porto e do Vitória de Setúbal são esperadas em Angola nos próximos dias 26 e 30 respectivamente, para participarem num torneio triangular cujo programa está assim estabelecido:

Dia 1 — Selecção de Angola-V. Setúbal.

Dia 4 — Selecção de Angola-F. C. Porto.

Dia 6 — F. C. Porto-V. Setúbal.

Qualquer destas equipas metropolitanas disputará, pelo menos, mais um jogo: o F. C. Porto defrontará, em Nova Lisboa, no dia 29 do corrente, a selecção de Huambo e os setubalenses deslocar-se-ão a Lourenço Marques, onde, no dia 9 de Julho, terão por adversário a selecção de Moçambique.

Entretanto, outra equipa da metrópole — a do Belemenses — iniciará no dia 28 de Julho, em Angola, uma digressão que se prolongará a Moçambique.

FUMIE TRANQUILO

Dentismoke

mantém-lhe dentes brancos, halito perfumado e saudável

Dentismoke

dentíptico especial para fumadores, de forte acção carrestática

um produto PAOLO COCCO, LDA.



TAÇA

«Ribeiro dos Reis»

Para a Taça «Ribeiro dos Reis» (6.ª jornada da 1.ª fase), disputam-se amanhã os seguintes jogos:

GRUPO A — Espinho-Tirsense, às 10 e 30; Varzim-Salgueiros, às 15; Peniche-Leixões, às 15 e 30; Sporting de Braga-Vitória S. C., às 11; Boavista-Leça, às 10 e 30.

GRUPO B — Vale-Cambrense-Peniche, às 11; Sporting da Covilhã-Académica, às 15; Gouveia-União de Lamas, às 17; Sanjoanense-Tramagal, 17; Beira-Mar-Torres Novas, às 17.

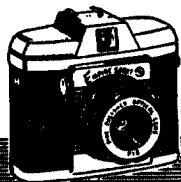
GRUPO C — Os Leões-Oriental, às 10 e 30; Torrensense-Sintrense, às 10 e 30; Sporting-Alhandra, às 17; Marítimo-Benfica, às 17; Belemenses-Atlético, às 10 e 30.

GRUPO D — Vitória F. C.-Barnense, às 10 e 30; Sesimbra-Seixal, às 10 e 30; Portimonense-Almada, às 17; Lusitano-Montijo, às 10 e 30; Luso-CUF, às 10.

AS MAIS SENSACIONAIS MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS QUE SE VENDEM ACTUALMENTE EM PORTUGAL! AGORA A PREÇOS MUITO MAIS BAIXOS

EMPIRE SCOUT

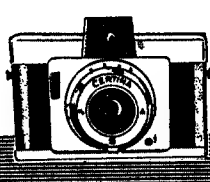
- Faz 12 fotos 6x6 cm
- Focagem desde 1,5 m
- Visor muito nítido
- Sincronizada para relâmpago
- Óptima objectiva e soberba apresentação



Esc 143\$00

CERTINA

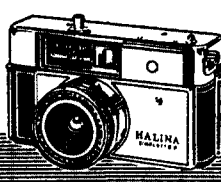
- Formato ideal 6x6 cm
- Focagem a partir de 1,5 m
- Sincronizada para relâmpago
- Evita duplas exposições
- Construção metálica sólida
- Alta qualidade alemã



Esc 236\$00

HALINA SIMPLETTE "FC"

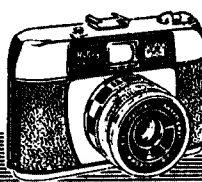
- Para flash-cubo
- Carregamento instantâneo
- 12 fotos a preto e branco ou a cores no novo formato 28x28 mm
- Visor muito luminoso
- Fácil focagem por 3 pontos



Esc 422\$00

HALINA PAULETTE

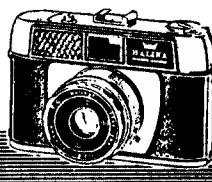
- Para filme de 35 mm a cores e preto-branco
- Objectiva anastigmática 2.8 de grande luminosidade
- Obturador de 5 velocidades até 1/250 de seg
- Visor luminoso de quadro fluorescente



Esc 644\$00

HALINA PAULETTE ELECTRIC

- Modelo similar à HALINA PAULETTE mas incorporando uma célula foto-eléctrica permitindo assim exposições sempre correctas a cores e a preto-branco



Esc 815\$00

À venda em todas as casas de artigos fotográficos do país

Distribuidores para a venda por grosso: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L. Rua dos Douradores, 10, Telef. 361545 - LISBOA

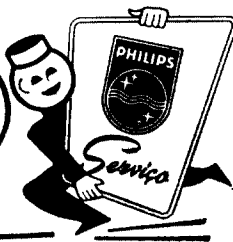
VISITE O NOSSO STAND NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA



SERVÍÇOS TÉCNICOS PHILIPS

REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS

LISBOA — 38 28 44 - 6° 56 02 00
PORTO — 8 76 82
FARO — 2 38 99



MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA
ACESSÓRIOS DE ORIGEM

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS



Eng.º GUSTAVO CUDELL
PORTO + LISBOA



É DIFÍCIL
AFEIÇOARMO-NOS
A
UM CARRO...

...A Hertz vende-os apenas com 1 ano de uso.

EIS UMA BOA COMPRA PARA SI!

FACILIDADES DE PAGAMENTO.

N.S.U. PRINZ 4L / FORD ESCORT
FORD CORTINA / FORD 17M

Tratar na: Rua Almeida Brandão, 26 A - Telefone 672997 - Lisboa

ANDARES

Vendem-se na Reboleira
4 boas ass. tel. 934613

Continental radial segurança total



GUARDA MÓVEIS



Guardamos móveis, malas, caixas, pequenos e grandes volumes

Raul Galamas, Lda.
RUA DA MADEIRA, 68
TELEF. 86 96 00
ORÇAMENTO GRATIS

CAFÉ

Um dos melhores de Coimbra, passa-se por motivo de doença do seu proprietário. Resposta a este jornal ao n.º 290.

FERRO TOUR LISBOA-MADRID

Os Caminhos de Ferro Portugueses e Espanhóis proporcionam-lhe novamente, a preços acessíveis, este sistema de excursões de 6 dias à forfait (todas as despesas incluídas) a partir de 1350\$00 Peça informações e folheto descritivo nas Secções de Informações, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro

uma leve pressão...

um funcionamento perfeito



FLUXÓMETRO ÁQUA hipólito

sem êmbolo

O fluxómetro "ÁQUA-HIPÓLITO" possui um conjunto de características únicas:

- Regulação do volume e da força de descarga
- Conjunto superior substituível
- Canal de equilíbrio de pressões com limpeza automática
- Construção sem êmbolo e sem peças desilantes



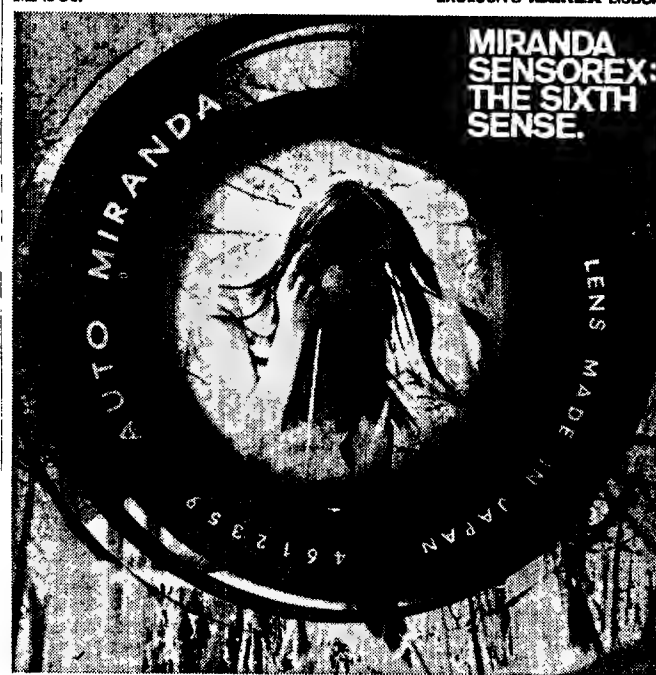
CASA HIPOLITO, LDA. — TORRES VEDRAS — TELEF. 3-53-553 — PBX

MIRANDA

MIRANDA CAMERA C.º LTD. PIONEIRA EM 35 m/m SLR DO JAPÃO. DEDICA-SE HÁ LONGO TEMPO, A PROCURA DE UM LUGAR NA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS JAPONESAS COM A MAIS PERFEITA OBJECTIVA F 1.4. AMADORES, PROFISIONAIS, NOVOS FOTÓGRAFOS, ESTÃO ORGULHOSOS DOS BONS RESULTADOS, NÃO SÓ NA FOTOGRAFIA VULGAR, MAS TAMBÉM EM OUTROS RESULTADOS FOTOGRÁFICOS ALTAMENTE ESPECIALIZADOS.



EXCLUSIVO IBEREX LISBOA



UMA GRANDE COLECCAO DE OBJECTIVAS E ACESSÓRIOS ESTÃO A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Em exposição nos stands IBEREX na Feira Industrial de Lisboa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Escola Técnica de Enfermeiras
DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA
ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES DAS NOVAS CANDIDATAS
INFOMAÇÕES NA ESCOLA DAS 9 AS 17 H.
PELOS TELS. 77 02 24 e 70 77 02

CARTAZ DOS CINEMAS

CONDES

(17 anos) Tel. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30

Elizabeth Taylor e Laurence Harvey numa apaixonante história de amor
EM 2.ª SEMANA

O NÚMERO DO AMOR
Algumas mulheres nunca dão o nome... somente o número de telefone!

IMPÉRIO

(12 anos) Tel. 555134

Apresentação da obra total russa em cada dia

GUERRA E PAZ
As 15 horas — 1.º episódio: AUSTERLITZ (filme às 15.15)
As 18.30 — 2.º episódio: NATASHA (filme às 18.30)
As 21.30 — 3.º episódio: O INCENDIO DE MOSCOVO «A VITÓRIA» (filme às 22.07)

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134

As 15.30, 18.30 e 21.45

A obra fundamental de Alain Resnais

MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808

As 15.15, 18.30 e 21.45

Harry Guardino, Hope Lange e Bradford Dillman no excepcional filme

«LDS» — DROGA ALUCINANTE

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

As 15.15, 18.15 e 21.30

Eles são malucos, galantes, atrevidos...
Elas são deliciosas e tentadoras...

OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MAQUINAS VOADORAS

(ou como voei de Londres a Paris em 25 h. e 11 m.)
com Stuart Whitman - Sara Mile

LIDO

(M. 17 anos) Telef. 937593

As 21.30

O artista da actualidade
Alain Delon
num dos seus maiores êxitos!

DIABOLICAMENTE TUA

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) Tel. 327172

As 21 horas

Ciclo «Mestres do Cinema Americano»

A MULHER DE DUAS CARAS CASAMENTO ESCANDALOSO

ALVALADE

(M. 17 anos) Tel. 763080

As 21 horas

Ciclo «Mestres do Cinema Americano»

CASAMENTO ESCANDALOSO A MULHER DE DUAS CARAS

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.45

Um policial de cortar a respiração

David McCallum e Stella Stevens em

ELES SÓ MATAM UMA VEZ

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 388743

As 18.30 e 21.30

2.ª SEMANA

David Niven, Shirley McLaine e Cantinflas no espectacular filme baseado no famoso livro de Júlio Verne

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

uma fabulosa aventura vivida por 44 grandes artistas

Metro: Estação Ploças

MONUMENTA

(M. 17 anos) Tel. 555131

As 15.15, 18.15 e 21.30

O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje

A RAPOSA

com Sandy Dennis e Kehr Dullea

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas

JOGO PERVERSO

UM PERIGO CHAMADO CAPRICHIO

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153

As 15.15, 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Uma espectacular super-produção

A CAMINHO DE OREGON

com Kirk Douglas, Robert Mitchum e Richard Widmark

ROMA

(17 anos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.45

EM 2.ª SEMANA

Um crime enigmático lança o inspector (Maigret) no mais difícil e perigoso dos seus inquéritos

MAIGRET E O ESPIÃO

c/ Heinz Rubmann e Françoise Prévost

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50505

As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite

10.ª semana de um grande êxito que se despede

Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em

A PISCINA

Um filme de Jacques Deray

POLITEAMA

HOJE, AS 15.15 Tel. 326305

MATINÉE PARA CRIANÇAS

(MAIORES 6 ANOS)

EM 2.ª SEMANA

AVENTURA NO JAPÃO

com Teresa Wright

As 18.15 e 21.30 (12 anos)

em 2.ª SEMANA,

com CANTINFLAS

ENTREGA IMEDIATA

(O espiã X-UI-777)

ODEON

(12 anos) Tel. 326283

HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30

2.ª MES SENSACIONAL

8.ª SEMANA

DO FABULOSO ÊXITO DE GARGALHADA

BONANÇA & C.

com Engenheiro Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas

CHIADO TERRASSE

(17 anos) Tel. 320917

As 21 horas

Omar Sharif e Catherine Deneuve em

MAYERLING

ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095

As 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA

A obra-prima de Vittorio de Sica

MILAGRE DE MILÃO

A maravilhosa fábula dos pobres

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

As 21.45

EM 4.ª SEMANA

A mais expressiva obra do cinema italiano

FILHOS DE NINGUÉM

com Amadeo Nazzari e Yvonne Sanso

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30

EM 6.ª SEMANA

BOA NOITE SENHORA CAMPBELL

com Gina Lollobrigida

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933

DOIS IRMÃOS SICILIANOS

A MINHA ÚLTIMA CONDESSA

(M. 17 anos) Tel. 260729

As 21.30

MAYERLING

com Omar Sharif - Catherine Deneuve

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 17 (633288) • Boa Hora, R. dos Quartéis 25-27 (637777)

ALVALADE — Alvalade, Av. do grejo 18-A (712070) • Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700455) • Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) • Paris, R. Rainaldos Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água 71013)

ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020)

ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841222) • São José, R. dos Anjos, 4 (50730)

ALTO DO PINA — Nobel, R. Acor Vole 53 (84252)

ARREIRO — Vero Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (724941) • Onilho, Av. João XXI, 3-A (725848)

ARROIOS — Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 213 (45079)

AVENIDAS NOVAS — Miranda, C. Pequeno, 356-B-C (770776) • Segreg, Av. Luís Blvar, 69-71 (47213) • Cerdal, Av. Duque de Avila, 32-C (43495) • Cosmima, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) • Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44158)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zilber, Praça das Casas Novas, Lote 66 (31072)

BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Remens, Rua B-7, 6 Rua Marques de Olhão, (383800)

BAIXA — Centro Farmacéutico, R. das Portas de St. António, 88 (32721) • Unifia, R. da Várzea, 2 (323793)

BELEM — Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, JPM, 3 (610256)

BENFICA — Benfita, Est. de Benfita, 678-E (702532) • Sousa, Est. Benfita, 429-43 (780027)

CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 38 (774682)

CAMPO DE OURIQUE — Portifira, R. Franc. Metraes, 59 (663349) • Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760)

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304)

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181)

CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (533411)

ESTRELA & LAPA — Palmas & Parente, R. de St. António & Estrela, 96-98 (66596) • S. A. E. Silves, Filhas, R. de S. João do Mar, 74 (66010)

GRACA — Arnali, R. das Escolas, 88-A (863940)

LUMIAR — Alameda, A. dos Lúniar de Torres, 201-B (790942) • S. Tomé, Est. do Desvio, lote 2-C (790704)

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (38612)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

LAURA ALVES — As 20.45 e 28: «Pepie» (17 anos).

VASCO SANTANA — As 21.45: «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).

CAPITÓLIO — As 22 h.: «O segundo tiro» (17 anos).

VILLARET — As 21 e 15: «Black-Out» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23 h.: «Mãos á obra» (17 anos)

CINEMAS

OLÍMPIA — As 19 h.: «Tarzan, filho dos selvagens» (12 anos).

CAMPOLIDE — As 21: «O leão de Tebas» (12 anos).

PROMOTORA — As 21: «Parada internacional» (12 anos).

CINE ORIENTE — As 21: «A justiça de Gringo» (12 anos).

ENCARNACÃO — As 21: «O vale da Loure» (12 anos).

S. L. BENFICA — As 21: «A mulher que não quer amar» (17 anos).

ROYAL — As 21: «O desconhecido desejado» (17 anos).

PARIS — As 21 h.: «Como raptei Rasputine» (12 anos).

IDEAL — As 21 h.: «Sete dólares de sangue» (17 anos).

ORNELA VANONI NA FIGUEIRA DA FOZ

No próximo dia 13 de Julho, actua no Casino Peninsular da Figueira da Foz a intérprete italiana Ornella Vanoni, que substitui na «noite de gala» do Festival da Canção a sua compatriota Iva Zanicchi, primitivamente designada para ali actuar.

Em Outubro, Ornella Vanoni estará novamente em Portugal, para gravar um «TV-Clube» e fazer a sua apresentação em Lisboa.

ARCO IRIS — As 2 h.: «Continências deputadas» (12 anos)

MOSCAVIDE — As 21 h.: «Quem dispara primeiro» (12 anos)

CINEARTE — As 2 h.: «Flutuação perigosa» (17 anos)

JARDIM — As 2 h.: «Uma poltrona para três» (17 anos)

● **Linha de Cascais**

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «O foragido do Rio Colorado» e «Roubaram o meu coração» (12 anos)

PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «Camelot» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 21: «Mayerling» (17 anos) e «CINE-ESPIONAGEM» (12 anos)

● **Linha de Sintra**

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «O prego de cinco jogadores» (17 anos)

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 30: «A força para um inocente» (17 anos)

AMADORA — RIECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 30: «Os cavaleiros do terror» (12 anos)

QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 30: «Os irmãos Karamazov» (17 anos)

CACÉM — CINEMA S. JOÃO — As 21: «Cavalgada sangrenta» e «Gladiadores esportivos» (12 anos)

MEM-MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Em Roma ero assim» (17 anos)

SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «As diabólicas» (17 anos)

● **Outra Banda**

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «A viúva solteira» (12 anos)

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPABANA — As 21: «O misterioso dr. João» e «A flecha dourada» (12 anos)

BARREIRO — GINÁSIO — As 21: «Marisol apaixonada» e «O inspector original» (12 anos) e «CINE-BARREIRENSE» — As 21: «Pistoleiro do Harigono» e «Jerry e os seus fios» (12 anos)

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «O escândalo» e «Hércules o conquistador» (17 anos)

● **Outra Banda**

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 Tel. (234100)

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T. 224020)

ALMADA — Nuno Alvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 74 Tel. (224302)

BARREIRO — Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (2273012)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (270121)

MOITA — Silva Roche — P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL — Higlone, R. Frei Agostinho da Cruz (22408)

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel. 2218580)

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — Almeida Nifa, Avenida Comb. G. Guerra, 64 (212070)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO
DE SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS
OBSERVADAS NA REDE NA-
CIONAL DO CONTINENTE
ATE AS 9 HORAS DE HOJE
— Máxima: Elvas, 29°; mí-
nima: Penhas da Saúde, 7,5°.

TEMPERATURAS O B SERVA-
DAS, AS 9 HORAS, NA COS-
TA DO SOL — Na atmosfera:
18,5° na água do mar: 16°.

PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS
DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nu-
blado; vento fraco a mode-
rado de Noroeste; no período
matinal, céu muito nublado
na faixa costeira ocidental e
possibilidades de chuviscos.



Amãnhã
Nascer às 06 e 13
Ocaso às 21 e 05



Dia 23 Dia 29 Dia 6 Dia 14

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 21 — 8 e
17 (3,3 m); 20 e 30 (3,5 m);
Dia 22 — 9 e 06 (3,3 m);
2 e 27 (3,4 m). Dia 23 —
10 (3,3 m); 22 e 20 (3,4 m);
BAIXA-MAR: Dia 21 — 1 e
39 (1,3 m); 13 e 50 (1,5 m);
Dia 22 — 2 e 33 (1,4 m);
14 e 50 (1,6 m). Dia 23 —
3 e 31 (1,4 m); 15 e 55
(1,6 m).

O Chefe do Governo foi convidado

a visitar os Açores

Os governadores dos dis-
tritos autónomos dos Açores
convidaram o prof. dr. Mar-
cello Caetano para se deslo-
car, em visita oficial, logo
que se lhe depare uma opor-
tunidade de o fazer, àquele
arquipélago. A concretizar-
se essa deslocação, será a
primeira vez que um Presi-
dente do Conselho visitará as
terras açorianas.

GOVERNO FRANCÊS

(Continuação da 1.ª página)

se deve a solução das crises
financeiras de 1952 e de 1958,
e que era apontado como o
próximo ministro das Finan-
ças, revelou que Pompidou
lhe tinha telefonado ontem,
pedindo-lhe que aceitasse
um cargo no Governo, mas
que tinha recusado.

Pinay declarou que o novo
presidente lhe pedira para
pensar melhor, devendo vol-
tar hoje a telefonar-lhe.

Se Antoine Pinay voltar a
recusar, como se prevê, é
possível que a escolha recaia
sobre Giscard d'Estaing, che-
fe dos Republicanos Inde-
pendentes e antigo ministro
das Finanças.

ARQUITECTOS EM BUSCA DA INTEGRAÇÃO DO SEU CURSO NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE



AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
no Salão Restaurante

THE FOURMOST

● JOHN SEIDEL

And partner

● NATÉRCIA
DA CONCEIÇÃO
● BENTYBER
DANCERS

COM
CLAUDETTE WALKER
e LINDSAY DOLAN

MUSICA PARA DANÇAR

SHEGUNDO
GALARZA
E SEU CONJUNTO
JIRINA'S COMBO
FERRER
TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
(M 17 anos)

Preços
Chá completo, 40\$ (taxas
e impostos não incluídos)

No CINEMA
HOJE, às 17 horas
«MATINÉE» INFANTIL
(M 6 anos)

e às 21.30
«MAYERLING»
(M 17 anos)

AMANHÃ, às 17 e 21.30
«BULLITT»
(M 17 anos)

Ambiente climatizado

A necessidade de inte-
gração do ensino de Arqui-
tectura no âmbito da Uni-
versidade foi hoje largamente
debatida no II En-
contro de Estudo promovi-
do pela secção portuguesa
da União Internacional dos
Arquitectos, com a colabo-
ração do sindicato que
agrupa os 700 profissionais
portugueses da especiali-
dade.

O tema hoje versado su-
bordinou-se à epigrafe «A
escola de Arquitectura e
arquitectura da Universi-
dade», tendo participado,
como especialista convida-
do, o sr. prof. Miller Guer-
ra, bastonário da Ordem
dos Médicos e catedrático
da Faculdade de Medicina
de Lisboa. Foi focada a ne-
cessidade de nova estru-
tura universitária e referi-
ram-se tendências e exem-
plos colhidos nalguns pa-
íses europeus.

Assim, procuram-se os

caminhos a ensaiar de mo-
do a acelerar o progresso
da profissão em Portugal,
onde não chegam a for-
mar-se duas dezenas de ar-
quitectos por ano, nas duas
escolas superiores de Belas
Artes de Lisboa e Porto.
Como modelo de actuação
procuram os promotores da
iniciativa inspirar-se no
Relatório das Carreiras
Médicas, da autoria do
prof. Miller Guerra, publi-
cado em 1967.

*

A tarde, os trabalhos
prosseguiram com debates
sobre a situação de uma
futura escola de Arquitec-
tura entre as Belas Artes
ou na Universidade, o sobre
várias hipóteses de locali-
zação de um tal estabeleci-
mento na região de Lisboa.

Orientaram os trabalhos
os arquitectos Nuno Portas
e Martins Barata.



Um aspecto do encontro

De
vez
em
quando

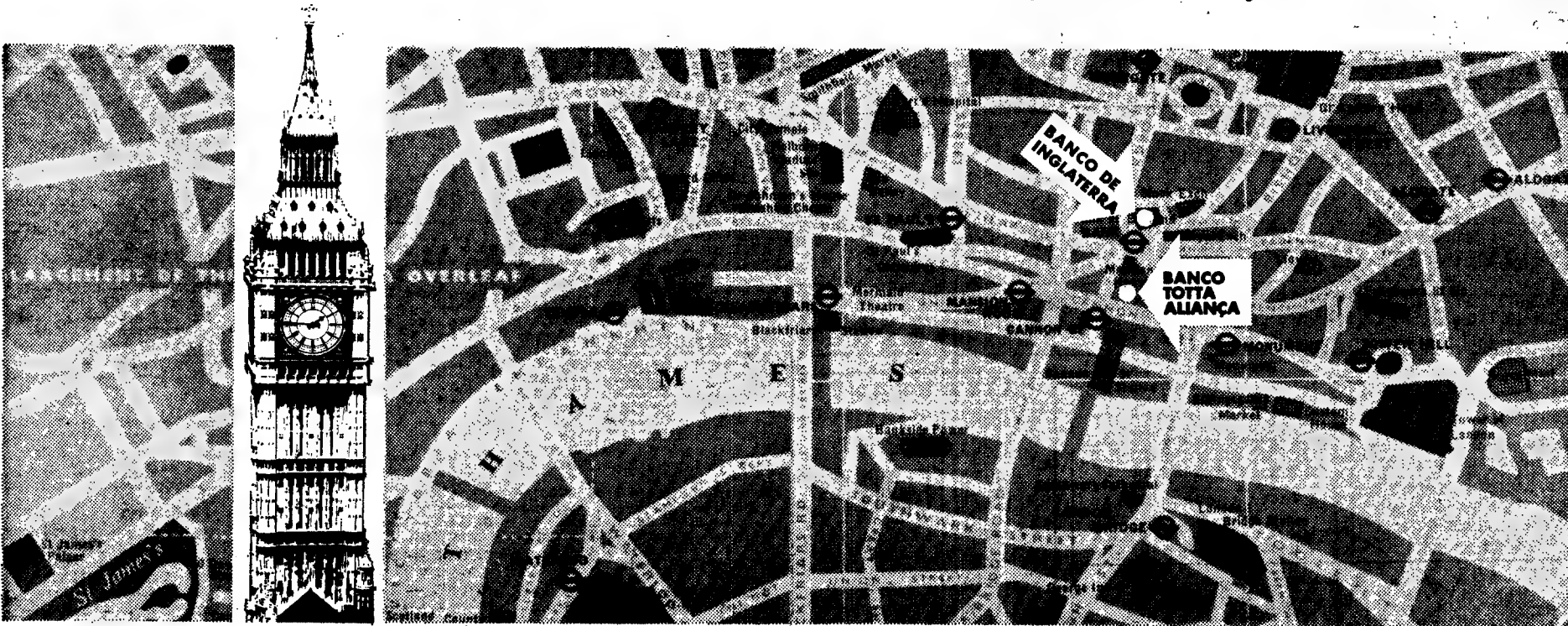
O Estádio Nacional
volta a ter vida. A fi-
nal da Taça de Portu-
gal (deste Portugal que
não abdicamos de amar
tanto como os outros,
como todos) vai ali pôr
amanhã frente a frente
o Benfica e Académica
— o grito vermelho dos
homens da Luz e o ne-
gro denso dos estudan-
tes coimbrões. Dois gru-
pos, cada um de sua
cor, mas sujeitos a re-
gras iguais para todos
e orientados por um
árbitro que antecipa-
mente se considera im-
parcial, vão mostrar o
que sabem, para se ava-
liar qual deles é o me-
lhor. Muita gente (limi-
tando-se a ser assistên-
cia) seguirá o prélio
com vontade de nele
ter participação mais
activa. É pena não ca-
berem todos no rectan-
gulo. Homens de todas
as cores a mostrar o seu
jogo. E que vencesse o
melhor.

V. D.

Almoço na Casa de Trás-os-Montes

A Casa de Trás-os-Montes
e Alto Douro, promoveu ho-
je mais um almoço de con-
fraternização com ementa
regional. Como os anteriores,
o repasto decorreu com gran-
de animação e teve a pre-
sença de centos e dezenas de
convivas.

O BANCO TOTTA-ALIANÇA a partir de Setembro próximo no coração da City



Mas porquê Londres?

Porque Londres é um dos principais centros financeiros do Mundo.

Porque Londres é a sede do principal mercado dos produtos portugueses.

Porque Londres é a capital do mais importante país da EFTA.

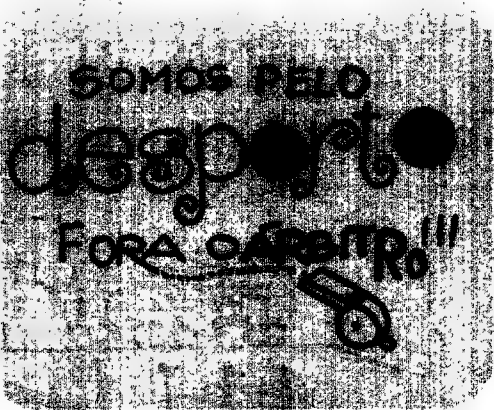
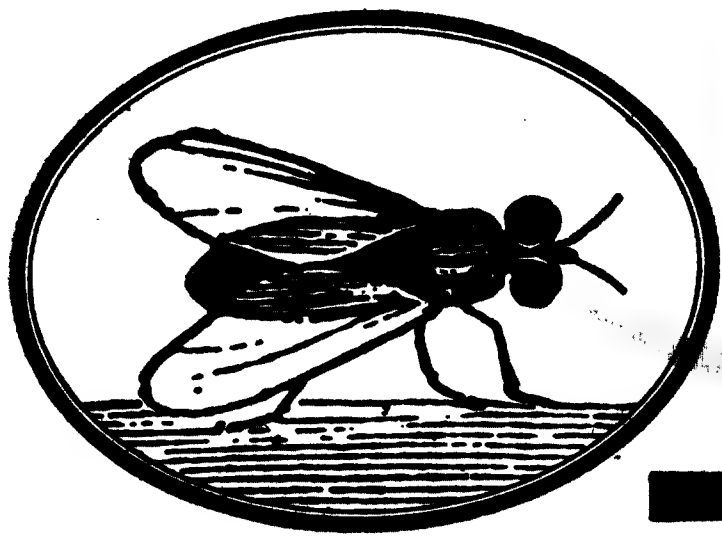
Porque em Londres o Banco Totta-Aliança poderá colaborar, com os seus associados

o Banco Totta-Standard de Angola e o Banco Standard-Totta de Moçambique, no desenvolvimento das
relações económicas dessas duas Províncias Ultramarinas com o Reino Unido.

Porque acima de tudo é norma do Banco Totta-Aliança

SERVI- CADA VEZ MAIS E CADA VEZ MELHOR OS SEUS CLIENTES





1 1

BRUUUM...

A equipa desportiva «Mosca» lá esteve, consciente dos seus deveres e naturalmente espicada pelo interesse provocado pelas (24 de Le Mans).

Instalado na «box» do Simões (Os Piratas, na gíria automobilística) o «team» da reportagem seguiu tudo de perto, desde o Festival folclórico que antecedeu a prova.

12 h-14 h 37 m — O arranque é dado pelo sinal. Antes ainda dos carros atingirem a recta do SNI um táxi coloca-se à cabeça. Momento emocionante que levanta alguns protestos dos concorrentes que o acusam de não ser «grande turismo». Na curva do Lourenço e Santos, uma bicicleta conduzida por um cabido da Marconi ultrapassa o táxi e é, por sua vez, ultrapassada por um Gogomobil tripulado por um cão, dois casais e três crianças.

No sentido inverso, duas potentes viaturas a gasoil travam bruscamente para evitarem uma colisão com um piloto da escuderia da Sapataria 28 que lá reabastecer-se à «box» da Taverna Imperial.

Ruído infernal. A prova ganha súbito interesse.

16 h 15 m — O prémio referente ao índice de performance até agora nas mãos do piloto do Gogomobil passa para o condutor de um Austin 850, matrícula clandestina, que transporta três serralheiros mecânicos, um cigano e um aquário com peixinhos tropicais.

Os dois fiscais da prova (PVT) colocados à entrada do circuito mostram sinais de cansaço.

17 h 30 m — Dois carros da escuderia Cooper a pequenas prestações surgem colados um ao outro. Dadas as características dos condutores gera-se a angústia colectiva de que não terão certamente gasolina que lhes permita chegar ao alto da «Versalhes».

Atenção! Um concorrente desiste! Está procurando arrumar o carro fora da pista, no par-

teco 6 d). Recusa do concorrente, fundamentado no facto de já ter pago o imposto complementar, o imposto de consumo, o imposto profissional e, ainda, o imposto indirecto que incide sobre a gasolina.

18 h 30 m — Redobra o interesse da prova. Um participante de línguas mortas detém-se em frente da «box» do SNI e é avisado de que esse local é uma tribuna das autoridades. O participante de línguas mortas diz que vem desde Salamanca com a ideia de encontrar um parque que não seja de autoridades.

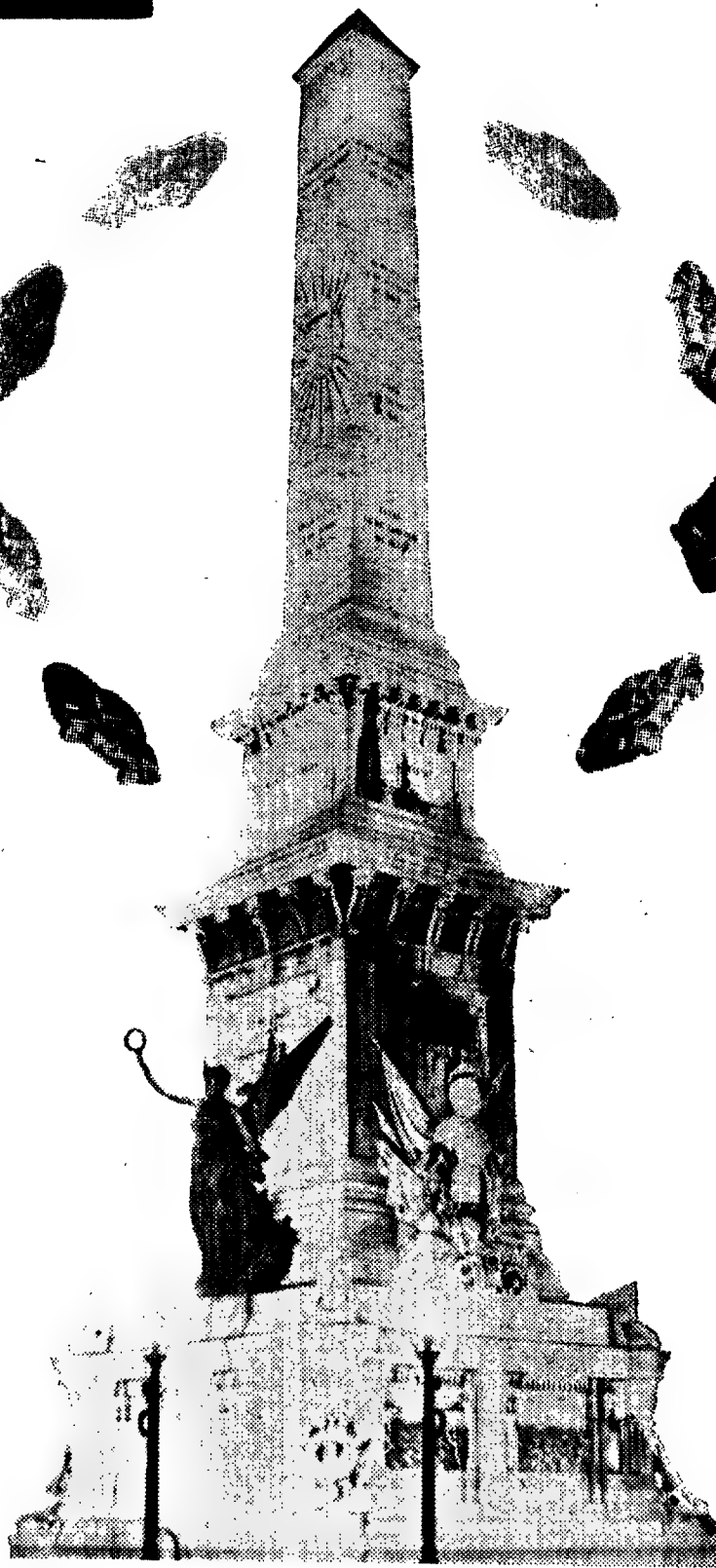
Entra em prova uma senhora de idade, entra em prova e atravessa a pista na direcção da leitaria Casulo. Arrancam 8 potentes carros 8 e a senhora de idade sai da prova. Vários vendedores de lotaria aproveitaram o momento para lançar os seus tradicionais gritos de guerra.

19 h — Ponto alto da prova. Sensacional. Inesperado: à frente do índice de performance vai agora um autocarro tripulado por 160 passageiros alguns dos quais funcionam como sobresalientes porque vão de fora.

A senhora de idade encontra-se agora à porta da leitaria Casulo lutando com uma trombose.

A PISTA ENCARADA PELOS TÉCNICOS

«A melhor do mundo» — Philip on the Road. «Panorama Incomparável» — Raul Penato. «Lamentável que não se veja a Ponte» — Herre Kant Muniz. «Um per-



M
O
S
C
A

AS
24 HORAS
DOS
RESTAURA
DORES



que de estacionamento. Socorre-o um agente da FICC (Fédération Internationale du Cravance Camarairé) que lhe exige a taxa legal (2\$50=



AS 24 HORAS DOS RESTAURADORES



O sinaleiro de serviço abre a prova...

curso que nada fica a dever aos estrangeiros — opinião de um frequentador do Café Aviz

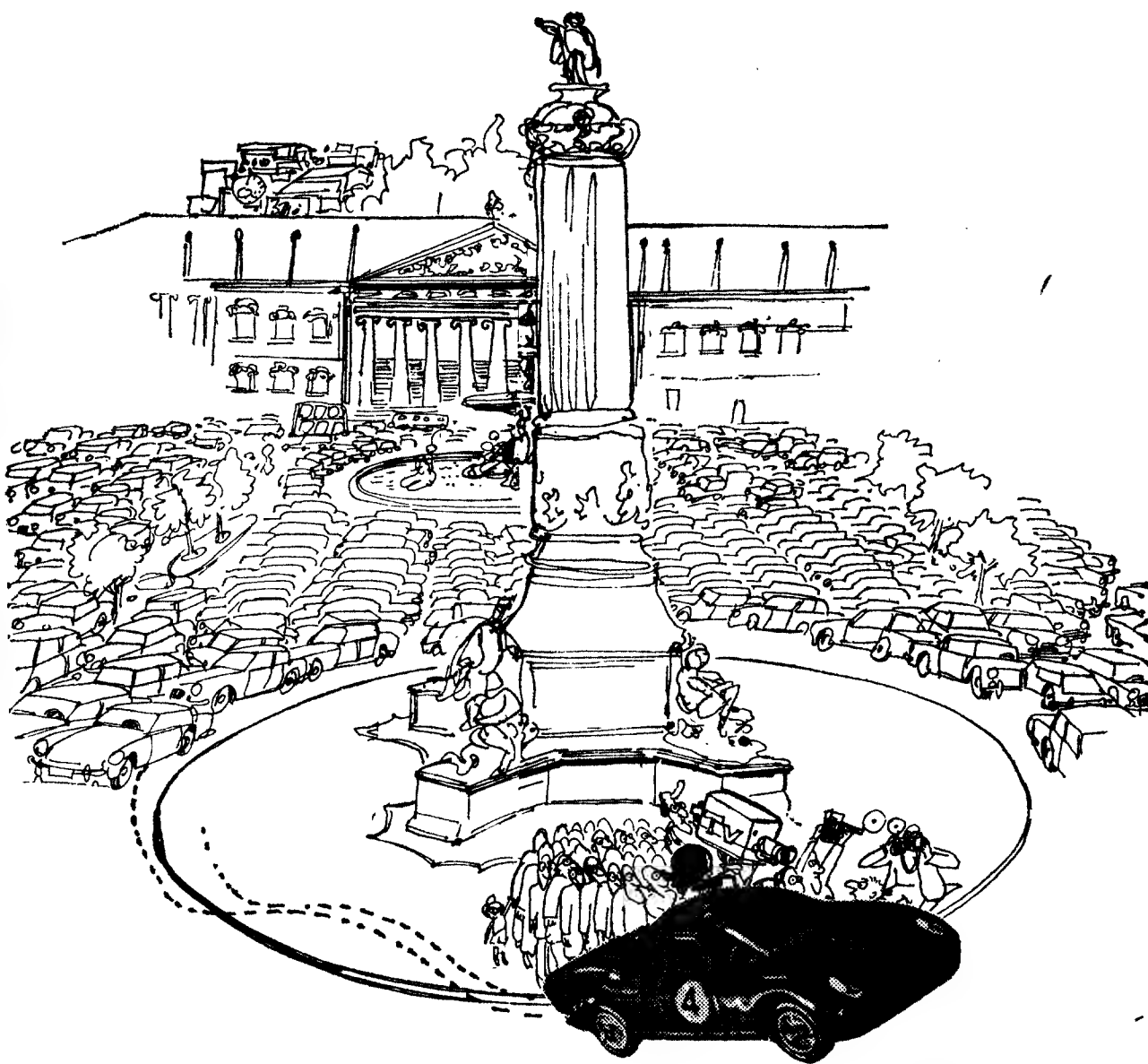
Na realidade, o rodado misto de buracos e asfalto dá a necessária importância ao monumento pontiagudo. As árvores (equiparáveis às melhores do estrangeiro), aos estabelecimentos English Spoken e Parle Français da zona. Turistas de todo o mundo ocorrem por isso à Pastelaria Suíça onde pasmam perante os pastéis de Belém (equiparáveis aos melhores do estrangeiro).

20 h. 30 m. Escasseiam os corredores. Os amadores não aguentam a pro-

21 h. 27 m. Surge na pista um Porsche 911-S pilotado por um concorrente de chinó, ladeado por duas altíssimas louças de plástico. O júri decide passá-lo à frente no índice de performance.

No parque se estacionamento, o concorrente que desistiu alega agora que desconta para o Socorro de Inverno e que paga portagem nas auto-estradas do Norte e do Sul, apesar de elas não passarem do Centro.

Acusando deficiências mecânicas, passa um 100 HP com um tigre de feltro que abana a cabeça no banco traseiro. Por



grande prestígio nos meios do automobilismo, vem com a Pipocas Santa Marinha, que também goza de grande prestígio nos meios. Vão reabastecer ao Pop.

Em Cascais, Pucas arranca do «Fim do Mundo» ao volante do Elan amarelo. (Ficha de Pucas — 5.º ano do liceu incompleto porque ficou no 2.º, avó rica, papá sempre no escritório, mamã compreensiva, avó que paga prestações).

No posto Nina Dom Caetano, rival de Portago (porque Portago já faleceu), acaba o reabastecimento de Schwepss. O piloto Dom Caetano, de cabeça rebaixada, que corre num 850 de risco ao lado benze-se para enfrentar a prova. (Ficha pessoal: o pai é onde, donde se conclui que a mãe é condessa).

A falange de apoio do Pucas é constituída pela Licas (que é dactilógrafa de uma agência de publicidade onde aprendeu a falar por slogans) e por quatro liceais que sonham com injeções directas e vão tirar carta para o ano.

Na sua falange de apoio Lelecas conta com um forçado amador do Colégio Nun'Álvares, uma futura hospedeira de bordo e duas meninas que têm por ambição vestir na «Outra Face da Lua».

2 h. 00 m. Pucas arranca do «Porão da Nau» seguido de quatro mirotes da porta do «Convés». Estão bronzeados por causa da brisa nocturna.

Pucas entra no Marquês de Pombal.

Pucas torneia a estátua a grande velocidade. Pucas entra na Avenida. Acelera. Passa rente

a uma ceguinha que não sabia da existência da prova. Travagem brusca. Nova aceleração. Expectativa geral. Pucas apro-

concorrentes vindos do Estoril, bem abastecidos de supercarburante. Cruzam-se com os primeiros participantes não

que abandonam a prova, dirigindo-se para o «Galo» onde vão redigir a sua moção. Em face disto o júri delibera, por



As infra-estruturas das «24 horas dos Restauradores»: renovar é sempre continuar. As equipas reparadoras da pista actuam com a energia necessária



xima-se da tribuna. Venceu-a. Entra em derapagem na Praça da Alegria.

Pucas chega ao «Bico Dourado».

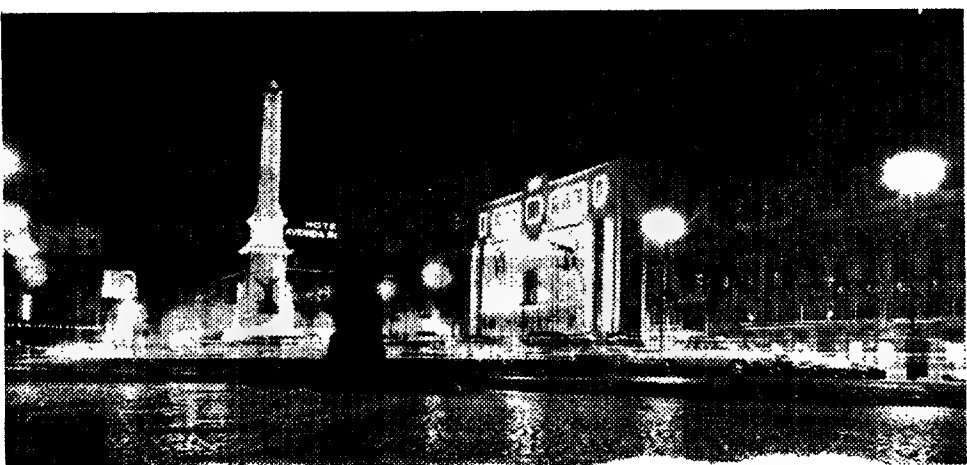
7 h. 00 m. Chegam os

profissionais: autocarros, camiões de carga, camionetas para a Venda Nova (e vice-versa), ciclistas com lancheira, etc.

7 h. 15 m. Protesto geral dos profissionais,

unanimidade tradicional, anular a prova.

7 h. 30 m. O sinaleiro de serviço abre o trânsito para as novas «24 horas dos Restauradores».



3 horas da manhã: a pista está aberta aos grandes fângios



A Pista dos Restauradores é dotada com postos de recauchutagem «Pop»

va. É a hora de jantar e a natureza lusitana é pontual. Passam dois carros, um Opel familiar e um MG que não deve ser, a julgar pelo aspecto comprometido da «pendura». É o primeiro profissional.

motivos desconhecidos este animal não parece inteiramente feliz.

4 h. 00 m. Os primeiros profissionais fazem a volta de reconhecimento e dirigem-se para as respectivas «boxes». Lelecas Martim Ramos, figura de

FÉRIAS NO ALGARVE AO SEU ALCANCE...

excelente serviço de
Snack bar e Restaurante
a preços normais
Bungalows para 2 pessoas/160\$00
marcações pelos telef.
156 39 praia da luz
36 91 52 em lisboa
motel da luz • praia da luz • algarve



MASTEN GREGORY VIVE!

em 1962. Mas há por vezes fortes razões para um piloto de corridas se retirar.

Uma delas pode ser o amor, como no caso do condutor italiano Pietro Taruffi, um fenómeno que ainda estava a competir com 50 anos de idade mas que prometeu a sua mulher, mais nova do que ele que se retiraria se ganhasse a maior prova europeia de longa distância — as mil milhas. Após 12 tentativas, Taruffi correu uma décima terceira vez, sem superstições, e ganhou, retirando-se.

Outras vezes, um bom motivo para afastamentos é a tristeza e esse foi o caso de Juan Manuel Fangio da Argentina, cinco vezes campeão do mundo e que deixou os automóveis porque, disse ele, tinha já visto muitos amigos mortos naquela vida.

Masten Gregory, de Kansas City correu contra Fangio, Moss, Portago, Taruffi. Ele lembra-se ainda de muitos outros. Peter Collins,

ras; uma tarde ele saltou do carro e ficou no meio da pista, imóvel, de pé, por entre bólides que corriam a mais de 200 quilómetros horários. Apesar de todas estas vicissitudes, ele podia hoje com 36 anos de idade passar por um jovem estudante.

Usa uma pesada armadura negra a encaixilhar numas lentes grossas; anda com movimentos mecânicos e elásticos; e apesar de todos esses anos que viveu na Europa fala ainda com forte sotaque do Missouri: «Jesus Christ, Ah hate the sight of blood, specially my own» (Jesus Cristo, odeio ver sangue, especialmente o meu próprio).

Tem voz de requinta bombardeira e gestos cortezes delicados, de maneiras sofisticadamente «negligées».

Gregory não corre muitas vezes. O ano passado ele apenas entrou em Daytona onde se virou a 250 quilómetros à hora, em Indianápolis, onde uma avaria não o deixou completar a primeira volta.

Masten Gregory é o último da quase extinta estirpe — dos corredores desportistas — talentoso, individualista em extremo, quase egocêntrico — que dominaram ou simplesmente animaram as corridas de antes e depois da guerra de Hitler.

«Quando comecei, os corredores tinham uma mentalidade completamente diferente dos de hoje e corriam como os «gentlemen» jogavam polo. Ninguém pensava muito em dinheiro. Hoje, é uma indústria, toda a gente tem os seus contabilistas, «managers» e os principais volantes têm negócios à margem» — afirma Masten Gregory.

«É fundamental para sobreviver sair de um carro estampado. Sair ou tentar sair imediatamente. Quando Moss teve aquele terrível acidente em Goodwood, ficou totalmente inconsciente nesse momento e no mês seguinte. Mas quando as brigadas lá chegaram, o seu corpo estava a mover-se para tentar sair. Em 1954, em Buenos Aires, vi Forrest Green voltar-se e ficar na mesma posição quando o carro começou a arder. Depois ele pegou fogo e então saiu e correu pela pista, a arder, acabando por cair e morrer. Porque não saiu mais cedo? Estou convencido que nem pensou nisso», diz Gregory que acrescenta:

«As pessoas estão fasci-

nadas pelos desastres e isso não é importante. Se se vai tão depressa que se perde o domínio do carro ocasionalmente, isso não importa desde que o motor não se queime. Afiada de contas, isso é o nome do jogo. Pouca gente compreende que a vida é tão depressa quanto o automóvel vai. Uma pessoa sente-se deprimida se o motor do carro pode dar 9000 rotações por minuto e não se consegue mais do que 8600.

«O desastre é inerente à corrida, está sempre prestes a acontecer. Tive cinco acidentes daqueles que destroem completamente um carro e eu sempre escapei. Um escritor inglês disse que eu era um tipo com sorte, e julgo que sim porque estou vivo. Mas entendo que nem tudo foi pura sorte. Saí-me sempre porque também estava a pensar. E pensar, para um corredor, é fundamental. Tem que ser um acto quase instintivo.

Gregory guiou um Cadillac alugado para ir almoçar com o dono do seu carro da corrida de Indianápolis. Conduzia com a mão esquerda na coxa, segurando o volante com o polegar e o indicador, apenas.

Muitos profissionais gulam os seus carros particulares distraidamente, segurando o volante descuidadamente, porque sabem que a 60 quilómetros horários, numa rua, nada acontece.

Gregory não tem automóvel. Quando precisa de um, ele aluga-o.

«Já tive muito dinheiro e muito pouco. Nos intervalos sei que o dinheiro não vale grande coisa. Costumo gastá-lo como se fosse do próprio que o fizesse. Não vejo vantagens em ter um carro, porque não ando muito de carro. Mas gosto, por exemplo, de esquiar durante seis semanas. E isso custa-me mais do que um bom Fiat. acreditem. Gosto de ficar nos melhores hotéis e comer nos melhores restaurantes. Comer é importante. Uma vez Behra bateu-me por pouco, num Gordini. Fiquei em segundo lugar, com um Ferrari. Toda a gente disse que não era mau um segundo lugar para um jovem como eu era naquela altura. Mas só eu sei que não ganhei aquela corrida por estar com fome. Estava mesmo sem forças. Mas isso foi no princípio da carreira. Desde aí interessei-me verdadeiramente por comida e deixei-me de comer só san-

A velocidade, na opinião de Aldous Huxley, é o único prazer genuinamente moderno. Há muitos homens actualizados e inteligentes que concordam com esta opinião mas afirmam que a velocidade é a penúltima sensualidade permitida aos homens.

Dois destes eram corredores de automóveis da melhor das águas, figuras legendárias como Rudolfo Caracciola e Stirling Moss. Os automobilistas sentem a velocidade mais do que qualquer outra pessoa.

Os pilotos de avião, por exemplo, tirando os momentos de aterragem e descolagem sentem somente que estão voando. O esquiador não pode sentir intensamente a velocidade, mas apenas que está contrariando a gravidade; o motonauta poderá sentir a velocidade mas nunca sentirá o perfeito domínio da máquina que salta e ressalta na água.

Só o corredor de automóveis pode conjugar o prazer de uma velocidade de 300 quilómetros à hora com o domínio milimétrico de um carro que pesa pouco e que nem sempre repete a monotonia monocórdica de um trajecto de pista, variando, muitas vezes,

acidentados percursos de estrada que os atrai para fechadas curvas a altíssimas velocidades.

«Correr é um vício e, portanto, muito difícil de abandonar», escreveu em 1957 Alfonso de Portago, um mês antes da sua morte.

Para o ferro entrar nele, o homem tem que correr um mínimo de, digamos, cinco anos quase sem parar, até porque não tem outra alternativa. Stirling Moss quase morreu num acidente mas recuperou o suficiente para poder continuar a guiar, embora não o faça melhor do que qualquer outra pessoa no mundo; por esse motivo ele retirou-se

Mike Hawthorn, Wolfgang von Trips, Jimmy Clark, Jean Behra, Lorenzo Bandini, Jimmy Brian, Eddie Sachs, Ludovico Scarfiotti, Eugénio Castellotti, Mike Spence, Ken Warton, Harry Schell, a própria morte, enfim, numa longa lista.

Gregory está a correr há 16 anos, o que pode ser um pequeno período para qualquer outra profissão mas que nesta significa uma vida prolongada.

Correu primeiro em Cadzow Hill, Texas, em Novembro de 1952 e mais recentemente nas 24 Horas de Le Mans (França), Setembro 28-29. Sobreviveu a desastres que reduziram os seus carros a montões de destroços e acabou por sobreviver para viver entre acidentes. Ficou queimado e com diversas fractu-

alta fidelidade
para os verdadeiros apreciadores

Celestion

Altifalantes de alta fidelidade

Ferrograph

Gravadores de alta fidelidade e profissionais

Garrard

Gira-discos de alta fidelidade

MICRO

Braços de alta fidelidade para gira-discos

PIONEER

Gravadores - Tuners e Amplificadores "Stereo", Altifalantes e Colunas de alta fidelidade

Selmer

Amplificadores e Altifalantes para Guitarras e Violas baixo e para conjuntos musicais

SHURE

Células para braços de gira-discos

IRUALDO

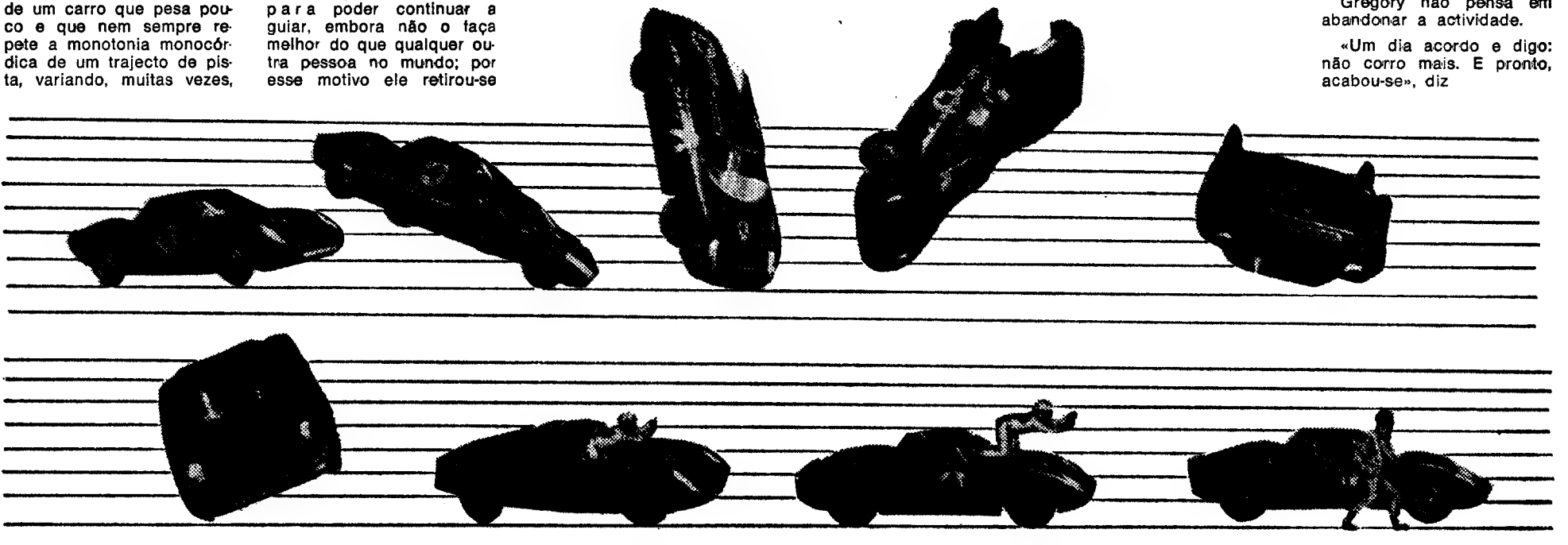
TUDO PARA ELECTRONICA, ACESSÓRIOS RADIO E TV

R. S. José, 9-11-13-15 LISBOA-2
Telefone PPC 3 37 25

des e leite. Entrei numa dieta de 3500 calorias por dia.

Gregory não pensa em abandonar a actividade.

«Um dia acordo e digo: não corro mais. E pronto, acabou-se», diz.



BOB beamon um salto para o gume



Cidade do México, 18 de Outubro de 1968: o negro norte-americano Bob Beamon salta 8,90 m em comprimento, pulverizando o record mundial de Ralph Boston, seu colega de equipa. Talvez os Jogos Olímpicos cheguem à Lua antes de alguém bater a sua fabulosa marca.

Quando Boston lhe anunciou o resultado do salto, Beamon não queria acreditar. Depois começou a chover torrencialmente e o concurso foi suspenso por meia hora. «Tive sorte», disse Bob Beamon mais tarde. «Com a chuva que caiu não haveria record mundial».

Beamon acrescenta que este salto foi o último acon-

tecimento feliz da sua vida. Já depois de regressar do México surgiram problemas com a mulher. Por outro lado, fez péssimos exames na Universidade texana de El Paso e foi excluído. Um músculo traumatizado impediu-o de brilhar em torneios nacionais: o público vaiou Bob Beamon.

Bob não voltou a casa sobre uma passadeira de veludo. Ainda hoje pode sair à rua sem que o reconheçam «Senti-me completamente liquidado», diz, «até falar com Pappy».

HOLLYWOOD

Pappy, aliás, Pappy Gault, é o treinador olímpico de

pugilismo que se tornou conselheiro de Bob Beamon. Acaba de fazer um milagre: recuperar o saltador para o atletismo de competição, inscrevendo-o nos Jogos Internacionais da Liberdade Dr. Martin Luther King, de Villanova, onde ele, aliás, brilhou.

Os Jogos Luther King foram apenas a primeira de dezoito competições programadas para Bob Beamon: novamente em boa forma, o atleta quer esquecer as tristezas da época pós-México. Pretende também reingressar na Universidade, talvez em Washington, talvez em Nova York. Faltam-lhe três semestres para a licenciatura em Arte Dramática.

«Em Olhai os Lírios do Campo fiz o papel que Sidney Poitier fez no cinema», explica Beamon. «Deram-me um «A», a nota mais alta. Hollywood ainda não disse nada — mas tenho esperança...»

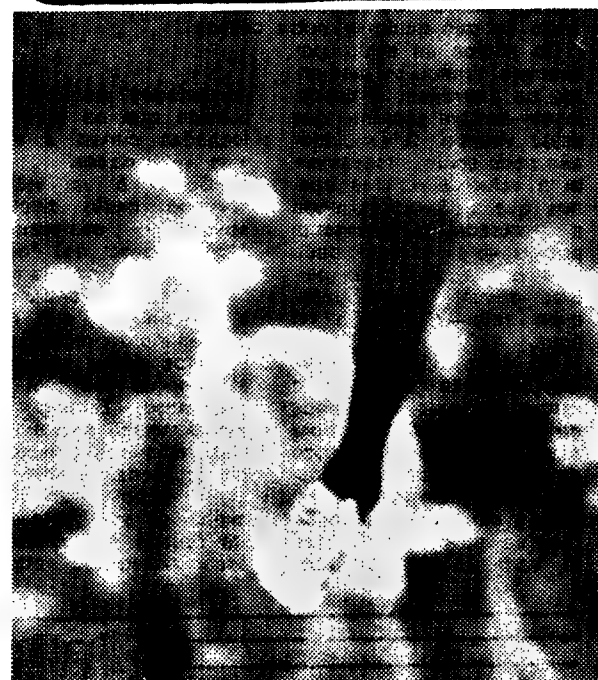
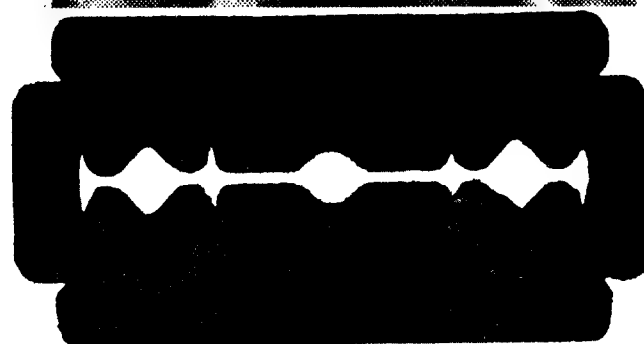
BASQUETEBOL

Uma alternativa para Beamon é o basquetebol profissional, embora não tenha voltado a praticar este desporto desde o liceu. De vez em quando faz umas cestas em treinos, mas não passa disso. A última temporada em grande, data de 1966, quando envergou as cores da sua escola texana.

Problema a resolver: para quase dois metros de altura o atleta pesa menos de oitenta quilos.

Com tais medidas não pode sequer pensar no rugby americano. Ele pró-

cessos gostavam de rever Bob Hayes num dos seus maravilhosos sprints. E o célebre Wilt Chamberlain, do basquetebol, foi em tempos um excelente praticante do salto em altura. Por-



prio confessa: «Vejo aqueles monstros de cento e vinte quilos e fico sem pinta de sangue!»

Beamon ainda tentou a sua chance nos Miami Dolphins, onde alinha o ex-campeão de velocidade Jim Hines. Este desiluiu-o rapidamente: «Corres bem, mas não prestas para este jogo. O basquetebol é que é bom».

«ROLLS-ROYCE»

O sonho de Bob Beamon consistiu por momentos em dedicar-se ao atletismo profissional. «Pensei que as

que não contratá-lo?» Simplesmente, a ideia nunca chegou a interessar ninguém. Adeus torneios pagos a dólares, adeus fortuna. O recordista mundial sonha com um «Rolls-Royce» como o dos Beatles: em vão.

Feitas as contas, o homem que saltou 8,90 m na Cidade do México estuda neste momento a tentadora oferta de uma cadeia de TV do seu país para apresentar, num pequeno spot, a derradeira maravilha em máquinas de barbear. Há fábulas cruéis na história fantástica do desporto.

**ÚNICO NO
NOSSO PAÍS**

5000 televisores

GRUNDIG

PARA A GRANDE CAMPANHA DE TROCAS DE TELEVISORES

Comemorativa do 3.º Aniversário da
GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGAL, LDA

Troque o seu televisor usado
(de qualquer marca e mesmo avariado)
por um moderníssimo televisor GRUNDIG
mod. T 501E com ecran de 48 cm e UHF

e
pague apenas
3.750\$00

ou então
pelo mod. RECORD MONOMAT
com ecran de 59 cm e UHF

e
pague apenas
4.250\$00

Não perca esta oportunidade excepcional !

DIRIJA-SE A UM AGENTE GRUNDIG

Se desejar mais informações, cole
este cupão num postal e remeta-o a:

Norte:
Soc. de Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L.
Apartado 154 Telef. PPC 27451 Porto

Sul:
Nacional Rádio, S.A.R.L.
Apartado 1076 Telef. PPC 705111 Lisboa 1

Grande Campanha de Trocas de Televisores

Quiserm remeter-me informações detalhadas para a troca de
televisores e juntamente folhetos dos v. modelos T 501E, com
ecran de 48 cm e UHF, e Record Monomat com ecran de 59
cm e UHF.



|| A FINAL DA TAÇA ||

A equipa do ano vem amanhã a Lisboa e é capaz de repetir o seu maior êxito futebolístico de sempre, quando derrotou o mesmo adversário por 4-3 e levou para Coimbra a primeira «Taça de Portugal».

Foi no Campo das Salésias, a 25 de Junho de 1939. No dia seguinte Tavares da Silva comentava no «Diário de Lisboa»: «O grupo académico começou a jogar, semana a semana, habituando-se à luta de competição rude. Ao princípio, normalmente, perdia. Era tido num fraco conceito. Depois começou a fazer bons resultados, o conceito subiu, mas havia a ideia geral de que aquilo era só devido a entusiasmo. Vieram as vitórias. E agora é que não há mais nada para dizer. A Académica é um grupo não só entusiástico mas que sabe jogar à bola, igual aos melhores, que até se dá ao luxo de, umas vezes por outras, lhes ser superior».

Trinta anos depois a Académica pratica o mais completo futebol do País, resiste à sangria do começo da época (saíram Ernesto para o Sporting e Toni para o Benfica, Artur Jorge está desde então afastado das competições regulares), recupera um internacional em crise (Fernando Peres), «inventa» o melhor marcador do Nacional (Mado-final: uma ida ao Barreiro (com quatro tentos de vantagem!) foi

treinador (Mário Wilson) sem que isso moleste o seu fio de jogo, dá-se enfim ao luxo de derrotar duas vezes seguidas o Sporting e classificar-se automaticamente para a segunda mais importante competição europeia interclubes (Taça dos Vencedores das Taças), qualquer que seja o resultado de amanhã.

«Association»

FUTEBOL, dizem os ingleses, é «association», com tudo o que isso significa de espírito de equipa, alegria do jogo pelo jogo, limpeza de intenções, entejada, amizade, fraternidade dentro e fora das quatro linhas. E a Académica tem tudo isso. Nunca uma equipa portuguesa do seu estilo se bateu tão calmamente contra a força e a sobrecarga dos clubes considerados «grandes».

O Benfica pode ganhar o jogo de amanhã. A maioria dos observadores dá-lhe mesmo antecipadamente a vitória, uma vez que o «team» da Luz, sem ter recuperado ainda o fulgor de outras épocas, parece agora mais coeso do que no fim do campeonato, com um Eusébio a marcar golos e dois irmãos — Zeca e Abel — apostados em refrescar a máquina campeã. Além do mais o Benfica joga em Lisboa, de onde praticamente não saiu desde os quartos a sua única deslocação.

Mas a Académica vem a Lisboa sem o me-

do de perder. Para os estudantes, chegar ao fim do jogo com um «score» negativo representa menos do que poderíamos julgar. Só por si a final já é uma festa, um acontecimento *Sui generis*. Simplesmente, a sua bonomia pode transformar-se em armadilha para os lisboetas e bisar a vitória de 1939. Noventa minutos no luxuoso relvado do «Jamor» dirão de sua justiça.

Tinha razão Tavares da Silva quando escreveu há trinta anos, na véspera do que então se chamava o «match» da final: «A Académica, integrada por estudantes seleccionados, não é propriamente um clube como os outros. Os fins da Associação Académica não são essencialmente desportivos, mas outros, quer próprios da solidariedade académica, quer culturais. Movendo-se num raio de acção mais restrito do que os clubes, em circunstâncias especiais, chega a ser admirável como a Académica se consegue impor no foot-ball português, e ir à final dum torneio tão importante como este por direito de conquista, revelando conhecimentos de técnica e de tática de jogo».

Há 30 anos

FOI um jogo espectacular. Recordemos as equipas: ACADÉMICA — Tibério Antunes; José Maria Antunes e César Machado; Portugal, Faustino e Octaviano; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, Conceição e Pimenta.

BENFICA — Martins; Correia e Gustavo; Gaspar Pinto, Albino e Francisco Ferreira; Barbosa, Rogério, Espírito Santo, Brito e Valadas.

Arbitrou o sr. António Palhinhas, de Setúbal, auxiliado por Carlos Canuto e Vital de Sousa.

«Antes de alinharem», dizia o relato do «Diário de Lisboa», «as equipas trocaram objectos de arte, e quatro raparigas desportistas do Belenenses ofereceram ramos de flores aos capitães. A ovação foi retumbante e simpática».

Logo aos 8 minutos o Benfica adiantava-se no marcador com um golo de Rogério, e só depois de muita peripécia, após excelentes defesas de Tibério e Martins e algumas perdas clamorosas dos avançados, a Académica em-

patou. Iam decorridos 37 minutos: remate de Pimenta «deixa» de Martins e toque oportuno de Manuel da Costa para as redes.

A segunda parte começou praticamente com dois golos: 2-1 para

o seu ar de escândalo, para 4-2! Dois tentos de Arnaldo Carneiro, o avançado-centro do lenço atado na testa, e estupefacção entre os lisboetas.

Dai até final, com 37 minutos jogáveis, o Ben-

na prosa dum redactor desportivo da época, esse ataque benfiquista foi «menos cerrado do que se poderia supor na agonia de um desafio de classe».

Trinta anos depois os mesmos adversários



a Académica aos 40 segundos (Alberto Gomes), 2-2 menos de um minuto depois (Rogério). Não se conformaram os estudantes, que aos oito minutos tinham já passado o marcador, com

fica tentou tudo por tudo. Ainda reduziu a desvantagem (4-3 aos 27 minutos, por Brito a aproveitar um passe da direita), mas a Académica não se perturbou. Aliás, segundo lemos

vão discutir a posse do mesmo troféu por doze meses. Muita coisa pode acontecer neste sensacional fecho de época, inclusive a terrível surpresa de não haver surpresa nenhuma.

RAWES

Férias maravilhosas a baixo preço

Excursões com partidas de Lisboa ou Faro em 1969

1 LONDRES 7 dias de Lisboa — desde 3 850\$00 de Faro — desde 4 100\$00	6 SUÍÇA 8 dias de Lisboa — desde 7 900\$00 de Faro — desde 8 050\$00	11 OS Balcãs E ISTAMBUL 21 dias de Lisboa — desde 12 800\$00 de Faro — desde 12 900\$00
2 INGLATERRA E ESCÓCIA 7 dias de Lisboa — desde 4 800\$00 de Faro — desde 5 100\$00	7 TIROL E BAVIERA 8 dias de Lisboa — desde 7 850\$00 de Faro — desde 8 000\$00	12 PROGRAMA JUVENTUDE INGLATERRA - 69 (Viagens Colectivas) 7 dias de Lisboa — desde 4 950\$00 de Faro — desde 5 200\$00 Incluindo pensão completa, quartos com chuveiros e excursões diversas, etc.
3 APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA Cursos desde 14 dias de Lisboa — desde 5 920\$00 de Faro — desde 6 160\$00	8 ALEMANHA ROMÂNTICA 8 dias de Lisboa — desde 6 250\$00 de Faro — desde 6 400\$00	13 CIDADES DA EUROPA Por exemplo: 7 dias em Roma de Lisboa — desde 5 120\$00 de Faro — desde 5 260\$00 ou: 7 dias em Paris de Lisboa — desde 4 390\$00 de Faro — desde 4 510\$00
4 ITALIA CENTRAL 10 dias de Lisboa — desde 7 200\$00 de Faro — desde 7 320\$00	9 RUSSIA E PAÍSES DE LESTE 24 dias de Lisboa — desde 14 500\$00 de Faro — desde 14 600\$00	
5 ITALIA 17 dias de Lisboa — desde 10 200\$00 de Faro — desde 10 320\$00	10 ESCANDINÁVIA 17 dias de Lisboa — desde 12 600\$00 de Faro — desde 12 700\$00	

Escreva para:

JAMES RAWES & CO. LTD.

Rua Bernardino Costa, 47
Lisboa • Tel. 37 02 31

OU

Rua Conselheiro Bivar, 72
Faro • Algarve • Tel. 23195/6

É favor enviarem-me o(s) vosso(s) folheto(s) abaixo indicados

1234567

8910111213

A preencher em maiúsculas

NOME.....

MORADA.....

.....TEL.....

CLOSE U GEORGE PEPPARD EM

por Oliveira Pinto

No cinema-indústria há muitas maneiras de um actor doirar o caminho do êxito. Uma delas, por exemplo, é ser procurado, pretendendo Outra é ter percentagem no rendimento das películas Outra ainda é ser apontado como imagem do «tipo» em voga. Neste caso, do «tipo» George Peppard, pois é dele que se fala agora: Peppard é o protagonista de «Pêndulo», película da «Columbia», que corre com êxito prosseguindo a série de filmes norte-americanos, centrados na figura do polícia-investigador indígena, que nos chega a ritmo constante. Hoje (e desde há anos) Peppard, é um dos mais aplaudidos jovens intérpretes do cinema de Hollywood. Não demorou, aliás, muito tempo até atingir a «estratosfera cinematográfica» que é como quem diz aquilo que vulgarmente é conhecido por firmamento de Hollywood.

A sua notável criação em «Home from the hill»,

George Peppard esteve contratado, em exclusivo, em 1966-67. Preferindo, sem dúvida, uma situação de independência, sem amarras estatuto de exclusivo foi firmando uma posição: co-protagonista em «Tóbruk», com Rock Hudson, «P. J.» com Raymond Burr (Perry Mason e Irosinde na TV); «Rough Night at Jericho» com Dean Martin e Jeanne Simmons, «What's so bad about feeling good» com Mary Tyler Moore, e «House of Cards», com Inger Stevens e Orson Welles.

E outros filmes, muitos outros se seguiram. Conhecendo-o, há quatro anos, em San Sebastian, no Festival de Cinema que ali se efectua, onde (com Elizabeth Ashley, então já sua companheira inseparável, numa «lua-de-mel» antecipada que os levaria ao casamento um ano depois), ele compareceu a propósito da apresentação ali do filme «Operation Crossbow» («Operação V-2») do qual

perar. As «fans» impressionam-se muito e sonham então, sabendo-o inclinado à melancolia agora, irreverente, com inesperado e extravagante sentido do humor mas sempre cordial, embora extremamente impulsivo, logo a seguir...

Peppard não desmente: — Gosto de viver mais ou menos assim. A minha maneira. De repente, pego nas armas e nos cartuchos e vou-me embora, à caça, até ao México, Utah ou Imperial Valley, na Califórnia. Passados uns dias, às vezes longos, regresso. Outras vezes, quando me apetece um prato especial (um bife especialíssimo...), meto-me no carro (era então um deslumbrante Aston-Martin) e faço uns 1600 quilómetros até Williams, no Arizona: Vou à Rod's Steak House, que tem o tal bife especialíssimo. Além do mais, gosto de viajar sozinho. Dá-me tempo, oportunidade de pensar.

(«Boneca de Luxo»). — Ainda se recorda de

morreu em 1951, a mãe em 1964.

Quando rapazinho, George Peppard estudou piano, mas cedo se desinteressou: foi quando descobriu as alegrias do futebol. Mas tarde jogou em representação da sua escola (a «Dearborn High School», no Michigan). Durante 18 meses serviu na Marinha e tornou-se sargento e um bom artilheiro.

Ao voltar à terra, matriculou-se na «Purdue University». A meta era o curso de Engenharia, mas houve um ligeiro desvio: descobriu o teatro, escreveu «Sketches» e pisou «as tábuas» na «Purdue Playshop».

Levantou-se, pois, o problema: engenheiro ou actor?

O Teatro venceu, e Peppard ingressou no Carnegie Institute of Technology, onde se manteve durante quatro anos. No final era bacharel em Belas-Artes. Entretanto, falecido o pai, estivera um ano afastado da escola.

— Tive de me encarregar dos trabalhos da empresa. Preparei-me, obtive a licença necessária, e levei a cabo 15 projectos, todos em construção. A morte de meu pai. Tive que fazer pela vida, enfim.

A VANTAGEM DE SEGUIR O «Method»

Ainda no Instituto, trabalhou na rádio, como «dis-jockey», e numa estação de serviço. Como necessitava de dinheiro foi, também, mestre de esgrima, florete e sabre.

Estava ainda no Carnegie Institute, quando se lançou no Teatro Clássico

rio, onde Lee Strasberg tem produzido muitos e brilhantes jovens actores, alunos do famoso «Method», e que sempre acaba por dar colocação assegurada.

A propósito da sua passagem pelo «Actor's Studio» diz George Peppard: — Todos os bons actores são actores do «Method». Mas a Inversa já não é verdadeira.

CINEMA EUROPEU:

UM RISCO ALICIANTE Foi pagador do First National City Bank, conduziu táxis e trabalhou como mecânico numa oficina de motocicletas para garantir a subsistência durante aquele período.

O seu primeiro filme, após longo e desesperado período sem trabalho, em Nova York, («Jocko de Paris») que lhe possibilitou três meses na Flórida. Começou então, a ter pequenos papéis em filmes da TV. A pouco e pouco, tais intervenções foram ganhando outra dimensão: na série «Hallmark Hall of Fame's» interveio em «Little Moon of Alban», com Julie Harris, que arrecadou a maior parte dos prémios de TV; «The Eye of Truth», «Suspicion», «The U. S. Steel Hour», «Alfred Hitchcock Presents», três programas de «Matinée Theatre», «Alcoa-Goodyear Playhouse» e «Studio One».

Entretanto, foi conhecendo, na Broadway, produtores que formavam novas caras, novos talentos. Apareceu assim em «Girls or Summer», deu um salto a Hollywood para aparecer em «Pork Chop Hill» com Gregory Peck e voltou à Broadway para interpretar «The pleasure of his company».

Prossseguiu, então, em «crescendo», no cinema:

«Home from the hill», com Robert Mitchum; «The subterraneans», com Leslie Caron; «Breakfast at Tiffany's», com Audrey Hepburn; «How the West was won», «The Victors» («Os Vitoriosos»), «The Carpetbaggers» («Os Crossbow», «The Third day» («O terceiro dia»), «The blue Max» («Ambição de glória»), «Tobruk», «Crough night at Jericho», «Criss-cross», «What's so bad about feeling good», «House of cards» e, agora, «Pêndulo».

— Pôs, então, de parte, o teatro?

— Não. Ou melhor, espero que não, pois quero intercalar aparições no palco entre a actividade nos estúdios. Gosto imenso do teatro (foi por aí que comecei) e de forma alguma penso abandoná-lo em definitivo. É claro que o cinema quase me absorve, mas espero conseguir algumas pausas para voltar «às tábuas». Por outro lado, não posso esquecer que foi o cinema, com o seu enorme poder de penetração que me projectou para milhões de pessoas com as vantagens consequentes. Do outro lado, o teatro oferece outro tipo de satisfações. Compensação-nos doutra maneira...

— As suas actuações no cinema inserem-se, predominantemente, em filmes de certa espectacularidade. E interpreta-os bem. Mas não gostaria de fazer outro género de cinema (inclusive na Europa). Menos espectacular?

— Sem dúvida. Mas sabe como é... A máquina não pára, a engrenagem é um sorvedouro. É difícil fugir-lhe. No entanto, sempre tenho alguns filmes que se afastam desse primado espectacular, como deve ter notado. E espero fazer mais.



George Peppard com a mulher (antes do divórcio) e Oliveira Pinto (de «A Mosca»)

na figura de um dos filhos de Robert Mitchum, firmou-o como «cometa», dando que, além do mais, conquistou o aplauso da crítica. Consequentemente, pouco depois, logo surgiu como «astro» em «The Carpetbaggers» («Os insaciáveis»), no papel do implacável Jonas Cord, «big» industrial ao estilo «U. S. A.». Este filme, além dos 25 milhões de dólares que atingiu, teve ainda a particularidade de fazer de uma das suas intérpretes, a segunda sr.^a Peppard: a actriz da Broadway Elisabeth Ashley.

E assegurou-lhe, também, melhor posição em «How the west was won», («A conquista do Oeste»), película em que Peppard tinha o papel mais importante.

Não obstante gostar de ser um actor «freelance»,

era uma das principais figuras.

Nessa película, contracenou com Sofia Loren:

— É uma actriz excepcional e excelente companheira. Convenceu-me, não há dúvida.

— Como Carlo Ponti foi o produtor do filme...

Uma gargalhada franca foi a resposta:

— Não. Acredite que se ela não fosse a sr.^a Ponti, a minha opinião se mantinha.

ENTRE A ENGENHARIA E O THEATRO O PALCO VENCEU

As biografias espalhadas por todo o lado apontam George Peppard como estranho, misterioso, por vezes, mesmo para aqueles que o conhecem de perto e nunca sabem o que es-

«Breakfast at Tiffanys»?)

— Viu o filme?

— Sim e diverti-me bastante!

— Também eu!

Alto e loiro, antigo jogador de futebol (futebol «On de Sam Style») mestre de esgrima, condutor de táxis e estudante de engenharia, O «astro» nasceu em 1 de Outubro de 1928. Em Detroit. O pai, George Peppard Junior era construtor civil. A mãe, contralto que, brilhou em companhias de ópera antes do casamento, foi conhecida profissionalmente como Vernelle Rohrer. Depois, deixou o palco e passou a dirigir o Departamento Vocal do Conservatório de Música daquela cidade. Pertenceu, também, à Faculdade de Música da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. O pai

Descobriu entusiasmado, a tragédia e representou Shakespeare, Tragédia Grega, etc. Em dois espectáculos de «Pittsburg Playhouse» foi o protagonista de «The Crucible».

Depois, durante duas épocas, manteve-se no «Oregon Shakespearean Festival», em Ashland, até que partiu à Conquista de Nova York. Chegou arrastado e tão pobretanas que toda a sua riqueza cabia numa mísera caixa de papelão.

Mas estava tão seguro de triunfo rápido, imediato na Broadway, que mal chegou mandou colocar em casa um telefone cujo número não tinha na lista: nunca ninguém lhe telefonou, mas o número manteve-se sem aparecer na lista.

Ingressou no «Actor's Studio», autêntico laboratório

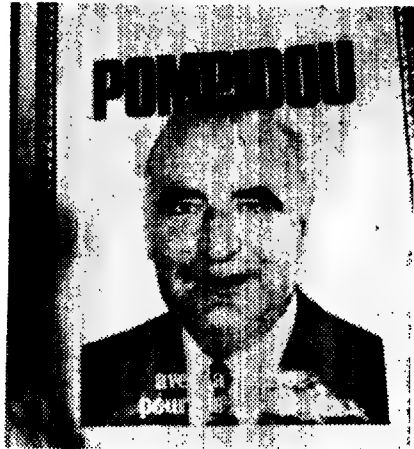
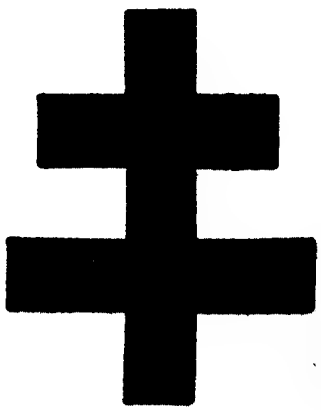
FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC

AINDA NÃO!

Talvez um dia a FRIMATIO faça um frigorífico com um compartimento para você passar o verão, mas por enquanto, não. Entretanto aproveite a técnica FRIMATIO para conservar a saúde e o bem estar dos seus, utilizando-o para fins domésticos.

REPRESENTANTES:
 REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
 av. almirante reis, 94c tel. 561116/78 Ilhém
 rua gonçalo cristóvão, 120-porto

FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC



em 5 PONTOS

Trinta vírgula noventa e quatro por cento de abstenções: quatro vírgula cinco por cento de votos nulos ou em branco: alguns franceses elegeram um novo presidente para a República fundada em 1793. Georges Pompidou, colocado na reserva da República em Junho de 68 é o novo chefe da França. Em Janeiro deste ano declarou que, se de Gaulle se retirasse, estava disposto a assumir as responsabilidades desse facto decorrentes. A partir de então entre general e o caos havia Pompidou.

Pompidou, Georges, ex-banqueiro, director-geral dos Bancos Rotschild após 1954, professor universitário em Marselha e Paris, licenciado pela Escola Normal Superior, a forja dos quadros intelectuais políticos da França do século XX.

Em plena guerra, o território francês era a Grande Alemanha de Adolf Hitler e o general de Gaulle organizava em França a sua resistência — aristocrática, populista, intelectualista. Pompidou respondeu ao «apelo» do chefe e aderiu a um «réseau» degaullista do interior. Em boa hora.

Pompidou, Georges, um letrado, organizador de uma das mais conhecidas antologias da poesia francesa, latinista e humanista de repercussão internacional.

Nos princípios deste ano, reuniu-se em Aix-en-Provence um congresso de cultores e divulgadores do latim. O futuro chefe do Estado apresentou um comunicado sobre a oportunidade da difusão da língua latina na França, na Europa e no Ocidente. «Magister dixit».

Pompidou, Georges, o delírio. Um «homme de raison» e um «homme de plaisir» como todos os sucessores que atingem a maturidade à espera da sucessão.

Pompidou, Georges, o ex-primeiro-ministro. «Chargé de mission» no gabinete do primeiro conselheiro do general de Gaulle (1944-1946), «maitre des requêtes» do Conselho de Estado em 1946, de novo director de gabinete do general após o regresso ao Poder em 1958-59, membro do Conselho de Estado desde Fevereiro de 1959, foi chamado a substituir Michel Debré na chefia do Governo em 1962.

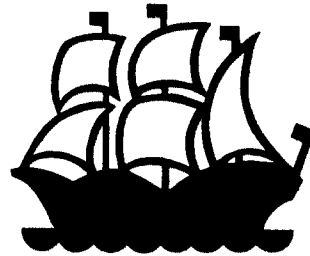
Um «fait-divers»: Sirius, no «Monde» e Daniel Guérin numa carta enviada ao «Nouvel Observateur», recordaram o papel desempenhado por Georges Pompidou, então primeiro-ministro no «affaire Ben Barka». Em 19 de Janeiro de 66 o general-presidente retirou ao chefe do Governo, o «contrôle» da contra-espionagem; o papel S. D. E. C. E. no caso fora prenhe de equívocos...

Pompidou, Georges, o chefe. «Eu não serei evidentemente o general de Gaulle...» declarou o novo presidente. O seu «slogan» — «Continuidade na Abertura» — é um apelo à defesa do essencial recusando o acessório e acima de tudo o incómodo.

Mas a capa do «Nouvel Observateur» interroga: «Os franceses, que recusaram três anos a de Gaulle, vão conceder sete anos a Pompidou?»

AMADEU LOPES SABINO

«À la recherche du temps perdu»



ÚLTIMO documento que apresentámos do processo recentemente descoberto de Vasco da Gama, foi o que julgamos ser um despacho do Ministro das Descobertas da época ou, pelo menos, do chefe da 27.ª Secção da 9.ª Repartição do 5.º Departamento da 7.ª Direcção-Geral desse Ministério. (Estes documentos foram encontrados no sótão duma senhora viúva muito respeitada em Santarém, cidade de que é natural e onde reside desde que nasceu — vide «A MOSCA» n.º 10, de 14 de Junho de 1969). Infelizmente temos, hoje, de abrir como que um parêntese na nossa exposição: os documentos que hoje damos a conhecer ao público não se referem à descoberta, propriamente dita, do caminho marítimo para a Índia, embora com ela estejam relacionados senão directamente, pelo menos indirectamente, já que contribuíram para que Vasco da Gama tivesse, à viva força, procurado fugir do seu torrão natal por todo os meios ao seu alcance. O facto destes documentos se encontrarem integrados no processo da descoberta propriamente dita, revela até que ponto os eventos a que se referem influenciaram Vasco da Gama e lançam uma luz cuja importância não podemos minimizar sobre a vida da época, sobre as dificuldades com que lutavam os portugueses quinhentistas na sua luta pelo dia-a-dia e sobre o grau de perfeição já então atingido pelos serviços públicos.

O primeiro documento é uma exposição assinada pelo próprio punho de Vasco da Gama: Ex.ª Sr. Chefe da 27.ª Secção da 9.ª Repartição do 5.º Departamento da 7.ª Direcção-Geral do Ministério das Descobertas — Excelência: O facto do requerente figurar nos despachos desse Ministério primeiro como Carlos da Gama, e, depois, como Pedro Alvares da Gama; deu origem a que o mesmo requerente começasse a duvidar da sua própria identidade até por V. Ex.ª afirmar que «não estava habituado a cometer erros» e levou-o a pedir uma certidão de nascimento a D. Libório Fúlhas, notário com cartório na Travessa dos Lavandeiros da real vila de Sines. Por essa certidão verifica o requerente que o erro de se julgar Vasco da Gama deve ser imputado a seus pais que, certamente por engano, o baptisaram com esse nome e que ele, requerente, não deve ser

culpado de o ter cometido. Foram, na realidade, os pais e não ele que lhe puseram o nome de Vasco da Gama e não seu legítimo nome que é, como V. Ex.ª muito bem diz, o de Carlos Pedro Alvares da Gama Pede, todavia, o requerente, que este erro seja perdoado a seus pais, pessoas muito estimadas na vila muito bem vistas pelo prior e, sobretudo, muito devotas de N.ª Sr.ª da Conceição e muito respeitadoras de todas as autoridades, sejam elas dos organismos nacionais, das autarquias locais ou das outras instituições que mereçam respeito, como as militares, as eclesiásticas e as de caridade. No referido despacho diz ainda V. Ex.ª que o requerente é cozinheiro de bordo, o que muito o alegra por não ter tido, até agora, conhecimento desse facto. Para melhor cumprir a vontade de V. Ex.ª porém, o requerente inscreveu-se num curso intensivo de cozinha de bordo, à Travessa das Marafonas, onde já aprendeu a salgar carne em barris de vários tamanhos e a confeccionar «Barrigas de Freira», doce muito estimado que dizem ser bom para as dores interiores do baixo ventre. A fim de legalizar a sua situação como cozinheiro de bordo requereu, ainda, o requerente, inscrição no respectivo organismo sindical e em certa esperança de vir a ser aceite, assim que entregar os documentos que lhe foram exigidos para esse efeito e que são: a) Dois exemplares do modelo B, n.º 742, que se vende ali ao Rato, na loja do Fernandes-Louranço; b) Uma certidão comprovativa de que não é portador de doenças, doenças pecaminosas ou outras inualmente infecciosas c) Sete certidões comprovativas de fidelidade ao Reyno e a Suas Magestades d) Quatro modelos n.º 9, da alínea 6 do § 3 do Real Decreto de 1 de Abril de 1149 e) Uma certidão comprovativa de que a sua viúva não voltou a casar depois da sua morte e uma certidão comprovativa de que não deve nada à Fazenda Nacional. O último documento é fácil de obter porque o requerente não tem bens — gastou os que tinha em selos da dita Fazenda Nacional para matricular um sobrinho no Real Lyceu de Santarém onde mora uma sua cunhada viúva — mas o penúltimo é difícil — mas não impossível — de obter, por o requerente se encontrar presentemente vivo e de saúde e de não ser casado. A fim de satisfazer a vontade das Auto-

ridades, porém, o requerente já pediu em casamento uma moça virtuosa com experiência de partos e espera obter através dela o número suficiente de filhos para justificar o pedido de subsidio que V. Ex.ª diz que ele fez e ainda o benefício de inspirar nessa moça um amor grande e sólido para ela não voltar a casar depois da sua morte e assim poder passar o documento que ora lhe pedem julgando com este seu procedimento ter provado a sua boa vontade e o seu grande amor às instituições passadas, vigentes e futuras, o requerente volta a pedir a V. Ex.ª que lhe seja concedida autorização para descobrir o caminho marítimo para a Índia Lisboa, 2 de Maio de 1482 Carlos Pedro Alvares da Gama».

DOCUMENTO que se segue cronologicamente, a este, revela que as autoridades viram com bons olhos a atitude de Vasco da Gama (não se lhe dá seu nome novo para que os editores de «A MOSCA» não percam o fio à meada) Trata-se dum despacho assinado por D. Timóteo Potes de Barro, autoridade da época em matéria de caminhos marítimos e chefe da Secção Reguladora do Tráfego Marítimo para a Outra Banda (S. R. T. M. O. B.): Notifique-se o sr. Diogo Cão da Gama de que S. Magestade viu a sua pretensão com agrado e que entrou a mesma à 2.ª Secção da Comissão Reguladora do Tráfego de Descobridores na Foz do Tejo (C. R. T. D. F. T. — Secção de saída de Caravelas e outras Naves movidas pela graça do Senhor e pelo Vento da Costa) A fim de apressar a solução do assunto deverá o requerente apresentar-se nessa secção no dia 14 de Setembro do próximo ano, pelo bater das Trindades, fazendo-se acompanhar de documento comprovativo de que depositou nos cofres da Fazenda Nacional ou de que dispõe de quem o faça por si, quantia suficiente para garantir que poderá regressar da viagem que se propõe efectuar pelos seus próprios meios, sem onerar a Fazenda Nacional. Deverá ainda trazer consigo documento passado pelo Governador Militar da sua região, comprovando que foi recrutado. D. Timóteo Potes de Barro. Lisboa, 22 de Junho de 1483.

As coisas, como se vê, estavam bem encaminhadas nos meados de 1483.

AQUELA casa foi sempre deste homem. Aquela casa, ali na Rua da Verónica, 54. Um rés-do-chão: uma porta, duas janelas. Ali nasceu, ali vive, ali talvez venha a morrer. Arnaldo Ferrelra, 45 anos, pintor da noite de Lisboa. Cavalete armado na sala de jantar, a escasso metro da mesa, os cotovelos a tocar nos vidros do aparador. E a lâmpada, silenciosa no tecto, a espiar a luta de um homem contra a solidão. Porque Arnaldo Ferrelra é um homem só, de rosto tenso, de mãos vivas: não se dá com as pessoas e sim com os volumes de uma cidade antiga que vai desaparecendo. Tão abandonado que a visita do jornalista o perturba: unicamente no fim da entrevista é que foi capaz de se sentar. Sempre de um lado para o outro, como que acochado por aquela pequena casa. Onde, afinal, nasceu. Onde, afinal, vive. Onde, afinal, talvez venha a morrer.

— Eu pinto a noite porque a noite é mais fácil de observar do que o dia. Aliás, eu não gosto de captar a luz solar. Tenho certa predilecção pelas calçadas húmidas, pelas pedras sombrias, pelo esbatido das vielas. A noite não me incomoda: saio, passeio, observo. Não sou observado — e domino as cores das horas do sono. Um nevoeiro que vem do rio, um anúncio que acende e apaga. Também uma janela que morre, subitamente, que esteve e não está. São mudanças que não observo durante o dia. Pintor da noite — assim me designaram. Certamente: sou o pintor da *minha* noite, da minha noite de Lisboa. Pinto o que devo pintar. O que sinto. O que me atrai nos bairros antigos, escondidos. O segredo dos volumes adormecidos. Já me atiraram com o dia à cara, já. «Por que não pintas a cidade banhada de sol?» — perguntam-me este e mais aquele. Eu não dou resposta: só a noite tem cor para mim. Tem as minhas cores. Ela e eu, — unidos para sempre.

● **As pessoas não são o que são**

— Por que não pinta pessoas?
— Não pinto pessoas porque as pessoas não são o que são. São figuras...

Figuras que passam: delas só fica o que tenham feito de bom ou de mau. Pelo contrário, uma casa, um muro, uma varanda permanecem sem nada terem feito. Estão ali, à esquina, durante anos e anos. Isso é

soas, não. A ausência de pessoas nos meus quadros deve-se pura e simplesmente a uma atitude estética. Estão a mais nos espaços que eu amo: eliminando-as sem rancor. Quero a cidade nua, nos céus da

guém me perturbe, ninguém. Eu é que sou o homem que vê pela primeira

pessoa?

— No meu caso, sim. Tenho um temperamento muito especial. Vivo comigo. Disperso-me comigo. Talvez não tenha só um rosto: talvez tenha duas maneiras de ser. Esta, que o recebe; outra, que o es-corraçaria. Ora, um homem assim não pode comungar com outra pessoa. Fica só: o artista é sempre um homem só. Só em tudo. Absolutamente só diante do espelho para fazer a obra...

— Diante do espelho, disse. Nunca fez o seu auto-retrato?

— Ah, nunca! Sou incapaz de me retratar. Se a minha cara, diante do espelho, se transformasse numa janela típica, num beco, numa escadinha, então, sim, então talvez fizesse o meu retrato. Mas o meu rosto é o meu rosto, rosto de pessoa, e as pessoas, já lhe disse, não me interessam. Impossível, portanto, auto-retratar-me.

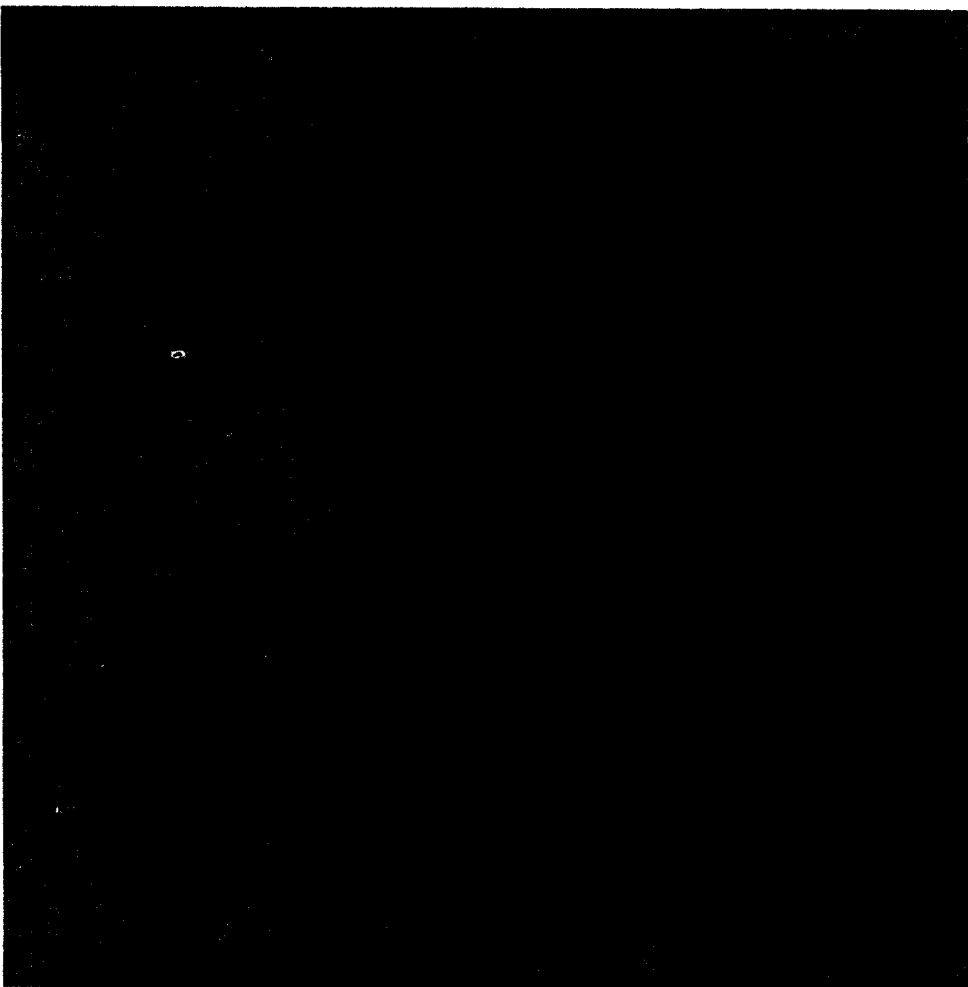
● **Um homem só**

— Que penso do abstracionismo? Toneladas de tinta gastas sem qualquer proveito. Ai, porém, não me to a colher. Querem ser abstractos? Pois que o sejam.

Mas, por favor, permitam que eu o não seja! Gosto de pintar aquilo que vejo. Deturpar, confundir, não. Ultrapassado? Mas se eu pinto principalmente para mim! É como quem faz palavras cruzadas: há outros passatempos mais modernos...

— Tem clientes, não tem?

— Teni
Baptista
prado
Paulo Cu
tras pess
Evidenter
teressa
viver. Po
disse, pi
só para r
e trago p
da cidade
anos cor
o que vi
nos pinc
pintar. S
isso só a



que me cativa. O resto é confusão, pernas que se cruzam, braços que se tocam. Não odeio as pes-

noite, sem insectos, sem palavras. Como se eu a descobrisse de todas as vezes que saio. Que nin-

vez. O homem que se ex-tasia antes dos outros.
— Impossível o êxtase em comunhão com outra



«Aprecio o silêncio dos tempos. O silêncio em que, muvezes, me



o h das

AQUELA casa foi sempre deste homem. Aquela casa, ali na Rua da Verónica, 54. Um res-do-chão: uma porta, duas janelas. Ali nasceu, ali vive, ali talvez venha a morrer. Arnaldo Ferreira, 45 anos, pintor da noite de Lisboa. Cavalete armado na sala de jantar, a escasso metro da mesa, os cotovelos a tocar nos vidros do aparador. E a lampada, silenciosa no tecto, a espiar a luta de um homem contra a solidão. Porque Arnaldo Ferreira é um homem só, de rosto tenso, de mãos vivas: não se dá com as pessoas e sim com os volumes de uma cidade antiga que vai desaparecendo. Tão abandonado que a visita do jornalista o perturba: unicamente no fim da entrevista e que foi capaz de se sentar. Sempre de um lado para o outro, como que acossado por aquela pequena casa. Onde, afinal, nasceu. Onde, afinal, vive. Onde, afinal, talvez venha a morrer.

— Eu pinto a noite por-
que a noite é mais fácil de
observar do que o dia.
Aliás, eu não gosto de cap-
tar a luz solar. Tenho certa
predilecção pelas calçadas
húmidas, pelas pedras som-
brias pelo esbatido das
velas. A noite não me in-
comoda, não, passeio, ob-
servo. Não sou observado
— e domino as cores das
horas do sono. Um nevoeiro
que vem do rio, um
anúncio que acende e apa-
ga. Também uma janela
que morre subitamente,
que esteve e não está. São
mudanças que não observo
durante o dia. Pintor da
noite — assim me designa-
ram. Certamente sou o
pintor da minha noite, da
minha noite de Lisboa. Fin-
to o que deixo pintar. O
que sinto. O que me atin-
tos barcos antigos, esque-
cidos. O segredo dos volu-
mes adormecidos. Já me
ataram com o dia a noite.
— Por que não pintas a
cidade banhada ao sol? —
perguntam-me. Esta é mais
aquela. Eu não dou respos-
ta: só a noite tem cor para
mim. Tem as minhas cores.
Ela é — — — unidos para
sempre.

● As pessoas não são o que são

— Por que não pintas
pessoas?
— Não pinto pessoas
porque as pessoas não são
o que são. São figuras.

Figuras que passam, delas
só fica o que tenham feito
de bom ou de mal. Pelo
contrário, uma casa, um
muro, uma varanda perma-
necem sem nada terem fei-
to. Estão ali à esquerda, du-
rante anos e mais, isso é

solidão. A presença de
pessoas nos meus quadros
traz-me para a superfície
nente a uma atitude estê-
tica. Estão a mais nos es-
paços que eu amo, elimi-
no-as sem rancor. Quero a
cidade e não os seus da-

guém me perturbe, nin-
guém. Eu é que sou o ho-
mem que vê pela primeira

vez.

— No meu caso, sim.
Tenho um temperamento
muito especial. Vivo comi-
go. Disperso-me comigo.
Talvez não tenha só um
rosto, talvez tenha duas
maneiras de ser. Esta, que
o recebe; outra que o es-
corraçaria. Ora, um homem
assim não pode comungar
com outra pessoa. Fica só:
o artista é sempre um ho-
mem só. Só em tudo. Abso-
lutamente só diante do es-
pelho para fazer a obra.

— Diante do espelho.
Isso. Não fazes o seu por-
tato, não?

A verdade é que não
paz de me retratar. De a
minha casa, diante do es-
pelho, e transformo-a em
uma janela típica, num beco,
numas escadarias, então,
sim, então talvez fizesse o
meu retrato. Mas o meu
rosto é o meu rosto, rosto
de desolação, de abandono,
já lhe disse, não me que-
resem, não querem, portanto,
a minha vida.

● Um homem só

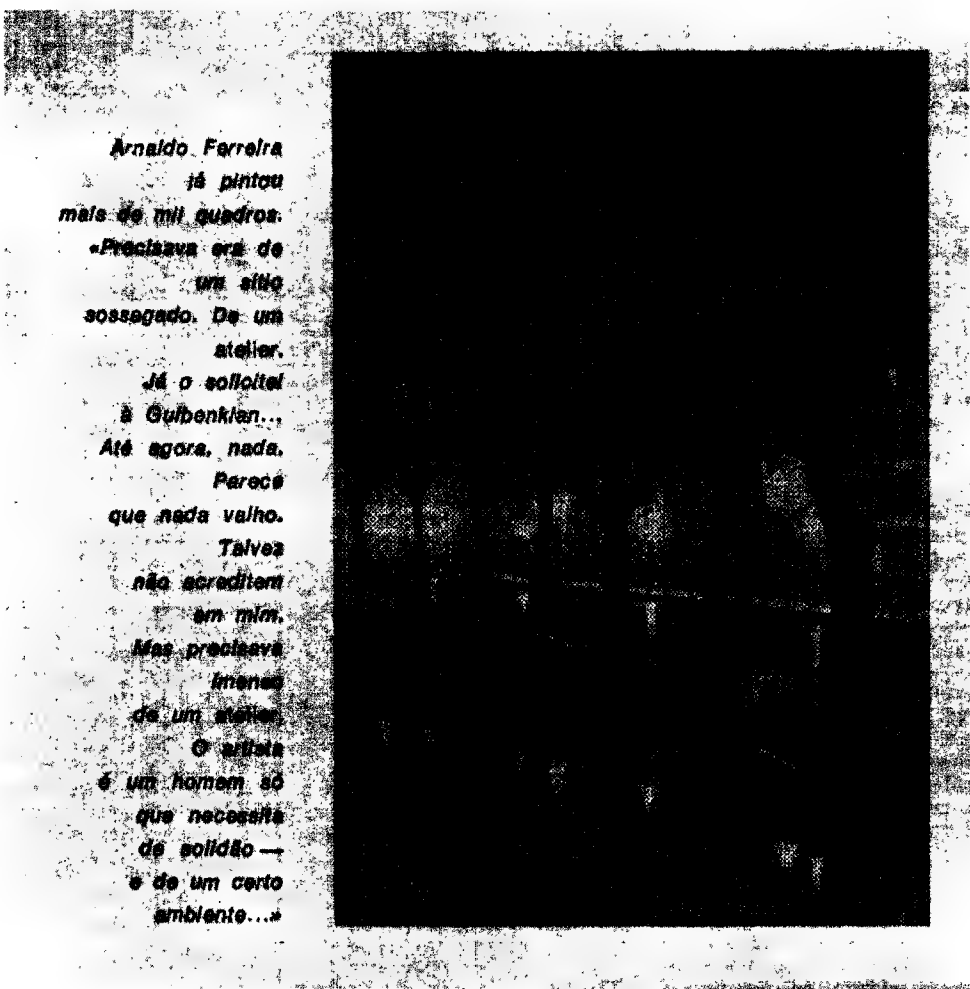
— Que penso do abstra-
ccionismo? Toneladas de ti-
ta gastas sem qualquer pro-
veito. Ai, porém, não meto
a colher. Querem ser abs-
tractos? Pois que o sejam.

— Ten-
Baptista
prado
Paulo Cu-
tras pess-

Ev denter
recessa
viver. Po-
disse, p-
só para r-
e trago p-
da cidade
anos cor-
o que vi-
nos pnc-
pintar. S-
isso só a



— Aprecia o silêncio dos temp-
O silêncio em que, muitas vezes, me



Arnaldo Ferreira
já pintou
mais de mil quadros.
«Precisava era de
um silê-
sossagado. De um
atelier.
Já o soltoei
à Gulbenkian...
Até agora, nada.
Parece
que nada valho.
Talvez
não acreditem
em mim.
Mas precisava
mesmo
de um atelier.
O artista
é um homem só
que necessita
de solidão —
e de um certo
ambiente...»

homem e sombras

texto de pedro alvim

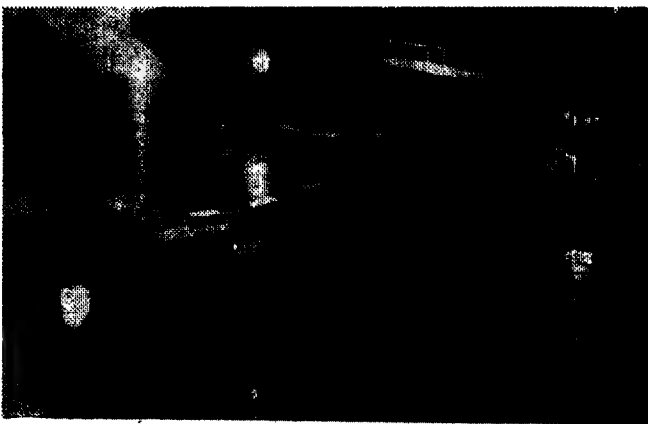
—Tenho. O Fulgêncio Baptista já me tem comprado quadros. O prof. Paulo Cunha também. E outras pessoas importantes...

Evidentemente que me interessa vender. Tenho de viver. Porém, e como já disse, pinto muitas vezes só para mim. Saio, vaguelo, e trago para casa recantos da cidade que há tantos anos conheço. Sonho com o que vi, pego nas tintas, nos pincéis — eis-me a pintar. Saia o que sala, isso só a mim diz respeito.

Acompanhar as correntes estéticas de uma época é a negação do artista. O artista é um homem só.

● Um dia, no rio...

— E o rio: o rio chama-o?
— O rio é um maravilhoso pano de fundo para a minha pintura. O rio atrai-me. Porque, embora corra, é sempre o mesmo rio. É como as casas, como as ruas, as vielas. Está ali, está sempre ali, permanece. Não é como as pessoas que estão e não estão...



«A noite, as luzes no rio, as escadinhas que vão dar ao rio...»

— E se as pessoas fossem estátuas...?

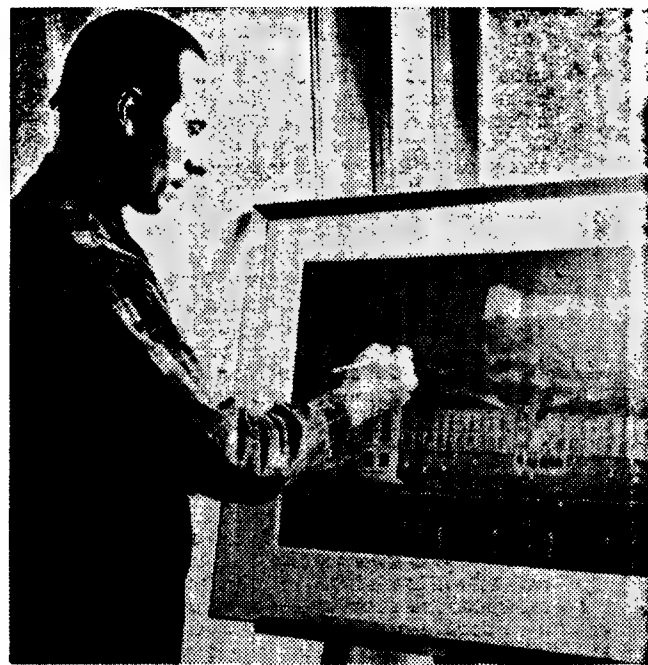
— Se as pessoas fossem estátuas eu pintava-as.

— As estátuas são frias. Nunca se apaixonou?

— Só lhe posso dizer que me sinto feliz entre certas pessoas. Quantas vezes não se ama uma pessoa a quem nunca se

dirigiu uma palavra? Num café, no átrio de um cinema, de um teatro. Assim como as tintas, o amor pode ser distribuído por muitas coisas e muitas pessoas. É um outro género de pintura, hábil e difícil, de cores mais quentes. Um nome feminino? Isso não interessa... Não me casei, não porque um artista leva sempre uma vida incerta. E basta de romance. Está bem?

Arnaldo Ferreira levantou-se.



«Pinto sobretudo para mim... Elimino as pessoas dos espaços que amo. Gosto dos volumes que permanecem. Da cidade que continua. Que está. Isso é que me cativa e me leva às tintas...»

tou-se. Levantou-se com um jogo vivíssimo de mãos. Havia muitos dias que não saía de casa. Dentro de uma, duas horas, abando-

naria a Rua da Verónica vestido como um «gentleman». Como a cidade o conhece: elegante, saído do presente para o passado, de rosto tenso, direito, alheio às pessoas, atraído pelo rio. Um dia...



«Gosto de vestir bem. De me apresentar a rigor. O Verão não conta para mim...»



«Gosto de vestir bem. De me apresentar a rigor. O Verão não conta para mim...»





A VAREJEIRA

IS povos crescem, desenvolvem-se, evoluem e à medida que as grandes massas vão tendo acesso a níveis económicos e culturais cada vez mais elevados, os povos vão atingindo uma maturidade de espírito que os leva a reverem-se em matéria de hábitos, de concepções de vida e de linguagem: o que era privilégio de uns poucos passa a património da colectividade e esta não se limita a ver o seu património aumentado quantitativamente — transforma-se qualitativamente. Uma colectividade que se tornou segura, rica, activa e progressiva, por outras palavras, não é uma colectividade pobre que adquiriu bens — é uma colectividade diferente do que era ou teria sido sem esses bens. Diferente, repetimos, diferente em tudo e os indivíduos que dela fazem parte têm comportamentos, hábitos e objectivos diferentes dos que teriam tido sem a segurança social que lhes provém da riqueza adquirida pela colectividade.

A língua, como não podia deixar de ser, é profundamente afectada pelo enriquecimento do colectivo e pelo dinamismo que esse enriquecimento imprime à colectividade: um povo que vive das hortas tem de recriar a sua língua ao trocar as hortas pela fábrica e tem de ir recriando à medida que vai tendo necessidade de enfrentar conceitos abstractos e de lidar com técnicas cada vez mais complexas. O cocheiro do sr. visconde tem de começar por aumentar o seu vocabulário para ser motorista do sr. engenheiro e tem de aumentá-lo ainda mais para ter carro próprio — o trato do cavalo, da mula e do gerico, mesmo quando emparelhados, requer um vocabulário muito reduzido, tão reduzido como o somatório dos conhecimentos necessários para que o homem subsista a nível de estrebaria. É para além deste nível, porém, que a vida começa e embora estejamos mais do que atrasados em matéria de educação, de conhecimentos técnicos e de consciencialização para enfrentarmos o presente — do futuro nem falamos — a verdade é que nós portugueses já nos distinguimos dos pais e dos avós que tivemos. Lisboa não é o que era há dez, há vinte, há trinta ou há cinquenta anos e tudo leva a crer que o resto do País venha a acompanhar, mais tarde ou mais cedo, esta evolução. Foi-se, como tipo, o rufia do Cais do Sodré, que tinha uma língua própria e uma pronúncia também própria repleta de casticismos de taberna e de estrebaria — foi-se com a mula e a carroça. A navalha deixou de ser um instrumento destinado a salvar honras em questões de carvoaria — quase desapareceu da vida da cidade, como desapareceram os fidalgos tauromáquicos, as leiteiras que vendiam o leite melhorado em bilhas de folha-de-flandres e os vendedores de figos — Quem quer figos, quem quer merendar... É que na sua grande maioria, os fidalgos têm de trabalhar, a população aprendeu a beber leite à hora da «merenda» as fábricas e os escritórios estão abertos. Com os fidalgos, as leiteiras de pé descalço e os vendedores de figos desapareceram outros tipos humanos, outras profissões e outros hábitos ainda vinculados a um panorama sócio-económico que já não nos interessa. O próprio tado, o tadinho choroso e mal cheiroso dos moços de estrebaria, dos arruaceiros e dos fidalgos que frequentavam o Bairro Alto e a Mouraria, que representa na vida do português de hoje? Sejamos sinceros: não representa nada, absolutamente nada — quase já não faz parte dos resíduos que nos ficaram do nosso passado agro-pecuário.

A própria língua mudou — foi-se o calão afadistado do tempo em que ao domingo se fazia não sabemos ao certo o quê em casa da Mariquinhas e a pronúncia ou o sotaque acastigado e populista do Xico do cachene já só não dá vontade de rir aos muito muito velhinhos e aos que a vida deixou para trás.

Perdeu-se alguma coisa? Nada, ao pé do muito que temos a ganhar. O que é lamentável, porém, é que ainda haja quem não entenda a natureza da luta em que andamos empenhados.

O que é lamentável é que ainda haja quem julgue que o povo continua a falar à maneira dos antigos carroceiros que frequentavam as tabernas do Cais do Sodré, do Bairro Alto e da Rua dos Correeiros.

O que é lamentável é que ainda haja quem fomenta o culto imbecil dos símbolos do subdesenvolvimento nacional.

AVAREJEIRA ouviu no domingo um programa radiotónico pretensamente popular, mas na verdade, pipilar em que os locutores falavam com o sotaque que os nossos avós atribuíam às camadas não privilegiadas de Lisboa.

Não saberão esses locutores por que é que os nossos avós se riam?

Não saberão esses locutores tão pipulares que ao tentarem conservar os mitos do nosso passado agro-pecuário estão a atentar contra o próprio povo que pretendem captar?

Não saberão esses locutores que a sua linguagem até já foi posta de parte pelas revistas do Parque Mayer, muito mais conscientes e realistas do que eles?

Não compreenderão esses locutores, que já começam a dar vontade de rir?

A VAREJEIRA não pretende atacar ninguém mas não pode ficar indiferente perante factos como este e por isso apela para todos os portugueses de boa vontade que tenham frequentado pelo menos a Instrução Primária e pedem-lhes que desliguem os seus receptores sempre que oíçam alguém atribuir ao povo sentimentos, expressões, ou formas de linguagem, que o reduzam à espécie equídea ou que o transformem em algo de ridículo e de já há muito ultrapassado.



desenho de FERREIRO

CAMILO JOSE CELA baile na praça

A corrida de touros acabou. Ainda não saíram as autoridades da varanda da Câmara e os rapazes mais novos, os que andam desemparelhados, ainda não acabaram de empapar em sangue a sola de corda das alpergatas. As alpergatas molhadas em sangue de touro duram uma eternidade; segundo se diz, quando ao sangue de touro se misturam umas gotas de sangue de toureiro as alpergatas ficam duras como o ferro e nunca mais se rompem.

Homens já maduros, casados e carregados de filhos, continuam a usar o par de alpergatas que encharcaram no sangue de «Chepa del Escorial», aquele novilheiro que um touro encarniçado matou, no Verão do ano da República, com quarenta e tantas cornadas sem voltar a cabeça.

Rapazes e raparigas, em dois grandes grupos separados que se confundem ligeiramente na periferia, olham-se com um olhar bovino, caloroso e estranho. A charanga rompe a tocar o «pasodoble» Suspiros de España», e as raparigas, como a um sinal combinado, põem-

-se a dançar umas com as outras. Dançam movendo o ombro a compasso e arrastando os pés. Sobre a praça começa a erguer-se uma densa nuvem de pó que rescende a churros, suor e pachuli. Alguns dos rapazes, mais atrevidos, desfazem os pares de raparigas; há um momento de incerteza, que dura pouco, enquanto não se sabe ao certo quem vai dançar e com quem. Os rapazes dançam de cigarro na boca e não falam; trazem um olhar perdido e o boné de pala na mão direita, apoiada nas costas da rapariga. Os forasteiros, que são sempre mais decididos, dizem qualquer coisa.

— A menina dança muito bem! A rapariga sorri.

— Não, deixo-me mas é levar...

O rapaz faz um esforço e volta ao ataque. Antes disso olhou a rapariga nos olhos, olhos que lhe fogem como duas lebres espantadas.

— Como é que a menina se chama?

— Não seja curioso...

O rapaz, embora receba sempre

(Continua na 13.ª página)



POPularucho



A TOQUE DE CAIXA

Muito se marcha em Lisboa no mês de Junho! Marcha-se principalmente a 45 rotações por minuto. Alice Amaro, Lenita Gentil, Ada de Castro, Maria da Fé, Verónica e outras conceituadas artistas da nossa praça, deram já a voz ao acetato com as inspiradas verdades de não menos conceituados poetas.

Lisboa, dos manjericos para o poeta sr. A. Vilar da Costa, vive este mês a toque de caixa. Cada bairro tem seu uso e sua marcha, e inspiração, vozes, talento, compasso e paciência são coisas que não faltam por aí.

E enquanto Santa Catarina passa, a Mouraria dá nas vistas ou Alcantara belta os navios, Lisboa marca passo.

«A Mosca» pousou em alguns dos poemas que a marchar se cantam este ano, para demonstrar a tese de que nas marchas populares de Lisboa há de tudo: história, literatura, arte, culinária, fair-play, anatomia, amor, devoção e o mais que adiante se verá. Com a devida vénia se transcrevem passagens de poemas de João Nobre, Vilar da Costa, Silva Nunes e Domingos Silva.

O FAIR-PLAY EM MARCHA

... Não há bairro como o de Carnide...
... na marcha mais linda que Lisboa tem (Mouraria)...
... na melhor marcha da nossa gente (Graça)...
... não há melhor marcha que a do Alto Pina...

A LITERATURA EM MARCHA

... ramalhetes de cantigas são os versos de Camões...

A HISTÓRIA EM MARCHA

... vem lembrar as naus de Goa...
... a fogueira que acenderam teus avós...
... a Julia Florista...
... Severas, fadistas...
... bairro da Rosa Maria...

A GEOGRAFIA EM MARCHA

... de S. Bento até às Trinas...

A ANATOMIA EM MARCHA

... perna roliça...
... boca escaldante...
... corpo de enguia...
... arrais no coração...
... mil corações...
... um coração vazio...

A ESTÉTICA EM MARCHA

... não há tão gira e tão bela...
... toda a beleza duma donzela...

O DESTINO EM MARCHA

... é S. Pedro quem destina o destino á Madragoa...
... é do mar que vem a sina que o destino da varina...
... nasceu para amar...

A ORDEM EM MARCHA

... o Bairro Alto sem reboliço...
... pensar idóneo...

A LIBERDADE POÉTICA EM MARCHA

... todo o mundo se levanta quando baila a Madragoa...
... Lisboa dá saltinhos...

patxi andió

«U sou dos que nunca esquecem que uma canção se constrói com palavras e música. Mas o que verdadeiramente tem uma função, são as palavras.»

Quem isto afirma tem vinte e um anos, chama-se Patxi Andion e acrescenta:

«No porquê duma canção, a música e as palavras equivalem-se; no para quê, o importante é o que se diz.»

Revelado em Portugal pelo Zip-Zip, Patxi chocou o público pela força e realismo das suas canções e pela dureza da sua voz.

«Há muita gente que estranha a minha voz. Reconheço que tenho uma voz dura e confesso que gostaria de ter uma linda voz de cantor de ópera. O que

acontece é que não faço nada para a distorcer. O que verdadeiramente me interessa é fazer ouvir as coisas que tenho para dizer.»

A ausência de qualidades vocais é uma característica da moderna música popular. Nisso Patxi Andion não foge a uma regra quase generalizada. Nisso e no trazer para a sua música a realidade popular do país em que nasceu.

«A música é uma importante forma de expressão e de comunicação. Em Espanha têm-se divulgado através da canção grandes poetas, as suas ideias e as realidades sociais do país». E diz mais: «Hoje em dia o disco está-se transformando numa forma de comunicação social extremamente importante. Segue de perto a imprensa, a rádio e a tele-



visão. Ora essa força deve ser aproveitada, e isso está a acontecer em Espanha como noutros países, para que a canção diga o que é importante que se diga e se saiba».

Patxi define cantando, a sua música:

«Canto a la tierra, canto al dolor
canto a los hombres que [curte el sol
canto a los sueños, canto al amor
canto a la madre que me [parió.
Canto a los hombres que se delinam y hablan sin temor

y van trocando unos susurros en clamor.
Canto a los otros que no les dejan que sean quienes son...»

E especifica:

«Quase todas as minhas canções falam de gente, de gente obscura que vive na sombra por não ser brilhante ou por não lhe ser dada a possibilidade de ser outra coisa. Esteban, La Jacinta, La vieja viuda del mar, não são personagens das minhas canções mas da vida. É preciso que a canção seja

(Continua na 15.ª página)

O AMOR EM MARCHA

... acerta o passo pelo bater do coração...
... mal de amor não há quem sofra se namora o pescador...
... o sim dum coração...
... a marcha do amor...

A CULINÁRIA EM MARCHA

... há sardinha assada...
... pão feito de trigo...

A ARTE EM MARCHA

... tela dos grandes pintores...

A ARQUITECTURA EM MARCHA

... vielas estreitinhas...
... janelas com tabuinhas...
... craveiros nas janelas...

A DISCRIMINAÇÃO EM MARCHA

... se é de Santa Catarina venha cá menina...

A DEVOÇÃO EM MARCHA

... o santinho que é o meu patrono ..

A RIMA EM MARCHA

idóneo / António
fé / até / pé
disse / tolice
molhos / olhos
questão / gingão / mão / devoção / oração
rebolço / castiço
saltinhos / cavalinhos.

quod erat demonstrandum.

BOLSA DO DISCO

— Cá, como em Inglaterra, Tommy Roe destronou os Beatles. Só que em Londres, «The ballad of John and Yoko», a obra post-Get Back, ocupa já o segundo lugar.

— Os Moodies foram por fim descobertos pelos compradores de discos. Ameaçam Roe com uma canção excepcional saída do álbum «On the threshold of a dream».

— Os 5th Dimension subiram sete pontos na cotação da bolsa com a canção dupla «Aquarius/Let the sunshine in», da peça Hair.

— Duas entradas directas: as «últimas» de Tom Jones e Fernando Tordo, que entretanto gravou um poema de Manuel da Fonseca. «Estradas» será mais alguma coisa do que uma tentativa honesta.

— Cotação efémera tiveram os Ohio Express: uma semana entre os «10 mais».

— Donovan continua a classificar-se, o que acontece desde a 1.ª Mosca. Na classificação do Billboard, «Atlantis» figura ainda em 15.º lugar.

— No que respeita às 33 r. p. m., pouco a assinalar. Apenas a permanência no 1.º posto de «Cantares do Andarilho» e a entrada da família Gibb com o álbum Odessa.

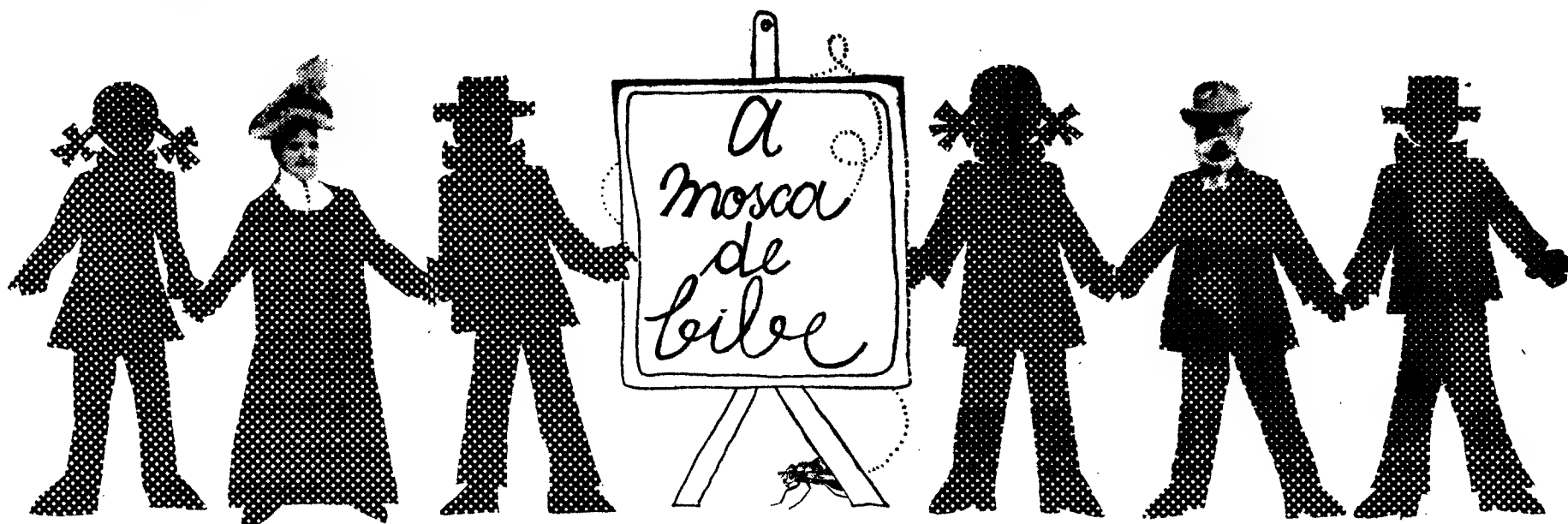
— A Mosca informou-se nos sítios do costume: Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

45 rpm

- 1.º (2.º) — Dizzy — Tommy Roe
- 2.º (6.º) — Never comes the day — Moody Blues
- 3.º (1.º) — Get Back — Beatles
- 4.º (11.º) — Aquarius — Fifth Dimension
- 5.º (3.º) — Goodbye — Mary Hopkin
- 6.º (4.º) — Atlantis — Donovan
- 7.º (8.º) — My Sentimental friend — Herman's Hermits
- 8.º (9.º) — Formiga Bossa Nova — Amália
- 9.º (—) — The windmills of your mind — Fernando Tordo
- 10.º (—) — Love me tonight — Tom Jones

33 rpm

- 1.º (1.º) — Cantares do Andarilho
- 2.º (2.º) — Funny Girl
- 3.º (—) — Odessa
- 4.º (3.º) — World Star Festival
- 5.º (4.º) — Goodbye



3.ª Redacção da Guidinha

O meu Pai

A D. Eugénia hoje mandou todas as meninas fazerem uma redacção chamada «O Meu Pai» e isso é bom para mim porque lá na aula só eu é que conheço o meu pai elas não porque mesmo a Maricocas quando foi lá a casa foi a uma hora em que não estava lá o meu pai ele chama-se José e é escravo mas o tio Carlos não é porque o tio Carlos tem semana inglesa e o meu pai não e é por isso que ele é escravo mas mesmo que o meu pai tivesse semana inglesa não a podia meter lá em casa porque não cabia nem mesmo debaixo da televisão onde antigamente havia lugar mas agora não há porque a minha mãe guarda lá o Pirocas que é um coelho que veio da terra e a Lelecas que é uma coelha que nos saiu numa rifa e que estão lá à espera que a gente os coma no Natal se não derem outra vez a gratificação ao meu pai lá no escritório a gratificação é uma perua que há lá e que o meu pai julgava que lhe iam dar no Natal e não deram e ele disse que por isso é que íamos comer peixe congelado em lugar dela gratificação que era a perua com que ele contava e isto é uma injustiça porque o meu pai está sempre a dizer que tem direito à gratificação mas que o milho é todo para os patrões que devem ser muito maus e nós temos de comer daquele peixe que vem aos quadrados e que deve ser muito difícil de pescar porque não tem boca para morder o anzol e por isso tem de ser pescado à rede que é mais cara mas o meu pai não é só escravo é também bruxo porque adivinha mesmo as coisas que não se vêem como quando morreu o primo Aurélio que era muito velho e não tinha dentes mas tinha bicos de papagaio que ele não mostrava a ninguém o que é pena porque se eu tivesse bicos de papagaio trocava-os na escola por retratos da Simone e do Ary e do que fez a música da Desfolhada e depois trocava os retratos por bolos de coco com a criada do quinto esquerdo que colecção retratos de artistas e de toureiros e tem um do Manuel dos Santos que tem o cabelo encaracolado e um do Almada Negreiros que se não toma cuidado fica sem cabelo que já tem pouco e vai o primo Aurélio veio a Lisboa tirar uma radiografia que é um retrato às tripas e às outras coisas que a gente tem lá dentro e veio cá para casa porque foi a primeira vez que veio a Lisboa e um dia ficou sozinho em casa comigo porque a minha mãe e o meu pai foram pagar não sei o quê não sei aonde e ele foi à casa de banho e eu puz um dos meus patins à porta e ele quando saiu pôs um pé em cima do patim e o patim foi a correr com ele em cima aos gritos e só parou no meio do corredor quando o primo Aurélio bateu com a cabeça na esquina e caiu no chão e ficou a falar baixo sozinho mas depois

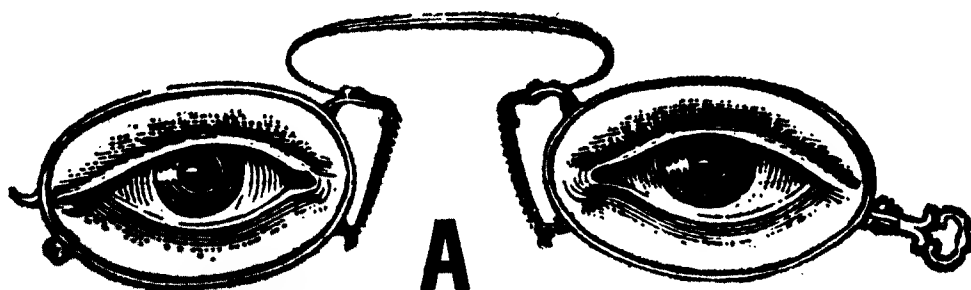
começou a babar-se todo que era muito porco o primo Aurélio e depois calou-se e não disse mais nada e eu fui a correr esconder o patim no fundo da arca onde a vovó guarda os chouriços que vêm da terra e que ela come à noite quando chega o fim do mês e a gente só come arroz disto e daquilo principalmente arroz de nada que é um que se faz num instante e é barato porque se o meu pai via o patim era capaz de mo tirar e eu quando os ouvi no patamar da escada comecei a gritar depressa acudam que deu uma coisa ao primo Aurélio e o meu pai entrou e ficou muito aflito e pôs o ouvido no peito do primo Aurélio que estava ali muito caladinho estendendo no chão e o meu pai disse para a minha mãe este já patinou o que mostra como ele é bruxo porque não podia adivinhar porque eu tinha escondido o patim na arca onde a vovó guarda os chouriços e o meu pai trabalha todos os dias mas só ganha uma vez por mês e isso faz a vida muito difícil porque o dinheiro que o meu pai ganha de cada vez não chega até à outra vez e eu sei quando lá no escritório lhe pagam porque ele assobia na escada e no banho

durante uma semana e depois não assobia mais e começa a queixar-se de tudo que é uma desgraça mas ele quando ganha quer comprar tudo a minha mãe é que não o deixa porque diz que ele é que compra mas ela é que paga como quando foi da televisão que todos viam e agora só a vovó é que vê e julga que os anúncios são dos filmes e diz que aquilo é sempre igual e que há lá uma menina que faz todos os dias a mesma pergunta duma pasta de dentes que limpa e de outra que faz bem aos dentes e que todos os dias lhe respondem e que ela não há meio de aprender a resposta e como quando foi da máquina de tirar retratos que a minha mãe diz que saiu do dinheiro da praça e do tapete novo que saiu das economias da minha educação e por isso devia ser meu porque eu é que fiquei sem educação mas não é porque quando eu lhe entornei a tinta encarnada em cima deviam ter pena de mim que sou a dona do tapete mas desataram aos gritos e o meu pai bateu-me como se o tapete fosse dele e está tudo dito sobre o meu pai que também é pai do Zeca e que é filho da vovó não sei porquê porque nunca lhe bata.



Um programa radiotónico de Lisboa lançou a magnífica ideia de se acrescentar ao calendário das manifestações folclórico-sentimentais o «Dia da Avó». Parece que a iniciativa vai de vento em popa e de comovida lágrima ao canto do olho. Avó Mosca sobressalta-se com tão original cometimento, que vem reforçar indiscutivelmente o nosso alto conceito de Sangue e Família. Há muito que, no mais segregado dos esquecimentos, ela comemorava o dia da família, sem que aos extremos os avós fosse dedicada uma hora por ano de comemoração com o respectivo impacto no comércio, na publicidade e na frequência modulada.

Mas felizmente fez-se justiça. Vamos ver as montras da Baixa decoradas com corpetes, botinas, «long-



A MOSCA AVÓ

nons», bandós, retratos de Rodolhos Valentinos, idaguerotipos, mezinhas para o jogo do loto e mil e uma lembranças que os meninos de 1969 podem ternamente adquirir com vistas ao século passado.

Comemorações como estas são sempre de saudar. Conhecido internacionalmente o nosso afecto à família e em particular às avós, é de esperar que

elas tenham grande brilho e que instaurem uma nova tradição.

Em breve teremos a Obra das Avós — tudo o leva a crer. Será uma excelente oportunidade de convívio público com os adultos.

A Tábua Rasa poderá organizar um almoço literário com Cármen de Figueiredo à cabeça. Vasco Morgado oferecerá réctas de espectáculos e brindes

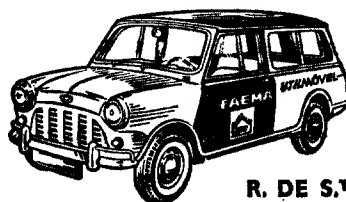
às espectadoras com mais de três netos de boa saúde mental comprovada.

E assim por diante.

Pelo exposto, «A Mosca» enfileira no glorioso enxame dos netos enternecidos e previne que de modo algum admite imitações grosseiras. Os primos, os órfãos e os parentes em terceiro grau podem desde já desiludir-se, que jamais terão o seu dia.

SUPREMA

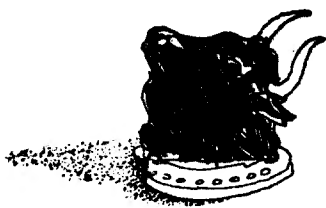
A BALANÇA DE EIXOS
ASSENTES EM
PEDRAS DE AGATA



VISITE O
NOSSO STAND
NA FEIRA
INTERNACIONAL
DE LISBOA
PAVILHÃO E

UTILMÓVEL

10 FILIAIS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO
DA HOTELARIA E COMÉRCIO ALIMENTAR
R. DE S.º AMARO (À ESTRELA), 17 A - LISBOA 2



Um conto de CAMILO JOSÉ CELA



(Continuação da 10.ª página)

a mesma resposta, fica uns instantes sem saber o que dizer.

— Ora a menina! Eu não sou curioso...

— Então?

— Era para a chamar pelo seu nome. Não quer dizer como é que se chama?

A banda arrancou com uma valsa e o par, que não se desprende, continua a conversar:

— Digo, pois. Chamo-me Paquita, para o servir.

Feita esta confissão, a rapariga fica um bocadinho atrapalhada e olha em seu redor.

— Olhe que isto é uma valsa, não me agarre com tanta força...

A valsa sucede um «pasodoble» e ao «pasodoble» outra valsa. De vez em quando, e como que para agradar a toda a gente, a charanga toca um fox de ritmo antigo, veloz e sincopado, como o voo dos gaviões.

Os pares têm um gesto entre cansado e ausente, e se prestassem um mínimo de atenção notariam que lhes doem os pés. A praça está apinhada com a gente das bancadas, das varandas, dos carros e dos balcões das tendas voltados, como um chocolate à espanhola, sobre a arena. Não se pode dar um passo, nem quase respirar. Ouve-se a campainha das rifas: «Há horas felizes! É a dez o número!» Berra o cornetim das variedades: «Os bailarinos de Paris, só por um dia». Grasna o velho torto dos churros chamando a atenção para a mercadoria: «Ai que eu deixo aqui a vida, estão a esquentar, estão a esquentar!» E um mendigo adolescente mostra as pernitais a um bando de criança, pasmado e negra de pó.

Enquanto de muito longe vem caindo a noite, começam a acender-se as tímidas luzes da praça. Por sobre o ruído ensurdecedor do povo em festa distinguem-se uma vez por outra alguns compassos de «Españ Cañí». Se de repente, como por milagre, morressem todos os foliões, poderia ouvir-se nesse estranho silêncio o lamento sem esperança do pobre «Horchatero Chico», que com uma cornada na barriga ainda não acabou de morrer. «Horchatero Chico», vestido com o traje de luces e moribundo, está deitado sobre uma enxada no salão nobre da Câmara. Rodeiam-no os peões de brega e um velho padre; o médico disse que passava por lá.

As luminárias vermelhas e verdes e amarelas e azuis das bancas de negócio também começam a acender-se. Um cachorro esquelético foge com um chouriço na boca por entre a gente e dois carteiristas vindos da capital actuam nas pessoas dos mirões duma partida de sueca no Café Madrileño.

Os rapazes mais afortunados falam, já sem dançar, com a rapariga propícia.

— Pois é como lhe digo, sou de ao pé daqui, sou de Collado.

A rapariga meneia-se como uma princesa.

— Ui, a malta da sua terra é toda uns bêbedos!

— Há pior, há pior.

— Isso é verdade...

Um grupo de raparigas, dando-se os braços, canta quadras com a música de «Ay qué tiol», e um grupo de magalas entoa canções patrióticas; ainda bem que são todos de Infantaria: se fossem de armas diferentes já tinham partido a cara uns aos outros.

Cai a noite; as perguntas dos rapazes adquirem um tom quase picante.

— Uma coisa, menina: tem namorado?

A rapariga fica sempre calada; por vezes ofendida; em certas ocasiões melindrada.

Um bêbedo perora sem ninguém a olhá-lo. Fóra da praça a brisa da noite sobe pelas vielas.

Sobrepondo-se ao surdo rumor do baile, quase ao compasso do «pasodoble» «Pán y toros», os sinos da matriz dobram a finados sem que ninguém os ouça.

«Horchatero Chico», natural de Colmenar, solteiro, de 24 anos de idade e matador de reses bravas

(novilhos e touros) por profissão, acaba de entregar a alma a Deus.

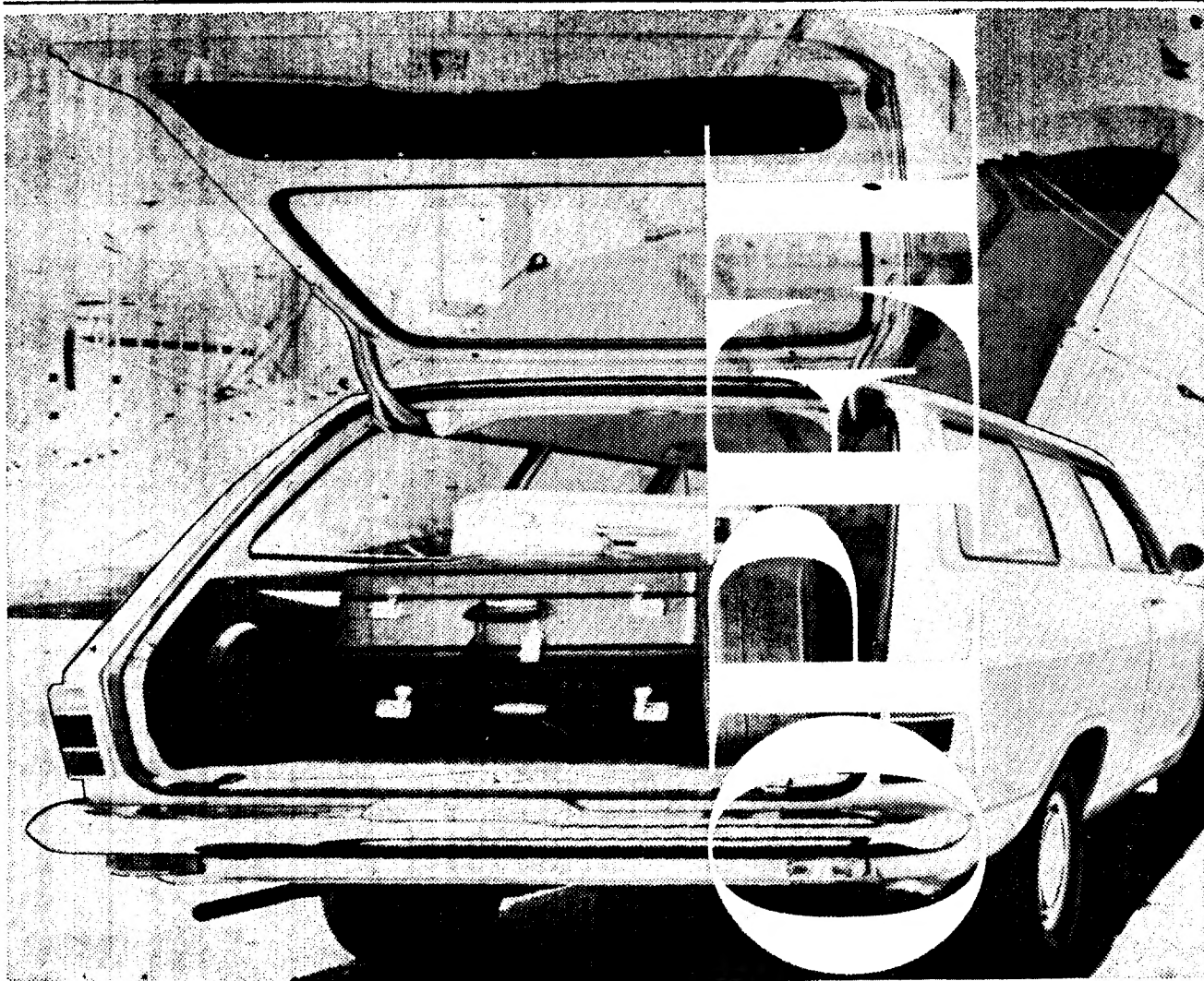
— Uma coisa, menina: já está comprometida?

A rapariga diz que não com um fio de voz emocionada.

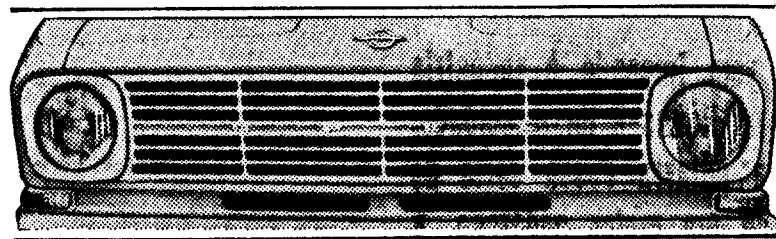
— Nesse caso dá licença que a prate por tu?

Ele e ela, no recanto mal iluminado, têm as mãos enlaçadas com ternura, como os bucólicos pares dos tapetes.

Um morcego voa, entontecido, a rasar os toldos de lona das tendas e das barracas.



A EUROPA ELEGE A SUA CARAVAN



Antes era difícil distinguir — entre tantas marcas diferentes — uma só que reunisse todas as características que exigimos numa CARAVAN. Mas isso era dantes! Hoje a técnica alemã oferece-lhe a possibilidade de possuir a CARAVAN que faltava: CARAVAN OPEL KADETT.

OPHEL

A TÉCNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

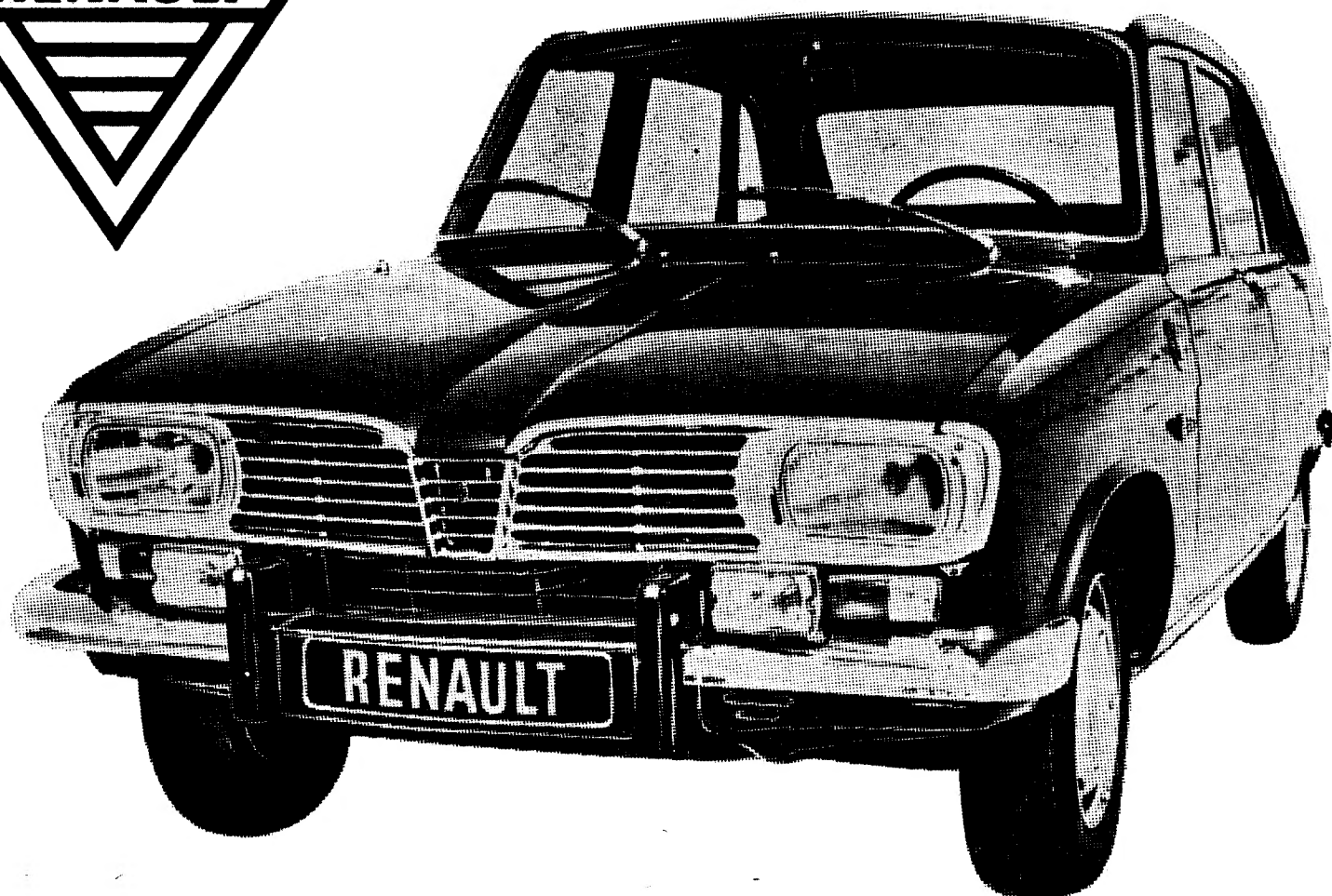
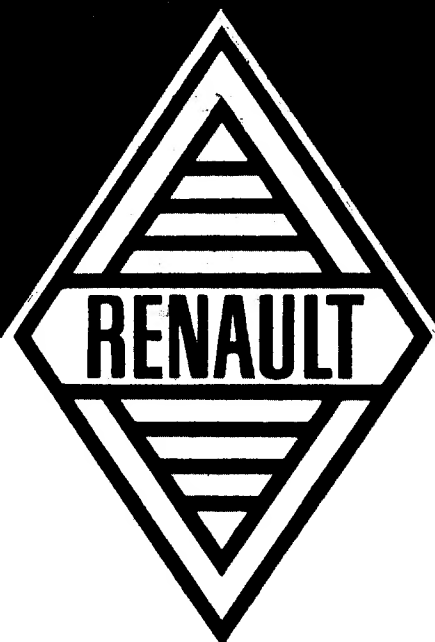


Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país.

Kadett
CarAVan

70

anos
de prestígio
e personalidade



Há 70 anos que a Renault vem impondo à indústria automóvel novas concepções de linhas e de velocidade. O Renault 16 TS é a última palavra dessa série de triunfos. Tem a autoridade de um motor poderoso, a garantia de uma segurança irrepreensível e o super-conforto de uma exigência requintada. É evidentemente um carro de prestígio Renault.

RENAULT  **16 TS**
MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

RENAULT chegou... e ultrapassou!

importadores exclusivos:

U T I C

Av. da Liberdade, 136-1.º — Lisboa

Av. dos Aliados, 195 — Porto

EM EXPOSIÇÃO NOS AGENTES RENAULT

25' rosto



Um pouco de escândalo esvazia os armazéns

Este homem escreveu «A 25.ª Hora» que será a hora insólita, a hora honesta do quotidiano europeu. O livro foi «best seller» universal. Gheorghiu surgiu como voz independente que se ergue contra os totalitarismos e que põe a nu a verdadeira face da Roménia.

Eis, pois, Gheorghiu tal como aparece nas badanas dos seus livros. Ei-lo agora em Portugal, em corpo inteiro, a revelar-nos uma outra hora, a vigésima sexta. No Porto, a convite da Associação dos Homens de Letras, ele vai efectuar uma conferência sobre o fenómeno da contestação. Em Lisboa, o escritor que escolheu as vestes de monge, revela-se frontalmente com a sua face mais íntima escondida.

«Como é a Roménia?»

«A Roménia», disse-nos o romancista C. Virgil Gheorghiu, «é um estado-prisão com duas espécies de gente: os guardas e os prisioneiros.»

Alto, seco de carnes, sorriso fugidio encimado por um par de óculos perfeitamente anónimo, o autor de «A 25.ª Hora» não se escusou

a falar. Fê-lo até com muita veemência, arredondando certas frases por meio de gestos onde ressumava um inegável talento histriónico.

«Vocês, portugueses, cristianizaram metade da humanidade. Agora é preciso cristianizar os bolchevistas!»

«Como é a Roménia?»

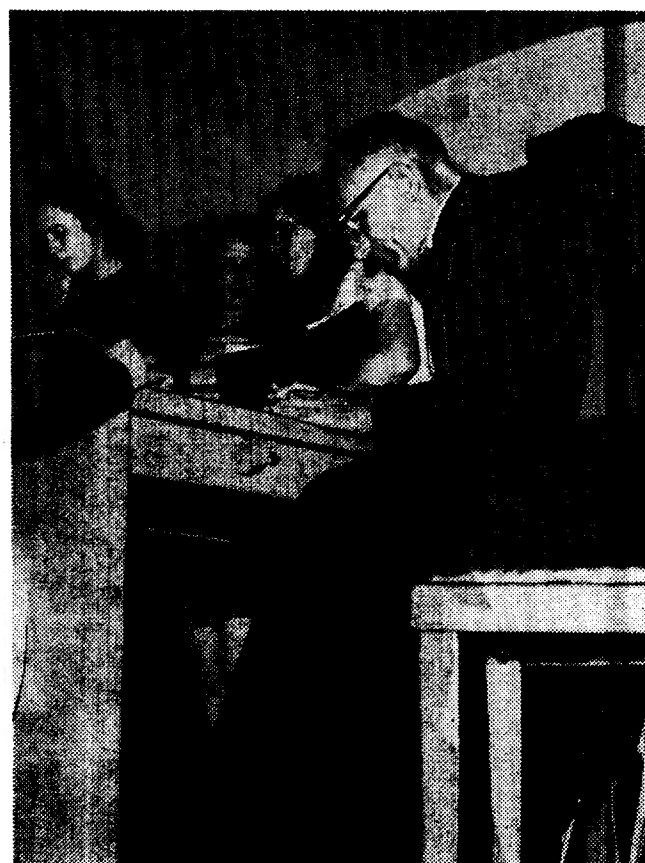
«A Roménia», disse-nos o ex protegido de Gabriel Marcel, «é um país onde se tortura gente. Já pedi por várias vezes um salvo-conduto para lá voltar. Mas as autoridades francesas negam-me esse salvo-conduto. Aham que eu podia ser drogado e utilizado com fins de propaganda.»

Radicado em Paris desde 1947, Virgil Gheorghiu publicava ali, pouco depois, a versão francesa do seu original (manuscrito) «A 25.ª Hora. Foi um êxito. Estávamos em plena guerra-fria e fábulas desse género serviam os desígnios do State Department e da Central Intelligence Agency. Tanto bastou para Gheorghiu conseguir um lugar ao sol na produção livreira.

«A Roménia», disse-nos há dias o intransigente anti-semita de Bucareste, «nada tem que ver com a tranquila imagem proposta pelo sr. Nicolae Ceausescu. É um país onde se passa muita, muita fome. O povo alimenta-se de milho e água. No Verão faz sopa de ervas para enganar o estômago.»

Os primeiros tempos de Gheorghiu em França foram um verdadeiro prelúdio da glória. Mas não tardou a sugerir-se que o exilado teria feito jogo pouco limpo durante a ocupação do seu país pelo exército alemão, e os mesmos intelectuais da direita que o incensavam — Gabriel Marcel á cabeça — voltaram rapidamente atrás.

Entretanto o escritor de grande venda nada sofreu com isso: um pouco de escândalo ajuda a esvaziar os armazéns. A sua terceira visita a Portugal, com sessões de autógrafos em Lisboa e no Porto, terminou agora e foi mais um consolador sucesso. Filas compactas de leitores (grande percentagem de leitoras, como pudemos averiguar) massacraram-no durante horas. Para todos havia uma frase bonita. Uma de duas frases: «Ao sr. fu-



«Homenagem muito respeitosa...»

lano, homenagem muito respeitosa do autor» ou «Ao sr. fulano, recordação do nosso encontro em Lisboa».

(Ah, escrever sempre também cansa!)

MÁRTIR

«Há um ano fui a Nanterre falar aos enragés. Partiram-me os óculos e arrancaram-me a cruz.»

«Teve medo?»

«Não. Zanguei-me, claro! Mas no fundo estava contente. A minha vocação é para mártir.»

Virgil Gheorghiu, oriundo duma família onde todos os filhos varões se ordenam desde há cinco séculos, é sacerdote ortodoxo.

«Pertencço á Santa Igreja Ortodoxa Romana em França», explicou-nos. «O meu arcebispo vive em Bucareste e é deputado comunista. Foi isso que eu comecei por dizer aos enragés.»

A cena veio em todos os jornais. Despedido com apupos, Virgil Gheorghiu não se deu por achado.

«Sou um homem só. Mas o Espírito Santo faz-me mais forte que todas as armadas do mundo.»

Continua a escrever torrencialmente. Os seus romances têm agora, porém, a estrutura frágil de tudo o

que é feito á sobreposse: para pôr em dia o contrato.

ESPIÕES

Virgil Gheorghiu disse a um jornal da manhã que gostaria de escrever um sermão ao estilo das aventuras de James Bond.

«Seria um sucesso», argumentou, «ao mesmo tempo que se atingiriam os fins em vista.»

Aliás o homem só está cercado por espiões. O arcebispo comunista, as homilias sobre a paz no Vietnã, os padres funcionários do partido.

«Na Roménia a policia secreta tem escolas de onde saem metropolitas e sacerdotes. Conheci alguns!», disse-nos Gheorghiu com voz exaltada.

Logo a seguir proporia outra imagem do sacerdote ortodoxo romeno, paupérrimo e classificado como parasita:

«Na Roménia os padres comem tão pouco. Não sei como resistem. Há camponeses, por exemplo, que deixam parte de um batal por colher. O padre vai lá de noite e enche o seu saco...»

Terminou, arrebatado: «A vida tem um gosto de cinza. O dia mais feliz da minha vida será quando morrer.»

Patxi Andion

(Continuação da 11.ª página)

algo mais do que uma coisa que se ouve comodamente: que denuncia, desperte, mesmo que isso seja incómodo para quem ouve», e exemplifica, cantando de novo:

«La Jacinta dará olvido la Jacinta vende amor, cuántas horas de sudores con su cuerpo requemó.

Cuánto frío, cuánta hambre cuántos días de luchar se quedaron en el cuarto que tiene encima del bar.»

Não apenas pela idade, mas sobretudo pela forma e conteúdo das suas canções, Patxi faz parte da mais recente e lucida geração da música popular de Espanha. Geração a que pertencem nomeadamente Luís Eduardo Aute, Manolo e Joaquín Díaz, Joan Manuel Serrat, Mari Trini, Ramon, Paco Ibañez, alguns dos que fizeram a música popular espanhola entrar na idade da razão.

«Ideologicamente formamos todos um movimento. Estamos unidos porque temos objectivos comuns» e acrescenta «creio que Serrat é a melhor voz da nova canção espanhola. Joaquim Díaz tem uma voz impessoal e pouco comunicativa, não interpreta quando canta. Ramon tem uma voz de fogo e apoia numa música deficiente palavras de grande actualidade, pan-

telárias. Paco Ibañez é o mais francês dos novos cantores espanhóis, muito Bransens».

É talvez com a canção francesa que a nova música de Espanha mais está aparentada. Leo Ferré terá influenciado mais os novos autores e intérpretes espanhóis do que Dylan.

«Reconheço a influência de Brel na maneira de construir uma canção. Mas o que verdadeiramente influenciou a minha música, e acho que mesmo a nossa música, foi o folclore do meu país.»

A melodia moderna com raiz numa melodia tradicional, evolução natural, processo lógico na construção duma música verdadeiramente de expressão nacional.

«Quase todas as regiões de Espanha têm a sua música de características definidas. No que respeita ao meu país, há uma enorme tradição musical. Cantam-se ainda hoje canções populares com mil e oitocentos anos. Existe portanto uma autêntica canção basca que no entanto, e apesar do Euskal Erriak ser um país muito fechado, sofreu inúmeras influências e que hoje está muito próxima, principalmente pela semelhança dos temas sociais que aborda, duma canção catalã, galega ou valenciana».

Mais autor que intér-

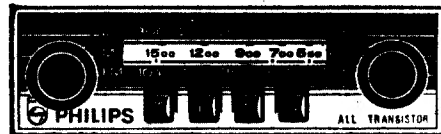
prete, Patxi Andion é, além de poeta-cantor e músico, escultor, pintor, jornalista e estudante de engenharia.

«São apenas aspectos diferentes da minha personalidade. Procuro ser eu próprio em cada uma dessas actividades, e ser eu próprio sem que tenha que fazer concessões, isto é, sem que para gravar as minhas canções tenha também que gravar a Juanita Banana. Pretendo acima de tudo dizer o que tenho para dizer»

À Mosca, disse.

O SEU CARRO TEM QUASE TUDO ...

... Complete-o com um



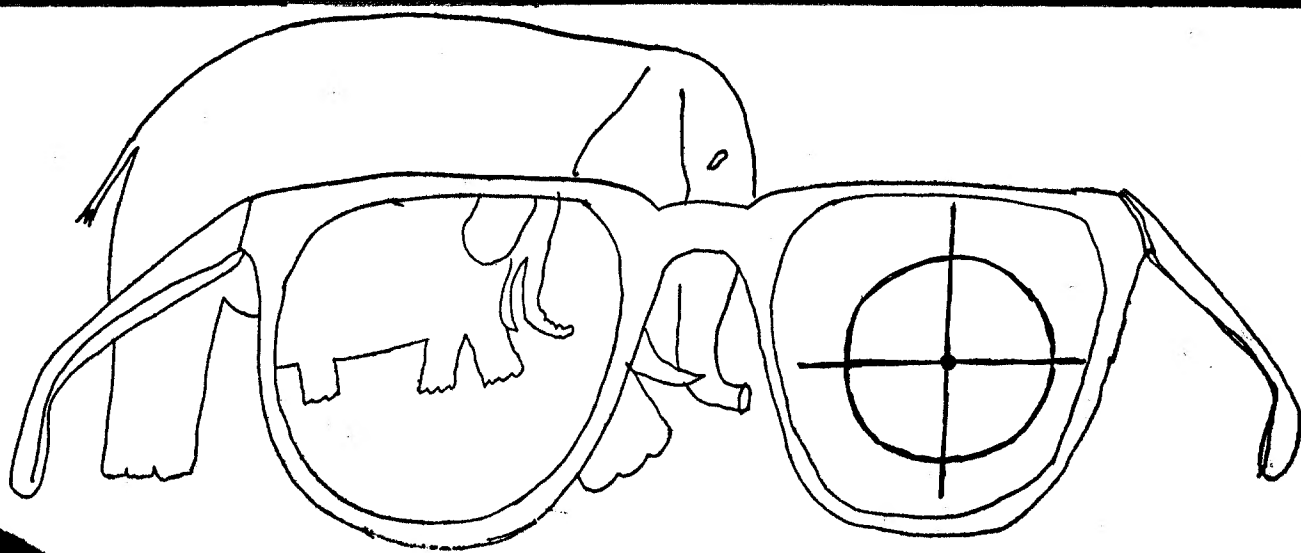
9 MODELOS À SUA ESCOLHA COM A QUALIDADE, O SERVIÇO E A GARANTIA DE UMA MARCA FAMOSA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PHILIPS
EM TODO O MUNDO



MONTAGENS NO CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA, AV. LUÍS BIVAR, 85-A R. PINHEIRO CHAGAS, 66 LISBOA - TELEF. 560200 MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA - ACESSÓRIOS DE ORIGEM.

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS



Cartoons de
JORDÃO

